

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

ANA CAROLINA DE AZEVEDO MELLO

BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO -
PR: DESAFIOS DOS MEDIADORES DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES

MARINGÁ – PR
2016

ANA CAROLINA DE AZEVEDO MELLO

BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO -
PR: DESAFIOS DOS MEDIADORES DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES

Dissertação apresentada à Universidade de Maringá,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Letras, área de concentração: Estudos
Literários

Orientadora: Prof^a Dr^a Alice Áurea Penteado Martha

MARINGÁ - PR

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

M527b Mello, Ana Carolina de Azevedo
Bibliotecas públicas e escolares da cidade de
Cornélio Procópio, PR: desafios dos mediadores de
leitura para a formação de leitores / Ana Carolina de
Azevedo Mello. -- Maringá, 2016.
139 f.: Il.; fotos.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade
Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras
e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

1. Formação de leitores. 2. Mediadores de leitura.
3. Sociologia da leitura. I. Martha, Alice Áurea
Penteado, orient. II. Universidade Estadual de Maringá.
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de
Pós-Graduação em Letras. III. Título.

418.4 21.ed.

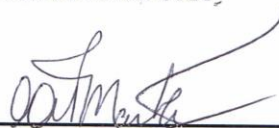
ANA CAROLINA DE AZEVEDO MELLO

**BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR:
DESAFIOS DOS MEDIADORES DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Literários**.

Aprovado em 31 de março de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Alice Aurea Penteado Martha
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Profª Drª Sônia Aparecida Lopes Benites
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr. Thiago Alves Valente
Universidade Estadual Norte do Paraná – UENP/Cornélio Procópio-PR

Aos mediadores de leitura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pelas graças recebidas e por ter colocado pessoas especiais em meu caminho, sem as quais não conseguiria concretizar esse trabalho:

Ao meu filho, Vinícius, pela felicidade e por despertar em mim o desejo de transformar o mundo em que ele vive em um lugar melhor.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, pelos sacrifícios realizados para nos proporcionar a melhor educação, pelos valores, e pelo apoio e incentivo na concretização dos nossos sonhos.

Ao meu irmão, Matheus, pelo amor recíproco e companheirismo. Às minhas avós, pelas orações, pelos conselhos sábios e por me ensinarem a ter fé. Aos meus familiares e amigos, que acreditaram e incentivaram minhas conquistas.

Ao meu namorado, Renan, pela paciência, apoio, abraços nas horas mais difíceis e pela sorte de um amor tranquilo.

À Francielli e Gabriela, amigas e companheiras de mestrado, e às meninas da república que carinhosamente ofereceram-me um segundo lar e muitas risadas.

Ao amigo querido, Luís Renato, pela amizade de décadas, apoio e torcida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa do Ensino Superior (CAPES), pela concessão de bolsa para a realização do curso de Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

À Alice Áurea Penteado Martha, querida orientadora, pelos ensinamentos, confiança e oportunidade de concretizar esse trabalho, acreditado nele, mesmo quando era apenas desejo e possibilidade.

Aos professores e funcionários do PLE - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá - pelos ensinamentos e apoio a mim oferecidos.

Aos professores da banca examinadora, Thiago Alves Valente, Renilson José Menegassi e Sonia Aparecida Lopes Benites, por terem atendido ao convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este trabalho.

Aos professores da UENP de Cornélio Procopio, em especial, ao professor Thiago Alves Valente, por terem incentivado minha carreira acadêmica e acreditado em meu potencial.

Aos mediadores de leitura, professores, diretores e supervisores das escolas e bibliotecas, Secretaria Municipal de Educação e Núcleo Regional de Educação de Cornélio Procopio, por gentilmente, contribuírem com esse trabalho, respondendo aos questionários.

*O gosto pela leitura não pode surgir da
simples proximidade material com os livros.
Um conhecimento, um patrimônio cultural,
uma biblioteca, podem se tornar letra morta se
ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente
pouco à vontade em aventurar-se na cultura
letrada devido à sua origem social, ao seu
distanciamento dos lugares do saber, a
dimensão do encontro com um mediador, das
trocas, das palavras “verdadeiras”, é
essencial.*

(MICHÈLE PETIT)

RESUMO

O presente estudo é o resultado de uma investigação sobre o papel desempenhado pelos mediadores de leitura que são lotados em bibliotecas públicas e escolares da cidade de Cornélio Procópio, situada no Norte do Paraná, trazendo para o centro da discussão a importância desse espaço como local de formação de leitores. A hipótese de trabalho foi de que, nas bibliotecas, as práticas de fomento à leitura de modo geral, e da literária, especificamente, se dão de modo disperso e, muitas vezes, intuitivo. A partir de um estudo piloto, realizado por meio da aplicação de 20 questionários, tanto nas bibliotecas públicas quanto nas escolares, detectamos uma série de fatores que dificultam o trabalho dos mediadores de leitura quanto à democratização do acesso, fomento à leitura e formação de leitores. Por meio do aparato teórico da Sociologia da leitura, buscamos estender a análise para todas as escolas estaduais, particulares, municipais e bibliotecas públicas da cidade de Cornélio Procópio, com o intuito de compreendermos a realidade vivenciada pelo Município, no que se refere à existência ou não de práticas positivas de fomento à leitura nestas instituições, bem como se os desafios encontrados pelos profissionais das bibliotecas são oriundos do entorno social em que estão inseridos, da falta de subsídios teóricos, que os levam à práxis intuitiva, e/ou da insuficiência de políticas públicas e da incipiente sistematização do conhecimento do trabalho a ser desenvolvido nas bibliotecas. Para a concretização da pesquisa, fizemos um estudo sobre a visão do leitor no decorrer da história, como este passou a ser compreendido a partir da Sociologia da leitura e das teorias da recepção, e a importância das instâncias mediadoras, especificamente, a biblioteca, e dos mediadores de leitura nesta mudança de paradigmas. Outrossim, apresentamos programas e ações governamentais criados em prol da leitura no Brasil, com o intuito de compreendermos se de fato estes amparam os mediadores em suas funções. A apuração dos resultados apontou, dentre outras dificuldades, que em todas as instituições analisadas, apenas uma pequena parcela dos mediadores realiza práticas sistematizadas de leitura, os trabalhos são feitos de modo intuitivo, pois os profissionais das bibliotecas não têm conhecimento da existência de políticas públicas a nível municipal, estadual ou federal que os auxiliem em seus trabalhos, e que os maiores desafios são vivenciados pelas bibliotecas que dependem do Município como órgão gerenciador de recursos financeiros e humanos para subsidiar o exercício da formação de leitores.

Palavras-chave: Biblioteca; Mediadores de leitura; Formação de leitores; Sociologia da leitura

ABSTRACT

This study is the result of an investigation about the role played by reading mediators that are settled in public libraries and school libraries in the city of Cornélio Procópio, located in the North of Paraná, bringing to the center of discussion the importance of this space as a place of readers' formation. The hypothesis of this work was that, in libraries, the practices of reading development, in general, and literary development, specifically, occur in a scattered and often intuitive way. From a pilot study, conducted through the application of 20 questionnaires, both in public libraries and in school libraries, we detected a number of factors that hinder the work of reading mediators, as far as it concerns the democratization of access, reading promotion and formation of readers. Through the theoretical apparatus of the Sociology of Reading, we sought to extend the analysis to all state, private, municipal and public libraries of the city of Cornélio Procópio, with the goal of understanding the reality experienced by the city, with regard to whether or not there is a positive promotion of reading practices in these institutions, as well as understanding if the challenges faced by professionals of libraries come from the social environment in which they live, the lack of theoretical basis that lead them to intuitive practice, and/or failure of public policies and the incipient systematization of knowledge of the work being developed in the libraries. To make the research concrete, we conducted a study on the reader's view throughout history, on how this has become to be understood by the Sociology of Reading and by the reception theories, and on the importance of the mediator instance, more specifically, the library, and of the reading mediators in this paradigm shift. Likewise, we presented governmental programs and actions designed to promote reading in Brazil, in order to understand if indeed those measures bolster the mediators in their functions. The calculation of results showed that, among other difficulties, in all institutions analyzed, only a small number of mediators perform positive systematized reading practices. The works are made intuitively, since library professionals are unaware of the existence of public policies in municipal, state or federal level to assist them in their work. Also, the greatest challenges are experienced by libraries that depend on the city as a managing body of financial and human resources to support the exercise of the readers' formation.

Keywords: Library; Reading mediators; Readers' formation; Sociology of Reading.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil Socioeconômico– Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	122
Quadro 2 - Quem lia em sua infância? - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	123
Quadro 3 - O que mais gostava de fazer? - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	123
Quadro 4 - Quem lhe contava histórias? - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	123
Quadro 5 - Histórias ouvidas na infância - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	124
Quadro 6 - Histórias lidas na infância - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	124
Quadro 7 - Os livros eram lidos por você? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	124
Quadro 8 - Escolha da profissão: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	125
Quadro 9 - Gosta de ler? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	125
Quadro 10 - Costuma ler? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	125
Quadro 11 - Leituras correntes - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	126
Quadro 12 - Leituras realizadas nos últimos 3 meses - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	126
Quadro 13 - Considera os livros de literatura importantes? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas.....	127
Quadro 14 - Frequência de leitores nas bibliotecas - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	127
Quadro 15 - Gêneros lidos nas bibliotecas - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	127
Quadro 16 - Indicação de livros - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	128

Quadro 17 - Realização de práticas de leitura na biblioteca - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas.....	128
Quadro 18 - De que conhecimentos se vale para trabalhar como mediador? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas	129
Quadro 19 - De que maneira você colabora para a formação do leitor? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas.....	130
Quadro 20 - Práticas de leitura na biblioteca? Escolas Particulares que não possuem mediador de leitura	130
Quadro 21 - De que conhecimentos a escola se vale para trabalhar como mediador? Escolas Particulares que não possuem mediador de leitura	131
Quadro 22 - Formação do leitor: Escola Estadual que não possui mediador de leitura	131
Quadro 23 - Perfil dos respondentes - Escolas Municipais.....	132
Quadro 24 - Considera-se leitor? - Escolas Municipais.....	132
Quadro 25 - Considera a leitura importante para a formação da criança? - Escolas Municipais	132
Quadro 26 - : Acha a biblioteca um espaço social necessário para a formação do leitor? - Escolas Municipais	133
Quadro 27 - Como é a biblioteca da sua escola? - Escolas Municipais.....	133
Quadro 28 - A escola possui biblioteca e mediador de leitura? - Escolas Municipais	134
Quadro 29 - Os alunos participam de atividades de leitura? - Escolas Municipais.....	134
Quadro 30 - Os alunos realizam empréstimos de livros? - Escolas Municipais	135
Quadro 31 - A escola realiza projetos de leitura? - Escolas Municipais.....	135
Quadro 32 - Como são adquiridos os livros de sua escola? - Escolas Municipais.....	136
Quadro 33 - Qual a importância das obras do PNBE para sua escola? - Escolas Municipais	136
Quadro 34 - De que conhecimentos o mediador de leitura ou a escola se valem para contribuir para a formação do leitor? - Escolas Municipais.....	137
Quadro 35 - De que maneira o Município contribui para a formação do leitor? - Escolas Municipais	137
Quadro 36 - Quais desafios e dificuldades para a formação do leitor? - Escolas Municipais	138
Quadro 37 - Sugestões para melhoria do potencial do uso da biblioteca nas Escolas Municipais- Escolas Municipais.....	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência mensal de leitores: bibliotecas das Escolas Estaduais, Particulares e Bibliotecas Públicas	73
Tabela 2 - Frequência mensal por categoria: bibliotecas das Escolas Estaduais, Particulares e Bibliotecas Públicas	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Piso térreo da Biblioteca Pública Municipal	62
Figura 2 - Piso superior da Biblioteca Pública Municipal	62
Figura 3 - Biblioteca (piso térreo).....	62
Figura 4 - Biblioteca (piso superior).....	62
Figura 5 - Biblioteca Cidadã Professora Izabel Arantes de Campos	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABF - ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS FRANCESES

BULL - *BULLETIN*

CELEPAR - COMPANHIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO PARANÁ

CMEIS - CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

CRAS - CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

DLLL - *DEPARTMENT OF LANGUAGES, LITERATURES & LINGUISTICS*

DLLLB - DIRETORIA DE LIVRO, LEITURA, LITERATURA E BIBLIOTECAS

FBN - FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

FNDE - FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

FNLIJ - FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IDEB - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

IDHM - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL

INAF - INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL

INL - INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

JEEP - PROGRAMA JOVENS EMPREENDEDORES PEQUENOS PASSOS

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO

MINC - MINISTÉRIO DA CULTURA

PDDE - PROGRAMA DINHEIRO DIRETO NA ESCOLA

PNAIC - PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

PNBE - PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA

PNC - PLANO NACIONAL DE CULTURA

PNLL - PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA

PPP - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

SAI/MINC - SECRETARIA DE ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL/ MINISTÉRIO DA CULTURA

SEBP - SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

SEED - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

SESI - SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

SNBP - SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

STN - *SOCIÉTÉ TYPOGRAPHIQUE DE NEUCHÂTEL*

TIC - TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

UENP - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ

UTFPR - UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2	CAMINHOS DA PESQUISA.....	20
2.1	METODOLOGIA.....	20
2.2	ETAPAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	20
2.3	O CONTEXTO PROCOPENSE	22
2.3.1	Bibliotecas Públicas.....	25
2.3.2	Bibliotecas Escolares	25
3	LEITURA, BIBLIOTECA E MEDIAÇÃO	27
3.1	A LEITURA E O LEITOR	27
3.1.1	Os perigos advindos da leitura	28
3.1.2	Os receptáculos da escrita e as maneiras de ler	29
3.1.3	Leitores: “caçadores furtivos”	32
3.2	UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA NO CAMPO DA LEITURA.....	34
3.3	BIBLIOTECAS: EVOLUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL.....	41
3.3.1	Origem e evolução das bibliotecas	41
3.3.2	Bibliotecas: apoio ao saber.....	42
3.3.3	O nascimento de uma profissão: Os bibliotecários da ABF.....	44
3.4	AS BIBLIOTECAS NO BRASIL	46
3.4.1	Programas governamentais em prol da leitura nas bibliotecas escolares: dos anos 1990 aos dias atuais	49
3.4.2	Programas governamentais em prol da leitura nas bibliotecas municipais: dos anos 1990 aos dias atuais	51
3.5	A MEDIAÇÃO E OS MEDIADORES DE LEITURA.....	53
4	ENTRE O CONTEXTO PÚBLICO E O ESCOLAR: A MEDIAÇÃO	59
4.1	A MEDIAÇÃO DA LEITURA NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS, BIBLIOTECAS DAS ESCOLAS ESTADUAIS E ESCOLAS PARTICULARES	60
4.1.1	Biblioteca Pública Municipal Prof. ^a Edna Saad Bonfim Carnevalle	60
4.1.2	Biblioteca Cidadã Professora Izabel Arantes de Campos	63
4.1.3	Bibliotecas escolares: Escolas Estaduais e Particulares.....	65
4.1.4	O perfil socioeconômico dos mediadores de leitura	65
4.1.5	História de Leitura	66
4.1.6	Mediadores de leitura são leitores?.....	69

4.1.7 Representações das Bibliotecas Escolares e Públicas: o mediador como formador de leitores	72
4.1.8 Escolas Estaduais e Particulares sem bibliotecas e/ou mediadores de leitura.....	82
4.2 A REALIDADE DAS BIBLIOTECAS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS	84
5 ENTRE OS DETERMINISMOS SOCIAIS: AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS E AS BIBLIOTECAS ESCOLARES.	101
5.1 O CONTEXTO ESCOLAR	102
5.1.1 Escolas Estaduais.....	102
5.1.2 Escolas Particulares	102
5.1.3 Escolas Municipais	103
5.2 O CONTEXTO PÚBLICO	104
5.2.1 Bibliotecas Públicas.....	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICES	112
APÊNDICE A.....	113
APÊNDICE B.....	117
APÊNDICE C.....	119
ANEXOS.....	121
ANEXO A: ESCOLAS ESTADUAIS, PARTICULARES E BIBLIOTECAS PÚBLICAS	122
ANEXO B: ESCOLAS MUNICIPAIS.....	132

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A evolução do conhecimento do homem deve-se, notoriamente, às mudanças ocorridas na maneira de se comunicar, à introdução da leitura e da escrita, à produção, circulação e recepção de textos. Portanto, se a mola propulsora do conhecimento humano é a leitura em sua íntima ligação com a escrita, é possível afirmarmos que o processo de evolução da cultura escrita e da memória esteve amparado pelo desenvolvimento das bibliotecas.

A existência e o funcionamento das bibliotecas devem-se à preservação, organização e mediação dos documentos de informação gerados pelo homem no decorrer da história, como locais de referência para os leitores de todos os tipos, e servindo de suporte e orientação ao serviço acadêmico e escolar, tanto para lazer como para recreação da leitura. Atualmente, as bibliotecas públicas e escolares vivem a necessidade de reforçar o compromisso de incentivar as manifestações culturais, oferecendo um panorama de leituras variadas, estimulando reflexões e divulgando iniciativas de grande relevância para professores, alunos e leitores. Assim, além da Escola, a Biblioteca é a instituição que tem a responsabilidade de formar leitores e abrir espaços para a apropriação da leitura e da escrita.

O trabalho do bibliotecário é fundamental para o exercício da função educativa das bibliotecas na formação do leitor. Porém, este ofício tem sido carente de pesquisas e políticas públicas, uma vez que são muitas as dificuldades vivenciadas pelos profissionais em encontrar formulações que embasem as práticas de formação de leitura. Além disso, são escassas ações e estudos que enfoquem a formação de profissionais de biblioteca para o reconhecimento do material disponibilizado e suas possibilidades de mediação. Outrossim, as políticas públicas que dão suporte aos profissionais das bibliotecas no processo de aproximação do leitor aos livros se realizam de modo disperso.

É necessário salientarmos que, neste estudo, ao se fazer necessário citar o profissional responsável pelo trabalho desenvolvido na biblioteca, preferimos utilizar o termo “mediador de leitura”. Isto se deve ao fato de, para Arnold Hauser (1977), as instâncias responsáveis por tornarem a obra de arte acessível ao público serem mediadoras; ademais, a nomenclatura substitui a designação de bibliotecário, haja vista que os respondentes aqui referenciados não possuem formação acadêmica em Biblioteconomia e/ou inscrição no Conselho Regional de Biblioteconomia.

É vasta a pesquisa acadêmica acerca do papel da biblioteca, porém, os pesquisadores são, em sua maioria, bibliotecários, estudantes da Ciência da Informação e da Educação. Desta forma, os estudos levantados sobre o assunto possuem como foco a capacitação dos

profissionais de biblioteca em como planejar, implementar, administrar e organizar bibliotecas e sistemas de acesso e recuperação de informação. Contudo, são muitos os militantes cujos trabalhos e pesquisas refletem sobre o relevante papel das bibliotecas e dos mediadores em prol da formação de leitores no Brasil. Na área de Biblioteconomia é importante o reconhecimento dos trabalhos realizados por pesquisadores que abordam o significado social da biblioteca: Silvia Castrillón (2011) e Luís Milanesi (1983, 1993, 2013).

Castrillón é um dos nomes mais importantes no que se refere às políticas públicas de apoio à leitura e à escrita na América Latina. É defensora do papel do bibliotecário, da educação e democracia, das políticas públicas e participação social. Em sua obra *O direito de ler e escrever*, publicada no Brasil em 2011, apresenta questões importantes sobre a formação e os desafios dos bibliotecários. Convoca-nos, também, a pensar as políticas públicas de leitura, reivindicando o direito à escrita, muitas vezes esquecido à sombra da leitura, além de politizar as bibliotecas, repensando-as como muito mais que um lugar de acesso à informação.

Luís Augusto Milanesi, autor de *O que é biblioteca* (1983), obra reeditada em 2002 com o título *Biblioteca, é bibliotecário*, escritor e professor universitário brasileiro. Grande entusiasta das tecnologias digitais, tem sido um incentivador de sua implementação em bibliotecas, arquivos e afins, bem como a mudança nos paradigmas da biblioteca, da biblioteconomia e do bibliotecário, tornando-os mais adaptados para a realidade digital convergente contemporânea, o que inclui a chamada biblioteca digital.

Na área de Educação, há pesquisas que refletem sobre o papel preponderante da biblioteca como importante instrumento no apoio didático-pedagógico, bem como sobre suas possibilidades de interação e cooperação entre docentes e bibliotecários. Waldeck Soares da Silva, autor da obra *Miséria da biblioteca escolar* (1994), busca retratar os problemas enfrentados pelas bibliotecas escolares no Brasil. Um exemplo é a falta de um enfrentamento científico, o qual é capaz de suscitar indagações a respeito dos problemas vivenciados por estas instituições, bem como de formular questões e subsídios teóricos que contribuam para superação da miséria da biblioteca escolar, criticando a Ciência da Informação e as autoridades que se silenciam perante os problemas da leitura no país.

A pesquisa *Mediadores e espaços de leitura: a prática em escolas municipais de Presidente Prudente* (2009), realizada por Denise Alexandre Perina apresenta uma análise e contextualização das práticas adotadas e dos espaços utilizados para o ensino da leitura. O trabalho foi orientado pela Profa. Dra. Renata Junqueira de Souza, organizadora da obra *Biblioteca escolar e práticas educativas* (2009), cujo intuito é refletir sobre o porquê de eximirem-se – pesquisadores e formadores de docentes –, de uma ação essencial, no bojo de

políticas de distribuições e acesso a bens impressos para o ambiente escolar. Avalia-se que a formação do mediador de leitura responsável pela biblioteca escolar é imprescindível para a formação de leitores plenos.

Rovilson José da Silva, professor Doutor do Departamento de Educação da UEL, diretor de Bibliotecas do Município de Londrina, pesquisador da área de formação de leitores, formação de mediadores de leitura e biblioteca escolar, em seu artigo intitulado *Leitura, biblioteca e políticas de formação de leitores no Brasil* (2009a), aponta a inexistência de políticas públicas contínuas nas bibliotecas, tanto nas públicas quanto nas escolares, que contribuam para o aprimoramento cultural, para a inserção da população à cidadania. Em sua obra *Biblioteca escolar e a formação de leitores* (2009b) propõe formular um modelo de formação do mediador de leitura em biblioteca escolar que possa ser aplicado em qualquer lugar do Brasil.

Outra pesquisa relevante refere-se à investigação levantada em 181 escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, que resultou no trabalho organizado por Aparecida Paiva, *Literatura fora da caixa – O PNBE na escola - distribuição, circulação e leitura* (2012). Tal trabalho buscou compreender quem são e como atuam os profissionais das bibliotecas, como se dá a distribuição de livros de literatura do PNBE para as bibliotecas escolares e qual é a efetiva repercussão do programa nas práticas de leitura literária no espaço escolar.

Inúmeras são as pesquisas realizadas pela área de Letras no que se refere à formação do leitor literário e a recepção da leitura literária em bibliotecas. Ressaltamos os importantes trabalhos que foram desenvolvidos e/ou orientados por Regina Zilberman (1989, 2008, 2009), Vera Teixeira Aguiar (2006), Ezequiel Theodoro da Silva (2010, 2013), Alice Áurea Penteado Martha (2006), João Luís Ceccantini (2014), Thiago Alves Valente (2014), entre outros.

São relevantes os estudos orientados por Vera Teixeira Aguiar, tais como *Entre o livro e a leitura: um clic de mediação*, tese defendida por Ana Elisa Prates no ano de 2009; e *Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura*, dissertação defendida por Katiane Crescente Lourenço em 2010. O primeiro trabalho buscou avaliar uma ação de formação do leitor literário em oficinas extraclasse, voltadas a crianças de 7 a 14 anos e em situação de risco social, na Oficina de Literatura e Biblioteca da ação continuada denominada CLIC, do Centro de Estudos Literários - Núcleo de Leitura Literária e Multimídia. O empenho se deu em analisar as dinâmicas propostas, os recursos materiais e tecnológicos oferecidos e o papel do mediador para a qualificação constante do processo de formação de leitores desenvolvido no CLIC. Já o segundo trabalho teve como finalidade apresentar a criação de uma proposta

para a formação do mediador de leitura literária, alicerçada nos resultados de uma experiência empírica de pesquisa por meio da oferta de um curso de formação.

Nesta linha, destaca-se o trabalho orientado por Alice Áurea Penteado Martha, *Práticas de leitura e biblioteca no imaginário de adolescentes do Ensino Médio em Guarapuava- PR*, dissertação defendida por Lucas Santos Macedo, que procurou identificar as representações de leitura e de bibliotecas no imaginário de estudantes do Ensino Médio do Município de Guarapuava-PR. Os objetivos foram verificar de que modo os problemas enfrentados na realidade das bibliotecas interferem nas representações de leitura e bibliotecas e comparar as representações da leitura entre usuários da biblioteca escolar com as de usuários da biblioteca pública municipal, a fim de perceber se o comprometimento com o processo ensino/aprendizagem (ou sua ausência) intervém nessa representação.

O projeto de pesquisa sediado no campus da UENP de Cornélio Procópio e coordenado por Thiago Alves Valente, intitulado *A leitura e os jovens leitores: práticas de letramento no Norte Pioneiro-PR* (2014), apresenta grande relevância por possuir como escopo a intervenção regional como gerenciador e fomentador de políticas públicas para a promoção da leitura, ou mais especificamente, para a formação de leitores na região conhecida como Norte Pioneiro, do Estado do Paraná.

Há um número significativo de artigos, dissertações, teses e obras sobre leitura e bibliotecas. Contudo, ainda são escassos os trabalhos cujo enfoque refere-se ao papel desempenhado pelo mediador de leitura neste espaço social, sobretudo nas bibliotecas públicas. Frente a tais pesquisas, o objetivo desta Dissertação foi compreender os desafios vivenciados pelos mediadores de leitura nas bibliotecas públicas e escolares da cidade de Cornélio Procópio-PR, subsidiando políticas de leitura preocupadas em trabalhar novos conceitos com os mediadores na expectativa da redução da práxis intuitiva.

Esperamos que este estudo contribua para o avanço da reflexão sobre a relevância da biblioteca na democratização da leitura e da importância do papel desempenhado pelos mediadores de leitura, de forma que sejam buscadas soluções para os problemas enfrentados pelas bibliotecas, não apenas da cidade de Cornélio Procópio, mas em todo país. De modo específico, buscamos:

- Realizar um levantamento sobre as práticas de mediação de leitura realizadas nas bibliotecas escolares e públicas de Cornélio Procópio-PR;
- Delimitar se as práticas de leitura realizadas configuram-se em um saber sistematizado que embasem os trabalhos de mediação de leitura;

- Verificar a articulação das ações dos mediadores de leitura com outras práticas ou políticas públicas de fomento à leitura;
- Comparar as práticas de trabalho com a leitura entre mediadores das bibliotecas escolares e mediadores das bibliotecas públicas.

A fundamentação teórica deste estudo pautou-se especialmente em reflexões sobre a considerada importância da leitura e o incentivo de ações que favoreçam a formação de leitores. Para tal empenho, realizamos um diálogo entre os postulados da teoria da Sociologia da leitura e da literatura – Gilbert Mury (1974), Robert Escarpit (1977), Arnold Hauser (1977), Roger Chartier (1995, 1999, 2001), Michèle Petit (2010, 2012, 2013), Alberto Manguel (1997a, 1997b), Regina Zilberman, (1989, 2008, 2009), Anne Marie Chartier e Jean Hébrard (1995) – e autores cujas teorias propõem que a biblioteca, além de preservar a memória e organizar as informações, ofereça ao usuário a possibilidade de também ele produzir bens culturais, como Milanese (2013) e Waldeck Carneiro da Silva (2003).

Para a articulação destas ações com outras práticas ou políticas públicas de fomento à leitura literária e não literária, como organização e funcionamentos das bibliotecas, o estudo pautou-se em autores como Silvia Castrillón (2011) e Rovilson José da Silva (2006).

Com o intuito de demonstrar uma proposta teórico-metodológica embasada na junção entre teoria e prática, escolhemos apresentar a fundamentação teórica seguida da análise e síntese dos resultados da pesquisa empírica, ficando o estudo subdividido em cinco capítulos.

No capítulo I, apresentamos a contextualização da pesquisa, considerações teóricas e justificativa da escolha. Já no capítulo II, os pressupostos metodológicos, levantamento de dados sobre o cenário procopense, instrumentos e procedimentos utilizados ao longo da pesquisa, enquanto no III revisamos os pressupostos teóricos dos principais autores da Sociologia da leitura, por possuírem como um dos principais elementos de seus estudos a mediação, e por possibilitarem o estudo empírico do papel desempenhado pelo mediador de leitura. Os discursos sobre a leitura, história das bibliotecas e políticas públicas de leitura realizadas no Brasil, no período que se estende de 1990 até os dias atuais, foram discutidos com o intuito de compreender as concepções e comportamentos dos mediadores de leitura na biblioteca.

No capítulo IV, realizamos a articulação entre a análise dos resultados com as leituras teóricas sobre biblioteca e leitura, seguida da síntese da apuração dos dados levantados pela pesquisa exploratória, a qual foi realizada no contexto público e no contexto escolar. E, por fim, no capítulo V, apresentamos as nossas considerações sobre a realidade de mediação de leitura recorrente no cenário procopense.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 METODOLOGIA

Para a consecução dos objetivos propostos por este estudo, e reconhecendo a amplitude e a heterogeneidade dos espaços examinados, adotamos um suporte metodológico que, de forma crítica, pudesse aliar a teoria à prática por meio de um processo científico. Por adentrar no campo das ciências aplicadas, o trabalho foi realizado à luz das Ciências Sociais, a fim de evitar a rigorosa objetividade e o juízo de valor subjetivo das pesquisadoras quanto à análise dos dados levantados. Neste sentido, a Sociologia da leitura tornou-se o referencial teórico capaz de potencializar a pesquisa.

Este trabalho apresenta um conjunto de problemas abertos à experimentação, reflexão e propostas. Não foram esgotadas as possibilidades de pesquisa, nem mesmo poder-se-á dizer que as reflexões aqui realizadas totalizam a realidade procopense. Porém, a importância deste estudo deve-se ao fato de buscar compreender os desafios dos mediadores para a promoção da leitura e formação de leitores, em dois campos específicos: a Biblioteca Pública e a Biblioteca Escolar.

2.2 ETAPAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Escolhemos analisar, por meio da pesquisa exploratória, amparada pela Sociologia da leitura, se as práticas de fomento à leitura desenvolvidas pelos mediadores estão restritas à promoção da leitura, e se o mediador tem conhecimento da extensão de sua atividade ou age de forma intuitiva. Para tal empenho, investigamos (i) o perfil e o hábito de leitura dos mediadores da biblioteca, (ii) a motivação deles para a fomentação das práticas de formação de leitores em contexto escolar e não escolar e (iii) a existência de políticas públicas que os auxiliem em tais práticas.

O estudo caracterizou-se por ser do tipo quantitativo, qualitativo e explicativo, já que buscou investigar o papel desempenhado pelo mediador de leitura, apresentando reflexões sobre o papel da biblioteca e os desafios para o trabalho de formação de leitores. Procuramos realizar sondagens e levantamento de dados no contexto público e escolar da Cidade de Cornélio Procopio, tomando a pesquisa como relevante para uma região de Índice de

Desenvolvimento Humano (IDH) comprometido pelas desigualdades sociais em grande escala. Outrossim, ao definirmos que os sujeitos da pesquisa seriam os mediadores de leitura em bibliotecas, levamos em consideração as diferentes realidades socioeconômicas. Para tanto, os questionamentos foram elaborados de forma que pudessem englobar todas as bibliotecas públicas e escolares da cidade, localizadas tanto na periferia como na região central.

No que diz respeito à busca bibliográfica, foram incluídos tanto o levantamento de informações dos conceitos teóricos como os dados do contexto social e histórico da cidade de Cornélio Procópio. Já para a realização do trabalho empírico, utilizamos a forma de registro: questionário. A aplicação dos questionários foi realizada em três momentos, sendo a primeira em fevereiro e março de 2015. Esta resultou em um levantamento de dados coletados por meio da aplicação piloto de 20 questionários (Apêndice A) a funcionários responsáveis pelas bibliotecas de Escolas Municipais, Estaduais, Particulares e de Bibliotecas Públicas da cidade de Cornélio Procópio.

A análise dos resultados obtidos pela aplicação da pesquisa piloto diagnosticou dados preocupantes, os quais tornaram necessária uma nova investigação. Um destes dados, por exemplo, foi a rarefeita existência de bibliotecas e de mediadores de leitura nas Escolas Municipais de Cornélio Procópio. Para tanto, sentimos a necessidade de elaboramos um novo questionário (Apêndice B), de modo que pudesse ser respondido pelos diretores e/ou supervisores da rede municipal de ensino. Com este novo material, foi possível compreendermos como, na ausência de mediadores de leitura e bibliotecas, as escolas trabalham com a mediação de leitura e formação de leitores. Deste modo, os mediadores de leitura das bibliotecas das Escolas Estaduais, Particulares e Bibliotecas Públicas responderam a um determinado questionário (Apêndice A) e os diretores e/ou supervisores das Escolas Municipais responderam a outro (Apêndice B).

Para que pudéssemos ter uma visão mais ampla sobre os desafios encontrados pelos mediadores de leitura na cidade de Cornélio Procópio, nos meses de agosto e setembro de 2015, concretizamos o segundo momento da aplicação dos questionários. Nele, buscamos englobar todas as escolas da rede básica de ensino da cidade, acrescentando à pesquisa empírica, a aplicação dos questionários (Apêndice B) às 16 Escolas Municipais e às 4 Escolas Estaduais e 2 Escolas Particulares (Apêndice A) que não haviam participado da aplicação piloto. Conseguimos analisar 30 dos 34 questionários aplicados, os quais foram respondidos por todas as Escolas Estaduais (11), as Escolas Particulares (5), as Bibliotecas Públicas Municipais (2) e 12 das 16 Escolas Municipais.

O terceiro momento da aplicação dos questionários deu-se no mês de outubro de 2015. Este surgiu a partir da necessidade de elaborarmos um novo questionário (Apêndice C) para que fosse respondido pelos funcionários responsáveis pelas duas Bibliotecas Públicas de Cornélio Procópio, os quais já haviam respondido ao questionário da aplicação piloto (Apêndice A), a fim de obtermos maior conhecimento a respeito dos desafios vivenciados pelos mediadores de leitura nesses espaços.

2.3 O CONTEXTO PROCOPENSE

A cidade de Cornélio Procópio situa-se próxima aos limites do Paraná com o Estado de São Paulo, às margens do Rio Paranapanema, mais precisamente no terceiro planalto sedimentar paranaense, na região Nordeste do Paraná. Sua origem histórica se deu com a construção da estrada de ferro São Paulo-Paraná e com a corrente migratória de São Paulo e Minas Gerais, que buscava encontrar na região solo fértil para a produção do café. Em 1931, quando foi inaugurada a estação ferroviária Cornélio Procópio, denominação dada em homenagem ao coronel Cornélio Procópio, o local já era um povoado regularmente habitado, com tendência a crescer progressivamente. Em 1938, tal distrito conquista sua emancipação político-administrativa, elevando-se a Município e Comarca no ano de 1938, pelo decreto nº 6.212, de 18 de janeiro de 1938, sendo que a implantação do Município deu-se a 15 de fevereiro daquele mesmo ano.

A agricultura foi atividade preponderante desde a origem do Município até as décadas de 1950/60. E, dentro dela, o café foi “produto-rei”. Pelos seus milhões de cafeeiros e pela alta produtividade das lavouras que alcançaram até 200 sacas de café em coco por mil pés de café, na região do Paiolão, cuja fertilidade do solo teve repercussão nacional, Cornélio Procópio foi a “Capital Mundial do Café” antes do desmembramento de seus antigos Distritos (BRASIL, 1988, p.18).

Este cenário sofreu bruscas mudanças a partir da década de 1950, quando começaram a surgir grandes crises na cafeicultura, tanto de ordem climática como política e social. A partir de 1970, Cornélio Procópio deixou a dependência total da agricultura, passando para a economia agroindustrial e comercial.

Em 2016, comemoraram-se seus setenta e oito anos e, de acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, o Município possui uma área de 638 km², uma densidade demográfica de 73,48 hab/km² e população estimada em 46.928 habitantes. Segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES)², Cornélio Procópio apresenta um índice de desenvolvimento humano médio (IDH-M) de 0,759, ocupando a 20ª posição entre outros municípios paranaenses; apresenta PIB per capita de 18.988,26, sendo suas principais atividades econômicas: agropecuária (bovinos, equinos, galináceos, ovinos, suínos, soja, milho, trigo), indústria e comércio.

Embora Cornélio Procópio apresente um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)³ mais alto que a média do Estado do Paraná, que é de 0,749, e ocupe 383ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros, podemos refletir sobre a má distribuição da renda per capita da cidade. Mesmo com o crescimento de 95,51% da renda per capita nas últimas duas décadas, passando de R\$ 423,61, em 1991, para R\$ 828,19, em 2010, e com a diminuição da proporção de pessoas pobres, ou seja, com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00 (valores de agosto de 2010) passando de 23,72%, em 1991, para 5,21%, em 2010, ainda podem ser observadas desigualdades sociais em grande escala, como a taxa de 16,15 % de vulneráveis à pobreza e 29,97% de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal.

O município é composto de dois distritos: Cornélio Procópio (sede) e Congonhas, também possuindo jurisdição sobre os municípios de Leopólis e Sertaneja. Cornélio Procópio, desde sua emancipação política, destaca-se no cenário regional em diversos aspectos, a exemplos, por seu polo de microrregião geoeconômica e educacional, pelos escritórios de representação dos núcleos regionais de diversas secretarias estaduais – como a da Educação, da Agricultura, do Trabalho e da Saúde – e pelos serviços e agências também estaduais e federais.

¹ Censo 2010, dados obtidos através do portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - <http://www.ibge.gov.br/> (Acesso em 15 de junho de 2015).

² Perfil avançado do município de Cornélio Procópio, dados obtidos através do portal do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES - <http://www.ipardes.gov.br/> (Acesso em 15 de junho de 2015).

³ Perfil do município de Cornélio Procópio, dados obtidos através do portal Atlas Brasil - <http://www.atlasbrasil.org.br/> (Acesso em 15 de junho de 2015).

No aspecto educacional⁴, Cornélio Procópio possui 24 estabelecimentos de Ensino Pré-escolar; 45 estabelecimentos de Ensino Fundamental; 10 estabelecimentos de Ensino Médio. Apresenta também duas instituições públicas de Ensino Superior: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e cinco instituições privadas de Ensino Superior: Faculdade Cristo Rei; Faculdade Dom Bosco; Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); Faculdade FAKCEN e UniCesumar.

O município conta com duas bibliotecas públicas: Biblioteca Pública Municipal “Prof.^a Edna Saad Bonfim Carnevalle” e Biblioteca Cidadã “Professora Izabel Arantes”. Há também a Biblioteca do Serviço Social do Comércio (SESC), a qual, embora seja voltada para os comerciários e seus dependentes, atende a toda a comunidade.

A cidade possui um Núcleo Regional de Educação que atende dezenove⁵ municípios e microrregiões. O Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB)⁶ registrado em 2013 é de 5,4 para os anos iniciais e 4,2 para os anos finais. Portanto, está na 2171^a posição entre os 5.565 municípios do Brasil, quando avaliados os alunos dos anos iniciais, e na 2.294^a, no caso dos alunos dos anos finais. Quando analisada a sua posição entre os 399 Municípios do Estado do Paraná, Cornélio Procópio está na 228^a posição nos anos iniciais, e na 159^a nos anos finais.

Não há, por parte da Secretaria de Cultura e da Secretaria de Educação, um projeto cultural consolidado que propicie à comunidade procopense eventos culturais e educacionais de renome e tradição. Os eventos desenvolvidos, atualmente, pela Secretaria de Cultura, são escassos, podendo ser destacados o “Cinema nos Bairros”, as exposições artísticas e as festas comemorativas do município.

No cenário cultural procopense destacamos o Festival Poético, evento realizado desde 1985, que tem abrangência nacional e se configura num espaço de revelação de novos talentos da poesia. É promovido por institutos como Sesc, Rotary Club de Cornélio Procópio, Lions Club, Academia de Letras, Artes e Ciências de Cornélio Procópio, Prefeitura do Município de Cornélio Procópio e Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

⁴ Dados gerais do município de Cornélio Procópio, obtido no site oficial da Prefeitura do Município de Cornélio Procópio <http://www.cornelioprocopio.pr.gov.br/> (Acesso em 11 de junho de 2015).

⁵ Dados obtidos através do portal do Núcleo Regional da Educação (SEED) - <http://www.nre.seed.pr.gov.br/> (Acesso em 10 de junho de 2015).

⁶ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), dados obtidos através do portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) – <http://ideb.inep.gov.br/> (Acesso em 10 de junho de 2015).

2.3.1 Bibliotecas Públicas

Há duas bibliotecas públicas que atendem à comunidade procopense: Biblioteca Pública Municipal “Prof.^a Edna Saad Bonfim Carnevalle” - gerida pela Secretaria de Cultura do Município – e Biblioteca Cidadã “Professora Izabel Arantes”⁷, projeto da Secretaria de Estado da Cultura, porém, sob gerência da Secretaria de Educação do Município. Estão localizadas na região central da cidade e próximas entre si, ao mesmo tempo em que distantes do público e das escolas localizadas na periferia.

Uma vez que não encontramos a maioria das informações substanciais sobre tais espaços sociais de leitura, como o número de obras que compõem o acervo, número de funcionários, histórico das bibliotecas, frequência média mensal, motivações de uso das bibliotecas, caracterização do espaço físico – tanto em documentos e trabalhos científicos quanto no próprio Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) – buscamos investigar tais dados por meio de aplicação de questionários, entrevistas com os funcionários e observação dos espaços, os quais foram descritos quanto à análise dos espaços.

2.3.2 Bibliotecas Escolares

Analizamos, neste estudo, 12 dos 16⁸ estabelecimentos em que a Secretaria de Educação de Cornélio Procópio desenvolve o processo educacional a nível municipal, sendo:

- Escola Municipal Comendador Gino Azzolini;
- Escola Municipal Dep. Nilson Baptista Ribas;
- Escola Municipal Dr. Acyr Ivo Carazzai;
- Escola Municipal Padre Antonio Lock;
- Escola Municipal Professora Eunice Gatti Gomes;
- Escola Municipal Professora Yolanda Gonçalves Correa;
- Escola Municipal Professor Ângelo Mazzarotto;
- Escola Municipal Professor Aníbal Campi;
- Escola Municipal Professor Atila Silveira Brasil;
- Escola Municipal Professor Lourenço Filho;
- Escola Municipal Vereador Damasco Adão Sottile;
- Escola Municipal Vitorino Gomes Henriques.

⁷Relação das Bibliotecas Cidadãs, dados obtidos através do site - <http://www.cultura.pr.gov.br> (Acesso em 10 de junho de 2015).

⁸Dados gerais do município de Cornélio Procópio, obtido no site oficial da Prefeitura do Município de Cornélio Procópio <http://www.cornelioprocopio.pr.gov.br/> (Acesso em 11 de junho de 2015)

Em todos os estabelecimentos de ensino atendidos pelo Núcleo Regional de Educação de Cornélio Procópio os questionários foram respondidos, sendo eles as seguintes escolas:

- Colégio Estadual Alberto Carazzai;
- Colégio Estadual André Seugling;
- Colégio Estadual Castro Alves;
- Colégio Estadual Cristo Rei;
- Colégio Estadual Dulce de Souza Carvalho (localizada no distrito de Congonhas);
- Colégio Estadual Monteiro Lobato;
- Colégio Estadual Professor William Madi;
- Colégio Estadual Vandy de Almeida;
- Colégio Estadual Zulmira Marchesi Silva;
- Escola Estadual Major João Carlos de Faria;
- Escola Estadual Padre Manuel da Nóbrega.

A pesquisa também foi realizada nos cinco estabelecimentos particulares de ensino da cidade de Cornélio Procópio:

- Colégio Dom Bosco;
- Colégio Nossa Senhora do Rosário;
- Colégio Novo Milenium;
- Escola Rui Barbosa e Colégio Águia Master;
- Escola Suzana Wesley.

Tendo em vista a amplitude e a heterogeneidade dos espaços mencionados, sua descrição minuciosa foi realizada durante a análise dos dados obtidos no presente estudo. Podemos mencionar que a maioria das Escolas Estaduais e todas as Escolas Particulares respondentes possuem o espaço físico da biblioteca e pelo menos um funcionário responsável pela mediação de leitura. Contudo, esta não foi a realidade encontrada nas Escolas Municipais da cidade de Cornélio Procópio, haja vista que grande parcela das escolas em que foram aplicados os questionários não possui o espaço físico da biblioteca e/ou não possuem responsáveis pela biblioteca, acervo e mediação de leitura. Desta forma, não houve a possibilidade de analisarmos as bibliotecas da Rede Municipal de Ensino em conjunto com as bibliotecas das Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas, visto que os questionários elaborados eram direcionados aos responsáveis pela biblioteca. Na ausência deste profissional nas Escolas Municipais de Cornélio Procópio, solicitamos aos diretores ou supervisores para que respondessem às questões sobre a biblioteca e as práticas de leitura realizadas pelas instituições, para que pudéssemos reconhecer a realidade das escolas que atendem, em especial, o público infantil.

3 LEITURA, BIBLIOTECA E MEDIAÇÃO

3.1 A LEITURA E O LEITOR

O leitor emerge da história do livro, na qual ele esteve por um longo tempo confundido, indistinto (...) O leitor era considerado um efeito do livro. Hoje ele se destaca desses livros dos quais se julgava ser um reflexo harmonioso. Eis que o reflexo se delineia, ganha o seu relevo, adquire uma independência.

(Michel de Certeau)

A epígrafe de Michel de Certeau (*apud* Chartier, 1994, p. 14), com a qual iniciamos este capítulo, remete-nos ao entendimento de que nem sempre o leitor ocupou lugar importante dentro dos estudos literários. À história da leitura se entrelaçam as histórias individuais de todos os leitores, porém, durante muito tempo, a relação do público com o livro se deu de forma subversiva. Podemos refletir que, historicamente, o leitor foi reconhecido como um mero reproduzidor de ideias, e a leitura imposta como instrumento de poder e exclusão social.

É certo que, a partir do século XVIII, o leitor alcançou visibilidade quando a predileção por determinadas obras provocou o aparecimento e a consolidação de certos gêneros artísticos. Contudo, desde os primeiros tratados sobre a leitura, a atenção exclusiva era voltada às qualidades intrínsecas do texto e aos leitores especializados. A sacralização das obras passou a repetir o que a história da leitura ofereceu aos leitores comuns: torná-las inacessível.

Somente no final do século XX, o leitor foi alçado a uma posição privilegiada dentro dos estudos literários. Isto ocorreu, mais precisamente na década de 1960, com a efervescência das teorias da Recepção, as quais reivindicavam “uma teoria da literatura que levasse em conta, primeiro e primordialmente, o leitor” (ZILBERMAN, 2008, p. 57).

Demonstramos, neste capítulo, por meio das mudanças nos objetos de leitura e das maneiras de ler, os caminhos percorridos pelo leitor até tornar-se reconhecido pela ciência literária como um dos componentes fundamentais da tríade autor-obra-público - terminologia empregada por Antonio Candido (1965), fundamental desde então para os estudos de literatura e leitura. Em seguida, trataremos da relevância e as proposições das novas ciências da leitura, que emergiram na contramão das correntes teóricas que propagavam a autossuficiência do texto e não se preocupavam com a percepção do público. A Sociologia da leitura foi estudada com maior ênfase, pois considera o público como fator ativo no sistema

literário, lida com o leitor real, com os textos consumidos pelas classes trabalhadoras e com o material que ficou de fora da história da literatura. Além disso, reconhece a importância das instituições mediadoras da leitura, por exemplo, a biblioteca, como espaço social que privilegia a leitura, onde foi efetivada nossa pesquisa.

3.1.1 Os perigos advindos da leitura

A dicotomia entre vida e leitura é ativamente estimulada pelos donos do poder. Os regimes populares exigem que esqueçamos, e portanto classificam os livros como luxos supérfluos; os regimes totalitários exigem que não pensemos, e portanto proíbem, ameaçam e censuram; ambos, de um modo geral, exigem que nos tornemos estúpidos e que aceitemos nossa degradação docilmente, e portanto estimulam o consumo de mingau.

(Alberto Manguel)

Para se comunicar, transmitir informações, consolidar laços societários e adquirir conhecimento, o homem desenvolveu a linguagem e, posteriormente, formas de registrá-la e compreendê-la, como a escrita e a leitura. Ambas possuem uma relação de interdependência, pois, para que o texto escrito cumpra sua função de perpetuação e ubiquidade da memória, é substancial a atuação do leitor para lhe dar existência e significado.

O leitor foi, por muito tempo, visto e mantido como agente passivo da leitura, quando não proibido do acesso às letras. Tal posição deve-se, principalmente, ao fato de a leitura ser símbolo de poder e ao entendimento das autoridades dos perigos que dela decorrem.

Desde sua origem, a posse do livro representava luxo. Devido ao seu alto custo, era restrito à nobreza, ao clero e à burguesia, e as mulheres eram impedidas de aprender a escrever, podiam ouvir as histórias em voz alta, desde que tais textos não as fizessem ansiar por coisas pecaminosas. Escravos, servos e operários arriscavam suas vidas para serem alfabetizados. Os livros permitidos não poderiam solapar a autoridade dos governos, atacar a Igreja ou ferir a moralidade convencional, caso contrário, os leitores seriam julgados pela Inquisição e outros órgãos legitimadores. Governos totalitários temiam que os indivíduos lessem e se revoltassem, e milhares de livros foram queimados em fogueiras, enquanto outros circulavam secretamente pelos canais de comércios clandestinos.

Tal realidade também pode ser percebida no decorrer da história, quando muitos livros foram queimados com a premissa de incitarem a fé, a moral e ameaçarem os poderes vigentes.

Como séculos de ditadores souberam, uma multidão analfabeta é mais fácil de dominar; uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, o segundo melhor

recurso é limitar seu alcance. Portanto, como nenhuma outra criação humana, os livros têm sido a maldição das ditaduras (MANGUEL, 1997, p.35).

Conforme Manguel (1997), em Berlim, no ano de 1933, vinte mil livros foram queimados diante uma multidão de cem mil pessoas, enquanto discursos contra a leitura eram proferidos. Em 1872, em Nova York, Anthony Comstock fundou a Sociedade para a Extinção do Vício, destruindo 160 toneladas de livros, que para ele eram considerados literatura obscena. Em 1959, a Sagrada Congregação da Inquisição Romana publicou o Index - Índice dos livros proibidos, que a Igreja considerava perigosos para a fé e a moral dos católicos - entre centenas de obras teológicas e outras tantas obras de autores seculares. A pesquisa realizada por Robert Darnton faz uma excursão pelos caminhos editoriais na França do século XVIII, cujas obras proibidas pela censura do Estado circulavam secretamente por meio de uma elaborada organização do mercado livreiro. O livro era um símbolo poderoso contra os opressores, que sabiam do poder da palavra escrita.

No Brasil, nas décadas de mil novecentos e trinta e quarenta, o escritor Monteiro Lobato foi alvo da censura. Por serem considerados perniciosos, opostos à ideologia política e cristã e subversivos para a formação dos leitores daquele período, seus livros foram retirados de algumas bibliotecas escolares e até queimados pela “Liga Universitária Católica Feminina”. Embora a censura esperasse restringir por completo a circulação das obras do autor, elas continuaram circulando por todo país, inclusive nas escolas públicas.

3.1.2 Os receptáculos da escrita e as maneiras de ler

O livro assumiu inúmeras formas ao longo do tempo. Seu formato modificou-se conforme as necessidades e evolução das sociedades. O códice e a tela do computador, utilizados atualmente, por exemplo, nem sempre foram os espaços empregados para receber a tecnologia da escrita.

As tabuletas mesopotâmicas, do 4º milênio a.C., eram blocos de argila quadrados e cabiam na mão. A argila era conveniente para fazer tabuletas e o papiro podia ser transformado em rolos manuseáveis. Mais tarde, o pergaminho e o velino, feito de peles de animais, eram cortados ou dobrados em diversos tamanhos e divididos em colunas pelos escribas, e se tornaram os materiais que possibilitaram o transporte e o manuseio de padres, autoridades e estudantes. Com a descoberta do códice, a superfície bem delimitada da página

– inicialmente de papiro ou de pergaminho – tornou-se a superfície branca da página de papel. Atualmente, com a escrita digital, surge um novo espaço de escrita: a tela do computador.

O espaço de escrita relaciona-se também com os gêneros e usos de escrita, condicionando as práticas de leitura e de escrita: na argila e na pedra não era possível escrever longos textos, narrativas; não podendo ser facilmente transportada, a pedra só permitia a escrita pública em monumentos; a página, propiciando o códice, tornou possível a escrita de variados gêneros, de longos textos (SOARES, 2002.p. 149).

Segundo Soares (2002), o espaço físico e visual da escrita é fator determinante para as práticas de escrita e de leitura. A leitura em voz alta, por exemplo, era norma corrente desde os primórdios, pois as antigas escritas não separavam as palavras, não utilizavam pontuação e estavam, em sua maioria, presentes em monumentos públicos. Antes da invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros eram propriedades da elite dominante e, por este motivo, a leitura pública era prática comum na Idade Média. Nas cortes e nas casas mais humildes, os livros eram lidos em voz alta para os familiares e amigos, com a finalidade não somente de instrução como também de divertimento.

Ouvir histórias também se tornou uma maneira de estudar para aqueles que eram impedidos de aprender a escrever e a ler: mulheres, escravos, nativos e servos. Até o século XIX, os escravos americanos aprenderam a ler em condições extraordinariamente difíceis, arriscando a vida pelo direito às letras. Muitos aprenderam o ofício enquanto acompanhavam as crianças em suas aprendizagens.

A leitura silenciosa tornou-se comum somente no século III d.C. A introdução dos sinais de pontuação e a invenção do códice - rolo de páginas dobradas - possibilitaram a leitura íntima e solitária do leitor, além do desenvolvimento de novas práticas de leitura do livro, proporcionando mais liberdade, e da desconfiança e do medo dos governos e dos próprios cristãos, pois facilitaram a comunicação sem testemunhas entre o livro e o leitor. “Roger Chartier atribuiu a essa mudança um papel revolucionário, tão ou mais significativo que a invenção da imprensa” (CHARTIER *apud* Zilberman, 2008, p.56).

Embora a leitura silenciosa tenha facilitado a aproximação do leitor com os livros, de acordo com Manguel (1997), na Baixa Idade Média e no começo da Renascença, aprender a ler e escrever era privilégio da Igreja e da aristocracia; posteriormente, no século XVIII, da alta burguesia.

O método escolástico, surgido antes da metade do século XV, foi durante muito tempo responsável por ensinar as letras aos meninos em toda Europa, aliando os preceitos da fé religiosa com os argumentos da razão humana. Os alunos aprendiam as regras de cor. A

ortografia não era uniforme e a pontuação, errática. O importante seria ser capaz de recitar e comparar as interpretações das autoridades reconhecidas e tornar-se um homem melhor, sem tocar na relevância de descobrir a significação particular nos textos.

Ainda conforme Manguel (1997), em 1441, um novo método, inspirado pelos humanistas, introduziu mudanças fundamentais no ensino. Os livros passaram a ser discutidos em classe, as regras gramaticais explicadas e os textos clássicos passaram a ser trabalhados, os quais, embora jamais deixados inteiramente abertos à interpretação dos estudantes, eram rigorosa e sistematicamente dissecados. Percebe-se que, na metade do século XV, ao menos na escola humanista, a leitura estava gradualmente se tornando responsabilidade de cada leitor individual. Os leitores deveriam ler por si mesmos e, por vezes, determinar valor e significado, à luz das autoridades. Tal liberdade deve-se, também, à repentina disponibilidade de livros logo após a invenção da imprensa.

Uma grande mudança ocorreu na Europa, na metade do século XV, a qual não somente diminuiu o tempo para a confecção do livro como também aumentou enormemente sua produção e qualidade, “alterando para sempre a relação do leitor com aquilo que deixava de ser um objeto único e exclusivo confeccionado pelas mãos de um escriba. A mudança, evidentemente, foi a invenção da imprensa.” (MANGUEL, 1997, p.157)

À medida que as obras se popularizaram e tornaram-se mais baratas do que as manuscritas, a posse do livro passou a ser não mais um símbolo de riqueza, mas uma ferramenta essencial para os estudos. Centenas de leitores puderam ter exemplares idênticos, mais pessoas aprenderam a ler e a escrever.

Os livros surgiam com as mais variadas aparências. Maiores eram as opções para os leitores, oferecidas pelas editoras que competiam no mercado livreiro. A imprensa “deu aos leitores um símbolo de sua própria ubiquidade” (*ibidem*, p.171). O livro tornou-se objeto menos aristocrático, menos proibitivo e menos grandioso. Havia livros para ler nas bibliotecas e nas casas. As editoras passaram a publicar reimpressões dos melhores autores em brochuras coloridas, oferecendo obras de qualidade, com ampla distribuição e baixo custo, com uma grande variedade de títulos, podendo ser compradas em vários lugares do mundo.

Conforme Zilberman (2008), a industrialização da imprensa no século XIX trouxe como consequência a explosão do público leitor. O jornal ganhou condições para se tornar diário, produzido em grande quantidade e com menor custo. Assim com o jornal, outras formas de circulação impressa tiveram suas produções alargadas, “colocando lado a lado, modelos clássicos e material popular, como a literatura de cordel, almanaques e anuários”.

Esses processos – aperfeiçoamento tecnológico dos métodos de impressão somados à escolarização da população urbana – desembocaram no crescimento maciço do público leitor, que passou a dispor de variedade notável de formas de manifestação escrita. A sociedade se deparava com a oferta múltipla de textos diferentes; a ficção, por sua vez, contava com consistente núcleo de interessados, ao qual cabia atrair e conquistar (ZILBERMAN, 2008, p. 32).

A universalização da escola foi outro fator determinante para a visibilidade alcançada pelo público leitor. A alfabetização em massa, durante a Revolução Industrial, possibilitou não apenas à burguesia, mas também aos operários e à população humilde o acesso às letras. Paralelamente, ocorreu desenvolvimento de uma verdadeira indústria cultural, instaurando uma relação entre a imprensa cotidiana e a literatura, permitindo às novas classes o acesso maior à cultura.

A alfabetização em massa não conseguiu preparar o público emergente para a literatura. Como citamos anteriormente, desde o século XV, na Europa, as obras clássicas eram utilizadas apenas para o estudo da gramática e deveriam ser interpretadas à luz das autoridades. Este quadro não sofreu muitas alterações, apenas intensificou a sacralização do cânone, tornando ainda mais difícil o acesso do público às obras das autoridades reconhecidas. Os intelectuais marginais, não pertencentes ao grupo erudito, encontraram na imprensa uma forma de ascensão.

3.1.3 Leitores: “caçadores furtivos”

As diferentes maneiras de ler, as quais buscamos apresentar anteriormente em contextos históricos e sociais diversos, levam-nos refletir a designação que Michel de Certeau estabeleceu, em 1980, sobre a leitura ser “uma operação de caça furtiva”. Os leitores, que não tinham acesso às obras, à educação e à literatura, recebiam o estatuto de “dominados”, “passivos” ou “dóceis” pela cultura erudita. Com a invenção da imprensa, a escolarização como direito inalienável para todos e a expansão do mercado editorial, esses leitores passaram a consumir as obras com ampla liberdade de escolha.

Bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas, sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas -, os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles regalar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada

conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso perdido (CERTEAU, 1994, p. 269-70.).

Como salienta Certeau, na antiguidade, o homem nômade caçava nas pradarias. Atualmente, os espaços de caça são outros: são as cidades e sua infinidade de materiais que se oferecem aos olhos. As massas, porém, não circulam pelos jardins da arte; veem-se capturadas e reunidas nas redes da mídia. Para o autor, não se pode admitir tal representação de que “às massas só restaria a liberdade de pastar a ração dos simulacros que o sistema distribuiu a cada um/a”. (*ibidem*, p. 260)

A leitura não passa apenas pelo livro, mas por todos os modos de vivenciamento do indivíduo na sociedade. O cotidiano desse leitor comum não é aceito pelo campo erudito, e se inventa com mil maneiras de caça não autorizada, indo à busca de seus próprios interesses e sentidos. Portanto, não podemos dizer que estes consumidores sejam “passivos” ou “dóceis”, ou ainda, “não se devem tomar os outros por idiotas.” (*ibidem* p. 273).

O pensamento de Michel De Certeau pode ser refletido como repúdio às primeiras teorias da literatura que, conforme Zilberman (2008), dispuseram do ensino e da pedagogia como seus principais difusores, partindo da alfabetização para chegar ao conhecimento do texto literário. Outrossim, ao invés de compreender interesses, reações e apropriações dos leitores da indústria cultural, apenas buscavam refrear a propagação da leitura popular, por meio de manuais que buscavam direcionar o leitor não-especializado para os textos canônicos.

A estética, a crítica literária e, décadas depois, a teoria da literatura nascem e fortalecem-se no bojo do fenômeno representado pelo crescimento da produção de livros e a popularização da leitura. Paradoxalmente, contudo, afirmam-se por contrariarem o gosto popular: este é desacreditado, por, conforme os especialistas, não saber distinguir o que é bom ou avalia-lo segundo parâmetros adequados. Ao mesmo tempo, a pessoa capacitada leva em conta as propriedades que cada texto, individualmente carrega consigo, ignorando as emoções e reações de seu destinatário (ZILBERMAN, 2008, p. 68).

As ciências literárias posteriores, por exemplo, o *New Criticism* e o Estruturalismo, do início do século XX, além de não buscarem compreender o fenômeno da leitura, restringiram ainda mais o acesso do público às obras, ao propagar a importância das qualidades intrínsecas do texto. Não é surpreendente, portanto, que os leitores tenham dado continuidade às leituras subversivas dos primórdios e que os textos não consagrados pela cultura erudita continuaram sendo tratados como leituras menores, não adequadas ou escolhas anárquicas.

O fato é que a manutenção da estrutura e o funcionamento do campo de produção erudita, apoiados por teorias literárias que se pautam na desvalorização do público externo, apenas contribuem para afastar os leitores comuns da grande literatura. Enquanto o campo de

produção erudita não visa ao lucro, zela por um grupo restrito de leitores, prima pelo estético e não se vende às editoras, o campo da indústria cultural visa o lucro, busca um amplo número de leitores, utiliza-se de mecanismos facilitadores de estética, vulgariza as estéticas consagradas pelo grupo erudito e se vende às editoras. Portanto, quanto menos importância for dada ao leitor pelas instituições e ciências literárias, mais a indústria cultural ou cultura de massa influenciará na formação do gosto pela leitura.

Com o advento das novas tecnologias da leitura e da escrita, o século XXI – denominado por Sociedade da Informação – é marcado pelas imagens, pela velocidade e pela *web*. A introdução da cultura da tela, ou cibercultura, possibilitou ao texto tipográfico ganhar novos espaços, seja na tela do computador, seja no *tablet* e no *smartphone*. Milhares de informações estão à disposição dos leitores na *World Wide Web*. Tais mudanças ocorridas na sociedade despertam problematizações até mesmo sobre o possível fim dos leitores e dos livros.

Como salienta Zilberman (2008, p. 56), “a leitura não está no fim da sua história, e sim no começo da trajetória individual de seus adeptos”. Sabemos que a tecnologia não afetou a produção e venda de livros na antiquada forma de códice, e que nunca se leu tanto quanto atualmente, além de as pessoas terem passado a se posicionarem como produtoras de sentido e porta-vozes de opiniões. Portanto, é substancial estudar essas táticas de apropriação dos leitores, os usos que fazem dos receptáculos de leitura – livros, sites, blogs, redes sociais – e os sentidos que criam a partir da leitura de uma infinidade de textos, sejam eles leituras autorizadas, sejam não autorizadas.

É difícil tornar visível a complexidade de tais práticas de leitura, embora fundamental para se reconhecer as produções silenciosas dos leitores que continuam caçando furtivamente suas leituras. Portanto, é importante o reconhecimento das novas teorias da leitura, que floresceram a partir da década de 1960, como a Estética da Recepção e a Sociologia da leitura, que buscam compreender, no âmbito dos estudos acadêmicos, a relação que o leitor comum mantém em seu cotidiano com a leitura.

3.2 UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA NO CAMPO DA LEITURA

Conforme apresentamos anteriormente, o público leitor alcançou maior visibilidade quanto ao número de obras consumidas à sua predileção por obras consideradas literatura de massa, os *best-sellers*, oferecidos pelo mercado editorial, ao contrário da elite cultural,

formada pela aristocracia e burguesia, que se ateve às leituras das obras clássicas. As teorias literárias que primavam pela grande literatura, como as correntes teóricas marxista e formalista, como o *New Criticism*, o formalismo russo e o estruturalismo, os quais, ao invés de reconhecerem tal fenômeno, favoreceram a instituição do preconceito pautado na cisão entre literatura de massa para os pobres e leitores menos instruídos e literatura canônica para elite e leitores especializados. O leitor era visto como agente passivo da leitura e a relação entre a obra e o público refletida de forma unilateral. À obra competiriam os propósitos do escritor e o leitor deveria apenas recebê-la como verdade. Compreendendo a importância de reconhecer o movimento dos leitores das classes populares, ao invés de simplesmente rebaixar e refrear suas escolhas, a partir da década de 1950, outros grupos acadêmicos passaram a lutar por uma ciência que reestabelecesse a importância do leitor comum no sistema literário.

O crítico da fenomenologia, Terry Eagleton (2006), afirma que no início do século XX, a Europa enfrentava uma de suas piores guerras. A ordem social e as ideologias do homem estavam desestabilizadas, urgindo a necessidade de uma filosofia, uma arte e uma ciência que oferecessem respostas absolutas para a compreensão dos fatos e não mais a aceitação da naturalidade dos acontecimentos, apregoadas pela religião. Os estudos da Fenomenologia, do alemão Edmund Husserl, propuseram um método filosófico que investigava os aspectos da consciência e os elementos do mundo, unificando o real e o mental. O novo pensamento sobre os modos de percepção da realidade pela consciência contribuiu para a reflexão sobre o conceito de recepção da leitura, a partir da ideia de que o texto só pode ser apreendido na relação com o leitor. É neste contexto que se deu a efervescência das teorias da recepção na década de 60 e, concomitantemente, a consolidação da Sociologia da leitura e da literatura como ciências.

A Estética da Recepção, que surgiu em 1967 principalmente por intermédio das contribuições teóricas de Hans Robert Jauss, galgava os primeiros passos em direção a uma nova perspectiva em relação aos estudos da história da literatura e da teoria literária, elevando o leitor a uma posição privilegiada dentro dos estudos literários. Como salienta Hans Robert Jauss (1994) “sem refletir sobre o modo como as obras foram lidas, avaliadas e transmitidas, nunca se saberá por que elas permaneceram ou que valores tiveram.”. Jauss, para expor sua teoria, fundamenta-la metodologicamente e reescrever a história da literatura em favor da Estética da Recepção, apresenta teses que redimensionam as noções de autor, texto e leitor. Conforme Zilberman (1989), a Estética da recepção possui seu conceito de leitor pautado em duas categorias: horizonte de expectativa e emancipação, a primeira refere-se ao “misto dos

códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas”; a segunda à “finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade” (1989, p.49). Jauss defende a importância da literatura e afirma que a função emancipatória da leitura é potencializada pelo texto literário. A Estética da Recepção propõe reconhecer como a obra deixa de ser objeto artístico para tornar-se objeto estético a partir da relação dialógica entre literatura e leitor.

Segundo Zilberman (1989), a Sociologia da Leitura teve sua origem como um segmento da sociologia do saber, a partir da obra *Die Soziologie der literarischen Geschmacksbildung*, de L. L. Schücking, reeditada em 1923 e publicada posteriormente na Inglaterra com o título *The sociology of literary taste* [A sociologia do gosto literário], cujo foco de investigação também se realizou na instância do leitor. O trabalho de Schücking inaugurou um campo de investigação em que o público passou a ser estudado enquanto fator ativo do processo literário, uma vez que suas escolhas e preferências influenciam a circulação e a produção da obra literária. Outrossim, o autor criticou o reducionismo idealista, cooperando para a formulação de uma história da literatura fundada na concretude dos fatos sociais. Suas contribuições antecipam as pesquisas sociológicas desenvolvidas posteriormente na Inglaterra, como os trabalhos desenvolvidos na França pela Escola de Bordéus, liderados por Robert Escarpit, que resultaram em estudos sobre a formação do público leitor, as preferências de leitura das camadas populares e a literatura de massa.

Escarpit, por meio da sociologia da literatura prefere examinar questões relativas à cultura erudita e de massa, políticas de popularização do livro e da leitura, a interferência do mercado na produção e difusão de uma obra, o tempo de permanência de uma criação artística no horizonte do consumo do presente ou a duração do prestígio de um autor (ZILBERMAN, 2008, p.81).

Robert Escarpit, na obra *O Literário e o Social* (1974), apresenta uma abordagem sociológica da literatura, procurando demonstrar os aspectos relevantes para o estudo da literatura ao afirmar que este tipo de estudo deveria interessar-se pela produção, distribuição e os hábitos de consumo das obras. O teórico, ao discorrer sobre a especificidade da literatura, afirma que esta “é lida, vendida, estudada, ocupa as estantes das bibliotecas, as colunas das estatísticas e os programas de educação (...) possui suas instituições, seus ritos, seus heróis, seus conflitos, suas exigências” (ESCARPIT, 1974, p.16). Por esses motivos, tal especificidade somente pode ser percebida em nível de fenômeno.

Para este autor, a literatura se caracteriza por um modo de comunicação particular que é o livro, um fenômeno histórico bastante difícil de apreender intelectualmente. Entre o

escritor e o leitor está o atravessador, a “editora”, que seleciona a produção literária que chegará ao público.

Entre o escritor e o leitor se interpõe um formidável sistema de seleção e de hierarquização da instituição literária: seleção de seus editores, orientação dos livreiros, juízos da crítica e, especialmente, acesso ao corpo de escritores reconhecidos e aceitados pela Universidade (*ibidem*, p.25).⁹

A respeito da inserção do sociológico no literário, propõe que a literatura, enquanto processo, se caracteriza por um projeto, um meio e uma atitude: o projeto é a obra bruta, o entrelaçamento da obra e consciência do autor; o meio é o livro, que passa a ser um processo de produção, circulação e consumo; a atitude do leitor depende da experiência de leituras anteriores, formação escolar, seu repertório de informação, e que o psicológico está intimamente ligado no social. A leitura é sempre individual e a ação de ler desenrola-se na socialização de dois planos: pensamento conceitual e imaginação objetiva. Para o teórico, a diferença entre leitor e escritor é que para este o “psicológico se situa antes de formulação da obra”. E afirma ainda “existe uma infinidade de leituras possíveis de uma mesma obra por um mesmo leitor”. (*ibidem*, p.34)

Devido à extrema complexidade no âmbito dos estudos e das metodologias, Escarpit propõe a possibilidade de discernir uma “sociologia do livro”, uma “psicologia da leitura” e uma “sociologia da obra literária”, sociologias suscetíveis de serem abordadas como teoria e como práxis. Além disso, de acordo com o mesmo autor, essas pesquisas possuem um arsenal metodológico muito flexível e podem ser fundamentadas em análises estruturais ou dialéticas para o estudo do particular e do aproveitamento das técnicas e estatísticas para o estudo do múltiplo.

É necessário, contudo, para o historiador da literatura, abarcar outros modelos teóricos operativos que levem em consideração os aspectos qualitativos em sua pesquisa, para que os resultados não sejam mecânicos e/ou haja a interferência subjetiva do pesquisador quanto à análise de dados. Neste sentido, é importante destacar as contribuições de Gilbert Mury, presentes no texto *Sociologia del publico* (1974), asseveram que, para a sociologia da literatura, em todos seus diferentes ramos, embora não pressuponha uma metodologia específica, é substancial que as técnicas, por mais diversas que sejam, devam ser apropriadas

⁹ Entre el escritor y el lector se interpone el formidable sistema de selección y de jerarquización de la institución literaria: selección de sus editores, orientación de los libreros, juicios de la crítica y, especialmente, acceso al cuerpo de los escritores reconocidos y aceptados por la Universidad (Tradução livre da autora).

a cada ramo da sociologia e ajustadas aos diversos contornos de cada realidade. Segundo Mury (1974), a Sociologia da leitura tem sido trabalhada em uma perspectiva mais histórica do que sistemática. Para tanto, propõe um estudo que, a partir dos pressupostos da sociologia da literatura, auxilie na sistematização de técnicas de análises de resultados, emprego de pesquisas e criação de questionários.

Para tal empenho, Mury recorre à psicologia social e ao conceito lukacsiano de “consciência possível”. A consciência possível é diferente dos “pensamentos empíricos efetivos”, portanto, afirma que “para conhecer a consciência possível de uma classe, basta conhecer seu lugar na totalidade social, no sistema de relação de produção” (MURY, 1974, p. 206). Para ele, consciência possível é aquela que os homens deveriam ter, para serem capazes de compreender os interesses que derivam da sociedade ou do dominante. No entanto, a consciência possível revela a incapacidade do homem de compreender sua classe e a si mesmo em seu tempo. Por fim, conclui que “se a consciência possível de classe serve de laço entre o autor e a obra e a obra e o público, nenhuma dessas mediações recebe uma determinação precisa” (*ibidem*, p.207).

No Brasil, um dos teóricos mais influentes no estudo da Sociologia da Literatura é Antonio Candido, o qual, além de propor reflexões sobre o sistema literário, foi o primeiro teórico no Brasil - já na década de 1940 - a valorizar o público e defender o papel preponderante da sociologia na análise da obra literária.

Candido afirma que a sociologia pode auxiliar na compreensão do fenômeno literário e artístico, embora não pretenda explicá-los, posto que, os elementos da sociologia são secundários, o que é mais importante é a obra em si. Ele explica seu método demonstrando como os elementos da estrutura externa ao texto se organizam e formam a estrutura narrativa do texto. Partem da cultura e da realidade social e voltam da cultura para o texto, por meio de um jogo dialético. Portanto, é necessário compreender como as estruturas sociais da realidade se transformaram em elementos orgânicos na obra, em elementos estruturadores.

Segundo Candido, “uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzir a uma interpretação coerente”. (2006, p.7). Portanto, não é possível ater-se apenas à análise imanente quando se pretende interpretar uma obra literária, a fim de reconhecer seu valor estético. Do ponto de vista sociológico, é necessário considerar o meio sobre a obra e a obra sobre o meio, e, ainda, a relação obra-autor-público. Para que o autor se realize, é necessário haver um público que leia suas obras e relacione autor e obra, ao mesmo tempo em que esta última entrelaça autor e público.

Além dos pesquisadores pioneiros apresentados – Antonio Candido, Robert Escarpit e Gilbert Mury –, ainda nessa linha de estudos, embora com vertentes diferentes, outros estudiosos propõem novas alternativas metodológicas, como Roger Chartier (1999, 2001) e Robert Darnton (1998), cujos estudos investigam a história do livro e da leitura; e Arnold Hauser (1997) e Michèle Petit (2010, 2012, 2013), na linha de pesquisa que propõe uma análise sociológica sobre a mediação da leitura.

A importância de reconhecer os estudos de Roger Chartier deve-se, principalmente, ao fato de examinarem as condições possíveis para compreender as práticas sociais de leitura, até mesmo quando estas não foram compreendidas pela historiografia. Ao investigar as leituras efetivadas em Paris no século XVII, e no Reino Unido em XVIII, Chartier realizou um estudo sobre a história do livro, descobrindo que o número de leituras efetivadas por tais sociedades é muito maior do que se acreditava até então. Isso quer dizer que, para que um estudo sociológico se concretize com êxito, é necessário levar em consideração que a atividade leitora é de difícil apreensão e está subordinada às condições históricas, sociais, culturais e identitárias, envolvendo não só diferentes concepções de textos como também de leitores. “Localizar a diferença social nas práticas mais do que nas diferenças estatísticas, são muitas das vias possíveis para quem quer entender, como historiador, essa “produção silenciosa” que é a “atividade leitora”.” (CHARTIER, 1999, p. 27)

Para este autor, apenas realizar um estudo estatístico não é contar com as leituras efetivadas, nem mesmo compreender as apreensões dos leitores. Contudo, na impossibilidade de apreender os sentidos produzidos pelos leitores quando a apropriação dos textos, o único indício concreto das leituras que poderiam ser efetivadas no decorrer da história é o próprio livro.

Reconstruir a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada e ainda menos sugerir que todos os leitores leram como desejou-se que lessem. O conhecimento dessas práticas plurais, sem dúvida, para sempre inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios. Com maior frequência, o único indício do uso do livro é o próprio livro. Disso decorre também sua imperiosa sedução (*ibidem*, p.103).

Chartier (2001) apresenta outros fatores que o historiador deve levar em consideração ao realizar uma pesquisa da sobre as práticas de leitura: além de haver graus de conhecimento diferentes, que levam a leituras mais ou menos competentes, também muitos outros fatores interferem nas maneiras de ler: os interesses, os hábitos, as intenções e as técnicas de leitura determinam relações variadas com os textos.

A pesquisa concretizada pelo historiador cultural Robert Darnton, após 25 anos examinando os arquivos da STN -*Société Typographique de Neuchâtel* e outros arquivos semelhantes, espalhados pela França, buscou realizar um mapeamento acerca dos “best-sellers” que eram proibidos na França pré-revolucionária, do século XVIII. A partir de tal empenho, Darnton descobriu que os livros censurados recebiam o nome de “matérias filosóficas”¹⁰. Tal proibição acarretou a efervescência de um mercado editorial clandestino muito bem organizado, desde as trocas de livros ou de páginas avulsas entre os livreiros, até as vias de distribuição, penetração e as formas encontradas para contrabandeá-los.

Por trás de cada livreiro há uma história, e nenhuma história se parece com as outras e todas são intensamente humanas. (...) Embora em termos de caráter os livreiros diferissem, os livros vendidos eram essencialmente os mesmos. O que variava era a disposição de correr riscos. (...) A marginalidade e a ilegalidade andavam juntas; entretanto, o material ilícito circulava por toda parte. (...) Eles ofereciam os livros que os leitores queriam ler - uma amostra sistemática de suas encomendas revelará a natureza da literatura ilegal que se comprava e vendia na França às vésperas da Revolução (DARTON, 1993, p.67).

Os livreiros atuavam como mediadores das obras, pois eram, sobretudo, leitores, e precisavam descobrir quais obras agradariam mais o seu público para que pudessem vendê-los. Darnton conseguiu compreender o que próprio regime francês não soube analisar naquele período, delimitar e elencar as obras que eram vendidas secretamente e a engrenagem do mercado clandestino. A importância da pesquisa de Darnton, portanto, deve-se ao fato de, além de resgatar a história da leitura de um determinado período, conseguiu compreender os fatores que influenciaram na formação de um público.

A partir do exposto, compreendemos que a Sociologia da leitura analisa a relação entre o leitor e a leitura por meio de um viés sociológico. Isto significa que o estudo é pautado em sua coletividade: seu foco não é o trabalho de análise estética, mas a busca do reconhecimento dos fatores extrínsecos à obra que conduzem o leitor a determinadas leituras, considerando a importância da mediação como fundamental em tal processo, sem necessariamente prescindir da pesquisa histórica. Embora o método empírico da Sociologia da leitura não exija uma metodologia específica, suas técnicas exigem a apropriação do contorno de cada realidade. Além disso, possibilita a compreensão do fenômeno literário, considerando o caminho percorrido pelo livro desde sua produção até que este seja acessado pelo leitor, a partir de três instâncias: produção, circulação e consumo.

¹⁰ “Matéria filosófica” - expressão convencional do ramo livreiro, para caracterizar o que era proibido. Termo apresentado na obra: DARTON, Robert. **Os best-sellers proibidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Com relação à primeira instância, a produção, a Sociologia da leitura propõe identificar os fatores que interferem na atividade do escritor; na segunda instância, a circulação, intui analisar as intervenções das instâncias, desde a publicação, circulação, até a distribuição das obras; na terceira instância, examina como se realiza o consumo das obras a partir das diferentes modalidades existentes de público.

3.3 BIBLIOTECAS: EVOLUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

3.3.1 Origem e evolução das bibliotecas

Para facilitar a ordenação dos registros e manter viva a memória da humanidade, o homem considerou melhor juntá-los em um único lugar, formando coleções e criando serviços vinculados. Desta forma, as primeiras organizações de bibliotecas, conforme Milanesi (1983), começaram a aparecer desde os sumérios, cuja ordenação das tabuinhas de argila, conjuntos de gravações em escrita cuneiforme, já demonstrava um arcaico sistema de organização de documentos. No extinto *Museion* de Alexandria e nas bibliotecas públicas de Roma, encontravam-se as primeiras produções literárias capazes de compor acervos. Posteriormente, as obras literárias e acervos de livros litúrgicos compunham as bibliotecas dos cristãos; as abadias da Idade Média tornaram-se depositórios literários; reis, religiosos e homens de poder passaram a formar coleções particulares de livros, pois a obra de arte era reverenciada por seu valor material e simbólico, representando luxo e *status* social.

No século XV, com a fabricação em série possibilitada pela invenção do tipo móvel, feito realizado por Gutenberg, ocorreu a expansão da criação e circulação das obras. Os livros passaram a ser material de consumo e os cidadãos a formarem bibliotecas em suas casas. Se no decorrer da história cada biblioteca fazia a catalogação dos livros conforme sua necessidade e o senso de seu bibliotecário, com a proliferação significativa dos materiais criados pelo homem, houve a necessidade de ampliar e repensar novas formas de organizar o acervo das bibliotecas.

A partir das Revoluções Francesa e Industrial, a biblioteca deixou de ser a única possibilidade enquanto coleção pública, passando a existir a biblioteca/serviço, oferecida ao público. Como o aumento da produção de livros e impressos superou sua capacidade de organização e armazenamento, as bibliotecas passaram a adotar uma política de seleção das

obras, escolhendo quais iriam compor seu acervo. Isto significa que, com a especialização de cada biblioteca, o conhecimento passou a ser fracionado em partes cada vez menores, visando um público pré-determinado. Portanto, as bibliotecas deixaram de acumular o conhecimento universal e passaram a atender categorias particulares de público, uma vez que já não era mais possível manter o ideal proposto desde Alexandria, de armazenar em um só lugar todo conhecimento criado pelo homem. Há de se refletir, portanto, que, nas palavras de Manguel (1997, p. 227), “categorias são exclusivas; a leitura não o é – ou não deveria ser. Não importa que classificações tenham sido escolhidas, cada biblioteca tiraniza o ato de ler e força o leitor – o leitor curioso, o leitor alerta – a resgatar o livro da categoria a que foi condenado”.

Arnold Hauser (1977) afirma que as bibliotecas são coleções de obras para conservação, destinadas à contínua oferta e recepção. Seu significado não se manifesta sem sua recepção, ou seja, sem a leitura, os livros de uma biblioteca não criam nenhuma objetividade nova, nenhum conteúdo semântico distinto essencialmente aos livros isolados. Ao discorrer sobre a diferença entre a biblioteca privada e a pública, Hauser afirma que, na primeira, há uma relação positiva entre o produto e a recepção, enquanto na segunda essa relação há de se estabelecer. O colecionador, portanto, é mediador e sua coleção é fruto da comunicação já realizada entre obra de arte e seu gosto artístico. Por outro lado, a coleção, traz o que não se oculta nenhum princípio de seleção individual como ponto de partida ou norma, está destinada a ser instrumento de mediação ainda não efetuada.

3.3.2 Bibliotecas: apoio ao saber

A ideia de biblioteca como forma de organização do saber surgiu tardiamente, devido às profundas mudanças sociais ocorridas no século XX, principalmente pelo desenvolvimento industrial e científico-tecnológico. Dada a necessidade de sistematização do acesso às informações, delineou-se para a biblioteca tal função. Os países mais desenvolvidos foram os primeiros a concluírem que seria necessário reforçar as bases dos sistemas educacionais e oferecerem às escolas um sistema integral de ensino com acesso à informação. No entanto, um longo percurso foi traçado e muitas transformações ocorreram para que se pudessem delimitar as reais funções desempenhadas pelas bibliotecas e pelos profissionais que nelas atuariam, os bibliotecários. Tomaremos como exemplo a evolução das instituições mediadoras de leitura da França, para que, posteriormente, possamos compreender a realidade dessas instituições no Brasil.

Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1995) realizaram seus estudos sobre a leitura na França do modo como se deu no período de 1880 até os anos de 1980, que resultaram na obra *Discursos sobre a Leitura – 1880 – 1980*, um retrato das transformações ocorridas com a leitura após a Revolução. Se, anteriormente, como apresentamos no trabalho realizado por Robert Darnton (1998), os leitores liam clandestinamente as obras proibidas, os livreiros eram presos por venderem “filosofia por baixo dos panos” e os livros apreendidos na aduana parisiense, após a Revolução, com a renovação das instituições de ensino, como a escola, o aumento do número de textos impressos e o florescimento dos novos espaços sociais de leitura, como a biblioteca, e novos profissionais, como os bibliotecários, profundas mudanças sociais ocorreram na França e, consubstancialmente, a formação de novos leitores.

Tais pesquisadores, ao realizarem um balanço da situação herdada pela Terceira República Francesa, perceberam que, durante muito tempo, as bibliotecas ocuparam posição marginal tanto nas escolas quanto no setor público. Os acervos eram constituídos por livros educativos e instrutivos, limitados a um público erudito, e as leituras controladas pelo Estado. Portanto, a França estava atrasada em nível de leitura e de modernidade quando comparada aos Estados Unidos e a Inglaterra, motivos que se tornaram debates entre os profissionais do livro e a república.

A princípio, o trabalho dos bibliotecários era conservar o rico acervo de volumes manuscritos ou impressos do Antigo Regime, oriundos de bibliotecas particulares e dos livros apreendidos durante a Revolução. Eram leais à missão de salvaguardar o patrimônio e desconfiar dos leitores comuns, ameaças ao patrimônio, oferecendo o serviço apenas aos ilustres da elite. Da lógica antiquada da biblioteca como “cemitério dos livros”, urgiu a necessidade de organizar uma nova instituição pautada nas reivindicações dos próprios bibliotecários, como o reconhecimento da profissão e da importância das bibliotecas, a criação de um estatuto e uma formação especial, para que fosse possível estabelecer a evolução da leitura, sobretudo, da escolar e da pública.

Os limites das bibliotecas escolares, na França, segundo Chartier e Hébrard eram “insuficiência de recursos, envelhecimento dos acervos, desinteresse das comunas quando a assistência do Estado se torna mais evidente.” (1995, p.126)

Um mapeamento realizado pela França apontou que no Norte e Leste da França lia-se muito, e no Sul e no Oeste lia-se pouco. Este fator deve-se, principalmente aos reforços às bibliotecas serem distribuídos desigualmente pelo território francês. “A leitura responde assim, às leis da ‘antropologia’, da ‘economia’ e da ‘estatística’” (*ibidem*, p.126). A maioria dos leitores advindos das camadas mais carentes da sociedade lia romances, não por serem

baratos ou gostarem deles, mas por não terem outras opções. A oferta de romances funcionava como alternativa para atrair um maior número de leitores possíveis à biblioteca.

Outro problema recorrente na França era a ausência de bibliotecários nas escolas. Na falta desses profissionais, a saída mais fácil a ser realizada era “tapar o sol com a peneira”, já que, se não havia bibliotecário, bastava apenas “confiar essas obras a um agente responsável, disponível, suficientemente instruído para indicar a cada um as leituras que deve fazer, sem onerar o orçamento com pagamento de mais um funcionário” (GOEPP *apud* CHARTIER, A; HÉBRARD, J., 1995, p. 126). O professor seria o responsável por substituir o trabalho do bibliotecário, prática comum, no Brasil, até os dias atuais. Posteriormente, na França, novas medidas foram tomadas, principalmente pela militância dos bibliotecários.

3.3.3 O nascimento de uma profissão: Os bibliotecários da ABF

O caminho percorrido pelos bibliotecários, até alcançarem seus direitos e serem reconhecidos profissionalmente, foi longo e de grande engajamento. A Associação dos Bibliotecários Franceses (ABF) foi criada em 1906, e seus esforços concentravam-se não somente em promover profissão, salários, formação e *status*, mas também em defender uma melhor definição do que é ou deveria ser o novo perfil do bibliotecário.

Inicialmente, instituiu-se que o bibliotecário não deveria mais ser o sábio que põe os livros a serviço dos próprios trabalhos, caso contrário seria apenas um leitor, como pode ser observado no texto publicado pela revista da ABF, *Bulletin de l'Association des Bibliothécaires*:

O bibliotecário não é um erudito; enquanto bibliotecário, não tem trabalhos originais a preparar; não lhe cabe sequer contribuir para o progresso dos estudos sobre a história do livro, das bibliotecas ou do papel, por exemplo, embora essa ocupação seja absolutamente recomendável para suas horas de investigação pessoal. Ele precisa é colocar esse conhecimento à disposição do leitor, evitando-lhe o mais possível hesitações e perda de tempo. (...) Ele também não é um letrado ou um educador; nem historiador, nem filósofo, nem sociólogo, nem pensador, nem polemista, nem arqueólogo, nem um apóstolo. É simplesmente o auxiliar da ciência, da história da arte – em suma, de todas as formas de atividade humana que necessitem do livro ao seu serviço. (Bull. ABF, 5, 1997, p.106 *apud* Chartier, A; Hébrard, J., 1995, p. 151).

As bibliotecas públicas livres dos Estados Unidos e Inglaterra tornaram-se modelos ideais para os bibliotecários franceses que as visitavam, por terem:

suas salas claras, livre acesso às estantes, publicações atualizadas e inovações atraentes, para satisfazer e promover a frequência dos visitantes (...) opõe às bibliotecas-museus da França, empoeiradas, quase confidenciais, abertas com parcimônia e com desconfiança em relação aos raros leitores que não sejam visitantes habituais, sobre os quais pesa sempre a suspeita de que vão danificar os livros preciosos ou raros – porque só livros antigos merecem toda a solicitude dos bibliotecários. (CHARTIER, A; HÉBRARD, J.1995, p. 153)

Com a mudança da gerência da ABF, em, 1913, inicia-se um retrato da biblioteca para o futuro. Das medidas tomadas, vale ressaltar a preocupação com importância da leitura como distração e não apenas como instrução e informação. Tendo em vista que o leitor não é obrigado a frequentar a biblioteca, esta deveria ser como uma grande loja, cujos produtos estejam ao alcance dos clientes, com os estoques sempre atualizados, oferecendo novidades e atrativos, bem como o acesso às prateleiras e aos livros deveria ser livre. Contudo, corria-se o risco do trabalho desenvolvido pelo bibliotecário tornar-se apenas estatístico, ao visar apenas o maior número possível de atendimentos.

Outro desafio enfrentado pela ABF refere-se à renovação dos acervos, que nos faz refletir sobre uma dificuldade que ainda é vivenciada pelos mediadores de leitura no Brasil: a incipiente existência de diretrizes que auxiliem os mediadores de leitura na escolha das obras que irão compor o acervo das bibliotecas.

Na França, as estantes das bibliotecas estavam cheias de livros advindos dos fiscos da Revolução, não havia a possibilidade de adquirir livros novos por falta de espaço. Portanto, houve a necessidade dos bibliotecários descartarem os livros antigos para abrigar outros novos. Mas como escolher os novos livros para substituírem os espaços deixados pelas obras que foram retiradas do acervo? Quais critérios os bibliotecários deveriam seguir? “Prever a demanda do público e antecipar suas escolhas ou, ao contrário, é preciso levar em conta os leitores minoritários (e, portanto, pouco ‘rentáveis’)?” (*ibidem*, p. 161). Segundo os autores, “de todas as experiências ou pesquisas sobre a preferência dos leitores, nada se poderá concluir enquanto não houver em toda parte bibliotecários formados e competentes e também um público que conheça a utilidade da biblioteca.” (*ibidem*, p.161)

Os bibliotecários franceses, que não sabiam como fazer algo mais do que tornar as leituras possíveis em meio à realidade social, perceberam que, para promoverem a leitura, não bastaria somente agir comercialmente, suprimindo as demandas da biblioteca, seguindo o público. Ao contrário, “Além de ser um ‘vendedor’, o bibliotecário teria de ser um ‘professor de leitura’” (*ibidem*, p.163).

A partir de 1920, os bibliotecários franceses assumiram um novo e importante tema: trabalhar em direção do público não-leitor e aumentar os canais de comunicação entre a

escola e a biblioteca, valorizando a competência profissional do bibliotecário no próprio terreno da leitura popular. Segundo Chartier e Hébrard (1995), o tema vem, na verdade, para apoiar suas preocupações de profissionalizar um pessoal cuja atividade profissional precisa ainda ser inventada.

Ressaltamos a importância de reconhecermos o engajamento dos bibliotecários franceses. Ao buscarem uma definição de como deveriam ser o perfil e as funções dos profissionais da biblioteca, preocupados, sobretudo, em atuarem como “professores de leitura”, auxiliaram positivamente na reversão da situação da leitura na França pós-revolucionária. Igualmente, acreditamos que, ao detectarmos os desafios vivenciados pelos mediadores de leitura nas bibliotecas do Brasil, poderemos encontrar soluções para a redução da práxis intuitiva de uma profissão que traz consigo a missão de formar leitores.

3.4 AS BIBLIOTECAS NO BRASIL

No Brasil, segundo Milanesi (2013), desde a colonização, as bibliotecas existiam para a propagação da fé e para a formação religiosa. A censura tornava os textos mais raros e a sua disseminação deficiente. Além do que, devido ao analfabetismo que acometia a maioria da população do século XVI ao XIX, apenas um restrito círculo de letrados, padres ou bacharéis, tinha acesso aos livros. A precariedade do transporte também era um fator que dificultava a disseminação dos livros, que chegavam por meio de carroças, advindos dos centros europeus, onde eram produzidos e impressos, atravessando o oceano, fugindo da censura, até chegarem aos colégios ou instituições de ensino. Uma vez que no Brasil Colônia eram escassas as escolas, as gráficas e as bibliotecas, os acervos, que eram preciosos e raros, não necessitavam de muita organização, dispensando, assim, a ação de bibliotecários.

A partir da Revolução Industrial e a descoberta do vapor, o Brasil se beneficiou de seu mais novo meio de transporte, o trem, cujas ferrovias ligavam várias regiões, desde os portos até as regiões menos abastadas.

Além dos jornais, os trens transportavam revistas e livros. Após a República houve o incremento do ensino público. E este, além dos professores, dependia de obras impressas, inclusive aquelas adotadas pelos professores, para ser a base da matéria exposta em sala de aula. Mesmo que nada extraordinário ocorresse em relação à leitura e às bibliotecas nas primeiras décadas do século XX, além da ação de Monteiro Lobato como editor, que estimulou e alimentou muitos leitores, os meios de transporte estavam aptos a incrementar a disseminação física da informação. Isso, principalmente, nas áreas de produção agrícola (Milanesi, 2013, p.40).

Até o início do século XX, não havia projetos governamentais solidificados em prol da leitura nas bibliotecas escolares e nas bibliotecas públicas; a maioria das ações era realizada pela sociedade civil com escassa participação do Estado. Com o crescimento da imprensa no Brasil, devido principalmente à criação das editoras de Monteiro Lobato e sua preocupação em produzir textos destinados ao público infantil, o cenário da leitura no Brasil começou a se modificar.

Ainda de acordo com Milanesi, em 1811, por meio de uma iniciativa privada, foi criada em Salvador, Bahia, a primeira biblioteca de caráter eminentemente público no Brasil. Neste período, além das escolas, pouco foi concretizado pelos órgãos governamentais no que se refere à criação e manutenção de acervos públicos. Além disso, as poucas bibliotecas existentes não exigiam dos bibliotecários mais do que o gosto pela leitura. Os bibliotecários pós-republicanos eram em geral, intelectuais dados ao exercício literário e não ao atendimento à população. Portanto, tinham mais conhecimento do acervo do que de técnicas de organização e atendimento ao público. As bibliotecas significavam apenas *status* para a sociedade e eram frequentadas por uma restrita elite. Com a criação do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, sob o comando de Mário de Andrade, foi criada a “Biblioteca Municipal, hoje a Mário de Andrade, a Biblioteca Circulante e uma categoria inesperada: as Bibliotecas Populares” (*ibidem*, p.61-62)

Embora, o automóvel tenha chegado ao Brasil, tornando a distribuição de livros, jornais e revistas mais rápida, foi a partir da invenção e disseminação do rádio, em 1901, e da televisão, em 1950, que ocorreram mudanças sociais intensas. Com as novas tecnologias, as notícias tornaram-se simultâneas, diminuindo o tempo entre o emissor e receptor, aproximando os mais longínquos continentes. Contudo, mesmo com a popularização da televisão, que cativava cada vez mais os telespectadores, quase nada mudou com relação às bibliotecas, as quais continuaram como coleções de livros destinadas a finalidades específicas, com propósitos educativos, porém mais organizadas, já que os bibliotecários deixaram de ser leitores para serem organizadores formados em cursos próprios.

Assim como a França, o Brasil assistiu a preocupação e as medidas tomadas pelos Estados Unidos, no final do século XIX, com relação ao fomento da leitura como poderosa ferramenta de educação e cidadania. Assim, o governo brasileiro, a partir do Estado Novo e a política consubstanciada pelas ações do Instituto Nacional do Livro (INL) – órgão federal criado para implantar uma biblioteca em cada município brasileiro -, e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) tomaram medidas próprias para tentar alavancar o fomento à leitura:

Havia uma forte campanha visando a difusão da leitura como alavanca para o desenvolvimento pessoal e coletivo. As bibliotecas com os seus “livros semeados a mancheias” seriam instrumentos de elevação do nível cultural e alavancas do desenvolvimento. Para isso, o INL estabeleceu determinados pacotes de livros e espalhou-os pelas cidades brasileiras, acreditando que essa ação criaria o gosto pela leitura, tornando as bibliotecas municipais irreversíveis. Ao Estado coube a escolha dos livros, às cidades torná-los disponíveis e aos cidadãos, lê-los. Apesar das boas intenções vindas de cima para baixo, das esferas federais para o cotidiano das cidadezinhas, da mesma forma como chegaram, desapareceram. Chegaram como surpresa e desapareceram nos meandros da vida municipal. Essas bibliotecas deveriam sobreviver alimentadas pela escola pouco risonha e, principalmente, envoltas pela sedução do universo da radiofonia (*ibidem*, p.48-49).

A FNLIJ foi criada em 1968, no Rio de Janeiro, e “durante quase duas décadas foi um dos principais órgãos de leitura no país, tanto para a promoção de eventos relacionados à área quanto na distribuição de materiais” (SILVA, 2009, p.42).

Se apenas criar uma biblioteca pública em cada município não foi suficiente para reverter o quadro de não leitores brasileiros, atraindo-os para os recém-criados espaços de leitura, na década de 1970¹¹, outras medidas foram tomadas pelos órgãos governamentais. Se os leitores não iam à biblioteca por vontade própria, passariam a ir por obrigação. Para tanto, implantou-se a “lei da pesquisa escolar”, a qual levou milhões de alunos às bibliotecas para realizarem as pesquisas ordenadas pelos professores. Contudo, tais pesquisas acabavam sendo mecânicas, geralmente cópias de enciclopédias. Além disso, os alunos iam à biblioteca pública ao invés da escolar, visto que a maioria das escolas não possuía bibliotecas e/ou livros que os auxiliassem nas pesquisas. Desta maneira, as bibliotecas públicas acabaram sendo responsáveis pelo trabalho que deveria ser realizado dentro do ambiente escolar:

As bibliotecas municipais são, na prática, bibliotecas escolares. Perdeu-se a ideia de informação pública para que fosse possível sobreviver uma prática de pesquisa que pouco se relaciona com educação. As bibliotecas fizeram, pois, no século XX, um trajeto rumo aos currículos escolares, e, por isso, deixaram de lado a população. A ação do Governo, ao criar bibliotecas municipais, pretendeu implantar o gosto pela leitura, mas essa cedeu à necessidade de pesquisa – distanciada do prazer que os livros poderiam dar. Com isso, o que seria pública transformou-se em escolar. O público ficou com o rádio e com a televisão como fontes de informação. E os escolares com a pesquisa obrigatória. Enquanto a informação dos livros tornou-se uma obrigação aborrecida, a informação da mídia buscava o prazer para garantir a audiência. (MILANESI, 2013, p.49-50)

Observamos que as medidas tomadas pelo governo para fomentar a leitura no Brasil não obtiveram o êxito desejado. Obrigar os alunos a realizarem pesquisas não significou

¹¹ A Lei 5692 de 1971 pretendeu mudar a escola. A Reforma do Ensino, ao que tudo indica, não propiciou grandes alterações, pois substancialmente a escola pública pouco mudou (MILANESI, 1983, p.43).

torná-los leitores, mas tal prática ainda é comumente observada atualmente nas bibliotecas públicas, que exercem o trabalho que a escola não consegue dar conta. Outrossim, este quadro se agrava quando os computadores e a *Internet* passam a fazer parte do cotidiano do estudante, o qual já não mais precisa frequentar esses espaços sociais de leitura para realizar suas pesquisas, uma vez que possui todas as informações de que necessita no maior acervo do mundo: a tela do seu computador pessoal.

Segundo Milanesi, os computadores surgiram logo após a Segunda Guerra Mundial e, em menos de 30 anos, passaram a fazer parte da vida dos indivíduos de forma tão convencional quanto o rádio e a televisão. Até esse período, as bibliotecas já haviam formulado maneiras próprias para organizar, catalogar e manter seus acervos. Não se imaginava que os computadores pudessem facilitar tais atividades realizadas pela Biblioteconomia, e, antes de passarem a ser utilizados como instrumento de trabalho dos bibliotecários, já haviam se popularizado entre o público.

Atualmente, mais precisamente a partir das últimas duas décadas do século XX, a criação de computadores pessoais e da rede mundial – a *World Wide Web* – formou o maior e mais novo acervo, composto por textos virtuais, à disposição das pessoas. Além disso, a *Internet* possibilitou aos indivíduos a conexão com milhões de computadores em uma rede, facilitando o acesso a informações sobre e em qualquer lugar do mundo.

3.4.1 Programas governamentais em prol da leitura nas bibliotecas escolares: dos anos 1990 aos dias atuais

A bibliotecária colombiana Silvia Castrillón (2011) afirma que, além das escolas, as bibliotecas são os meios para a democratização do acesso à leitura. Porém, para que isso realmente se efetue, muitas transformações necessitam ser concretizadas. Para tanto, dever-se-ia orientar as ações para essas instituições por meio de programas de longo prazo, que vão desde a melhoria na formação de docentes e dos bibliotecários, até o oferecimento dos equipamentos e materiais de leitura nesses dois espaços, incluindo as possibilidades de acesso às novas tecnologias. Outrossim, é notável que as bibliotecas que prestam os melhores serviços são aquelas que possuem o financiamento público e políticas de promoção de leitura. Buscamos apresentar, a seguir, os programas governamentais realizados em prol da leitura nas bibliotecas escolares, da década de 1990 aos dias atuais.

Até a década de mil novecentos e oitenta, pouco se investiu nas bibliotecas; o Brasil vivia a transição de governos, da ditadura para a democracia. A partir de 1990, vários projetos de fomento à leitura foram iniciados, mas acabavam antes mesmo de atingirem seus objetivos. Em 1997, há o surgimento do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), realizado pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC), com o intuito de “oferecer oportunidades de democratização cultural, reduzindo a distância entre o Brasil dos letrados e o dos excluídos” (BRASIL, 1998, p.3). Com este objetivo, o programa proveu e ainda provê as escolas públicas com o fornecimento de um acervo composto por obras consagradas da literatura brasileira, obras de referência e demais materiais de apoio à prática da educação básica. Embora seja uma importante medida realizada pelo governo, alguns obstáculos se interpõem ao êxito do fomento à leitura, pois sabemos que a maioria das escolas brasileiras de ensino público carece de bibliotecas e de mediadores. Portanto, somente assegurar o acesso estudantil a uma grande quantidade e diversidade de livros não garante o êxito na formação de leitores plenos.

O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) foi instituído no dia 10 de agosto de 2006, pelos ministros da Cultura e da Educação, respectivamente, Gilberto Gil e Fernando Haddad. E, no dia primeiro de setembro de 2011, firmado pela presidente Dilma Rousseff. A iniciativa pretende abranger governos estaduais e municipais, empresas públicas e privadas, organizações da sociedade e, em especial, todos os setores interessados no tema, norteando políticas, programas, projetos e ações continuadas, desenvolvidos no âmbito de ministérios, em particular os da Cultura e da Educação.

As diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil (e, em particular, à biblioteca e à formação de mediadores), apresentadas neste Plano, levam em conta o papel de destaque que essas instâncias assumem no desenvolvimento social e da cidadania e nas transformações necessárias da sociedade para a construção de um projeto de nação com uma organização social mais justa. Elas têm por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável¹².

Para tanto, o PNLL possui quatro eixos de ação: 1) democratização e acesso; 2) fomento à leitura e à formação de mediadores; 3) valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; 4) desenvolvimento da economia do livro. A importância

¹² Plano Nacional do Livro e Leitura: Dados obtidos através do portal: <http://www.cultura.gov.br/pnll> (Acesso em 08 de outubro de 2015).

desse projeto deve-se ao fato de preocupar-se não apenas com a distribuição de livros ou aumento das estatísticas de empréstimos, mas também com a implantação de bibliotecas municipais em todos os municípios brasileiros, com a formação de mediadores de leitura, fomentação e implementação dos centros voltados a pesquisas sobre a leitura e o livro.

Outra medida governamental importante para o fomento à leitura no Brasil refere-se à sanção da Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010, a qual dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei.

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.¹³

Menos de cinco anos é o tempo que resta para que as escolas se organizem para cumprirem a lei de possuírem bibliotecas escolares apropriadas para seus alunos, o que será um grande avanço para democratização da leitura. Contudo, embora o Brasil seja um dos países que mais investem em compras e distribuição de livros, ainda é carente de uma política adequada que ofereça às escolas subsídios para a promoção da leitura. O acesso ao livro é restrito em muitas escolas, ficando sob os cuidados dos professores. É necessário, além da criação de bibliotecas, um mediador de leitura em todas elas, e que este seja capacitado por um processo de formação contínua, pois representa a ponte que permite o encontro dos alunos com os livros.

3.4.2 Programas governamentais em prol da leitura nas bibliotecas municipais: dos anos 1990 aos dias atuais

¹³ Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010/ Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Dados obtidos através do portal: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm (Acesso em 08 de outubro de 2015)

A biblioteca pública, segundo Castrillón (2011, p. 34) deve ter a “responsabilidade como instituição a serviço de um projeto que contribua para uma mudança social inadiável para o país e para o mundo contemporâneo”.

As bibliotecas municipais do Brasil, desde 1992, estão sob jurisdição do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), órgão que era subordinado diretamente à Fundação Biblioteca Nacional (FBN), instituição vinculada ao Ministério da Cultura (MinC). A partir de sua criação, o SNBP trabalha de maneira articulada com os Sistemas Estaduais, Municipais e do Distrito Federal de Bibliotecas Públicas, seguindo o princípio federativo, com o objetivo de fortalecer suas ações e estimular o trabalho em rede. Sua gestão tem por premissa básica o diálogo, a transparência, a responsabilidade e o estímulo ao controle social, dentro de um modelo de gestão integrado com as Coordenadorias dos Sistemas Estaduais de Bibliotecas Públicas.

O SNBP participou da construção do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), integrando o eixo 1 – democratização do acesso, seguindo assim as suas diretrizes. Desenvolve ações conjuntas com outros órgãos, programas e projetos na área de leitura, literatura e bibliotecas, tal como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), Agentes de Leitura, entre outros, e estimula a criação de Planos Estaduais e Municipais do Livro, Leitura e Bibliotecas, de acordo com os parâmetros traçados pelo PNLL. As ações implementadas pelo SNBP são planejadas de acordo com as metas estabelecidas do Plano Nacional de Cultura (PNC). São 13 metas relacionadas as bibliotecas e, dentre elas, destacam-se as metas: Meta 32 – 100% dos municípios brasileiros com ao menos uma biblioteca pública em funcionamento e Meta 34 – 50% de bibliotecas públicas e museus modernizados.¹⁴

Em 2012, ocorreu a incorporação do *Department of Languages, Literatures & Linguistics* (DLLL) à Secretaria de Articulação Institucional/ Ministério da Cultura (SAI/MinC) pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN), a qual teve a denominação transformada em Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB), e o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) passou a ser subordinado à DLLLLB, e não mais à Presidência da FBN. Desde então o SNBP vem trabalhando em conjunto com o programa *Global Libraries*, no sentido de implementar projetos que fomentem a apropriação e uso das TICs nas bibliotecas públicas. Como resultado, em 2014, deu-se início ao projeto piloto “Tô na Rede” em 3 localidades do país: Pará, Alagoas e São Paulo.

¹⁴ Histórico do SNBP, dados obtidos através do portal <http://snbp.culturadigital.br/historico/> (Acesso em 08 de outubro de 2015).

Contudo, a maioria das bibliotecas municipais do Brasil ainda atua sem o respaldo do SNBP. Isto significa que são vinculadas à Secretaria de Cultura de sua cidade e dependentes das verbas disponibilizadas pela prefeitura para compra de obras, contratação e capacitação de funcionários, manutenção do mobiliário, entre outras necessidades. Além de não haver investimento financeiro e assistencial do SNBP, também não há uma fiscalização eficaz ou preocupada em cobrar das prefeituras e dos Estados bibliotecas de qualidade, que atendam às necessidades de cada cidade.

Muitos esforços deverão ser realizados para que se possa modificar a realidade das bibliotecas públicas no Brasil, para que se tornem locais de fomento ao interesse e ao gosto pela leitura, um ponto de trocas de experiências literárias, imprescindível para a vida cotidiana das comunidades, para aqueles que estão mais distantes da leitura, da educação e da cultura. Em um país que, devido às suas enormes diferenças sociais e regionais, ainda apresenta níveis insuficientes de leitura, principalmente no âmbito literário, a biblioteca representa a função de difundir a literatura como um instrumento que auxilia o cidadão a pensar de maneira crítica, ampliando sua visão de mundo. Necessitamos de ações que ultrapassem as barreiras que foram edificadas até os dias de hoje, e que se tornam empecilhos para que as bibliotecas sejam de fato espaços sociais de leitura. Precisamos aproximar leitores e não leitores, crianças, adolescentes e adultos, e que estes encontrem nas bibliotecas não apenas o que necessitam, mas novas possibilidades de pensamento.

A única forma de obter bibliotecas que cumpram esses novos desafios é contar com um bibliotecário que se apresente como um intelectual capaz de assumir um compromisso ético e político com seu país e com a sociedade, e que responda pela administração de um instrumento público, que, por sua vez, deve estar a serviço de um mundo mais justo para todos os cidadãos. (CASTRILLÓN, 2011, p. 39)

Embora os projetos governamentais apresentados almejem a melhoria e a ampliação desses espaços, o Brasil ainda vivencia a inércia dos baixos índices e qualidades de leitura. Um bom começo para uma mudança capaz de reverter essa situação seria dar a devida importância, respaldo e capacitação aos profissionais que atuam nas bibliotecas e ao trabalho desenvolvido por eles: a mediação da leitura.

3.5 A MEDIAÇÃO E OS MEDIADORES DE LEITURA

Para inserir o leitor no mundo letrado, não basta apenas proporcionar-lhe as competências das ferramentas da escrita e da leitura. O contato com os mais variados tipos de textos também não significa que o sujeito tenha conseguido adquirir a eficiência de um leitor especializado. Ao refletirmos que a leitura não passa apenas pelo livro, percebemos que o cerne da formação do leitor é constituído por uma teia de instâncias que se complementam e se interpõem, servindo de ponte entre a obra e o leitor.

Vimos, anteriormente que, a partir da Revolução Industrial, com a alfabetização em massa para todos, os leitores das classes populares passaram a consumir as obras oferecidas pela indústria cultural, visto que a leitura das obras clássicas era inacessível a estas, não mais por serem de difícil aquisição, mas de difícil compreensão. Nesse período, floresceram o número de instituições de mediação preocupadas em aproximar os leitores excluídos do círculo literário à leitura que até então era destinada à elite. O estudo desenvolvido pelo historiador da arte Arnold Hauser (1977) torna-se indispensável para a compreensão da influência de tais instituições mediadoras da leitura na formação do gosto dos leitores. Segundo ele:

São muitas as instâncias que participam da mediação, graças às quais as obras se fazem pela primeira vez acessíveis, dão um sentido que o público pode compreender, e eliminam a estranheza inerente a sua novidade, suprimem sua impressão desconcertante, as põem de acordo com o habitual e o familiar, e estabelecem entre o antigo e o que se anuncia essa continuidade sem o que a arte perderia sua historicidade, continuação e capacidade de ressurreição¹⁵ (HAUSER, 1977, p.592).

O sujeito não nasce leitor, pois ao iniciar a aprendizagem da leitura e da escrita que é introduzido à leitura de textos, por meio de instâncias capazes de influenciá-lo em suas escolhas, expectativas, satisfações ou até mesmo insatisfações de leitura, como a escola, família, bibliotecas, livrarias, editoras, *Internet*, companhias de teatro, museus e exposições. Tais instâncias são mediadoras, ou seja, possibilitam à obra de arte o contato real com o leitor, funcionando como elo de comunicação e interação entre a tríade autor-obra-público. Portanto, quanto maior for o contato do sujeito com os mediadores, maior terá a oportunidade de se tornar um leitor.

¹⁵ “Son muchas las instancias que participan em las mediaciones, gracias a las cuales las obras se hacen por primera vez accesibles, les dan un sentido que el público puede comprender, y eliminan la extrañeza inherente en su novedad, suprimen su impresión desconcertante, las ponen de acuerdo con lo habitual y familiar, y establecen entre lo anticuado y lo que se anuncia esa continuidad sin la que el arte perdería su historicidad, continuación y capacidad de resurrección” (tradução livre da autora)

A obra de arte passa por muitas mãos até chegar do escritor ao consumidor, e só alcança sua realidade estética quando for efetivada sua recepção. O comércio artístico, na acepção de Hauser (1977) é responsável por colocar as obras de arte em circulação, funcionando como mantenedor dos interesses dos vendedores e também do público, uma vez que a obra de arte é resultado de uma coletividade, na qual participam igualmente o escritor, o leitor e o mediador. O leitor é visto, portanto, como fator ativo da leitura. Porém, muitas vezes, necessita do auxílio de mediadores para compreender as pretensões do autor e as significações do texto. Dessa forma, percebe-se a importância destas para a formação do gosto de um público letrado, uma vez que, “(...) quanto menos entendidos e competentes em arte são os sujeitos receptores, maiores, diversas e importantes terão que ser as mediações” (HAUSER, p.588)¹⁶. Não obstante, tais instituições de mediação de leitura podem facilitar o contato dos leitores com os textos ou até mesmo dificultar esse acesso, “desempenhando uma função útil ou inútil de mediação” (*ibidem*, p. 591).

A Escola continua sendo o espaço social mais atuante na mediação da leitura e na formação do leitor. Durante muito tempo utilizou-se, e ainda utiliza-se, do princípio da cultura erudita, com caráter propedêutico, pautada em um *corpus* de textos literários considerados dignos de serem lidos, desconsiderando as leituras que refletiam interesses, conhecimentos e necessidades reais de seus alunos. O estabelecimento dessa relação de poder, entre escola e aluno não foi suficiente para aproximá-los do gosto literário. Segundo Regina Zilberman (2009), na tentativa de reverter esta situação, a partir da década de 1970, a Escola buscou realizar a facilitação do ensino, ou seja, pautar-se no uso de textos provenientes dos meios de comunicação de massa para o ensino da leitura. Embora nesse período se tenha aumentado o número de estabelecimentos educacionais no Brasil, tal mudança apenas acarretou na quase “extinção” da literatura em sala de aula, ou seja, se antes as classes populares tinham acesso às obras literárias por meio da mediação escolar, atualmente, este direito lhes tem sido negado, reforçando a manutenção do *status quo* da segregação entre leitores especializados e leitores de massa. Percebemos, pois, que facilitar o acesso à leitura por meio da banalização e vulgarização da literatura ou apenas refrear as leituras realizadas fora do contexto escolar, impondo apenas a de cunho literário, não significa realizar uma função útil de mediação; daí a complexidade do trabalho do mediador.

¹⁶ “(...) cuanto menos entendidos y competentes em arte lós sujetos receptores, tanto más grandes, diversas e importantes tendrán que ser las mediaciones” (tradução livre da autora).

Para que possamos refletir sobre as funções positivas ou negativas desempenhadas pela Escola, acreditamos ser válido apresentarmos as pesquisas realizadas por duas Instituições: Instituto Pró-livro e Instituto Paulo Montenegro.

A terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*¹⁷, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor no Brasil, afirma que o brasileiro lê em média apenas 4 livros por ano, os quais são, na maioria das vezes, aqueles indicados pela escola. A leitura espontânea é ainda menor: 1,3 livros por ano. Observa-se, desta forma, que a insuficiência de leitura reflete-se em outro baixo índice, pois apenas 26% da população brasileira é capaz de ler, entender e interpretar textos mais complexos, segundo os últimos dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF)¹⁸, realizado em 2012.

É notória a influência da Escola e do professor no índice de livros lidos, porém, ainda muito ineficientes com relação ao fomento do gosto do público pela leitura e à formação de leitores competentes. Portanto, a partir das pesquisas apresentadas, verificamos que nenhuma das alternativas tomadas pela escola foi suficiente para a realização uma função útil de mediação e formação de leitores. É importante salientarmos que o termo “útil” é empregado pelo teórico Arnold Hauser (1977) para validar a eficácia do trabalho desenvolvido pela mediação e não para referir-se à questão utilitária da leitura. Castrillón (2011) afirma que, para que ocorra uma mudança na educação, a Escola deve aliar-se à biblioteca, e que tais transformações devem acontecer nesses dois espaços, pois a biblioteca tem nela um papel protagonista.

O trabalho desenvolvido pela antropóloga Michèle Petit (2010) demonstra-nos funções úteis de mediação de leitura, que foram desempenhadas pelas bibliotecas públicas, bibliotecários e educadores, para um público leitor que vivenciou a exclusão ou dificuldades do acesso à leitura. Ao realizar suas pesquisas investigativas sobre as práticas de leituras realizadas por jovens provenientes de classes marginalizadas – seja de imigrantes que se

¹⁷ Terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro, lançada em Brasília, no dia 29 de março de 2012, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Segundo a pesquisa, “O índice de penetração de leitores oscilou negativamente, da 2ª edição, realizada em 2007, para esta, passando de 55% para 50%” (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, p.143).

¹⁸ “Indicador de Alfabetismo Funcional” (INAF), concretizada pelo Instituto Paulo Montenegro, em 2012. Com seu último levantamento nacional, o Inaf aponta que no decorrer de 10 anos de pesquisa, ocorreram melhorias correspondentes à ampliação do acesso à escolarização, mas não na medida desejável. Os progressos localizam-se principalmente na transição do analfabetismo absoluto ou da alfabetização rudimentar para um nível básico de habilidades de leitura e matemática. Por outro lado, durante todo o período, mantém-se em torno de pouco mais de ¼ da população a fração dos que atingem um nível pleno de habilidades, aquele que seria, em princípio, esperado ao completar os nove anos do ensino fundamental.

tornaram residentes na periferia das cidades francesas seja de moradores de bairros pobres da América Latina, inclusive do Brasil – Petit afirma que a leitura é uma prática altamente significativa na construção do indivíduo desfavorecido por sua classe social, instrumento poderoso de acesso ao saber, apropriação da língua, resistência e abertura para novas sociabilidades e possibilidades.

“As bibliotecas também estão qualificadas para contribuir para uma mudança de atitude em relação à leitura” (PETIT, 2010, p. 11). Nesse sentido, é importante considerar o trabalho efetivado tanto pela biblioteca pública quanto pela escolar, por serem espaços sociais que permitem aos usuários culturais as leituras não autorizadas pelas instituições de poder. As bibliotecas são, também, locais cuja frequência dos indivíduos em busca de leitura e auxílio é notória, e que possibilitam apreender a produção silenciosa dos leitores e os sentidos que criam conforme seus próprios interesses.

Arnold Hauser e Michèle Petit concordam com a premissa de que a familiaridade da leitura é concretizada pela mediação. O indivíduo pode ser convidado ou desestimulado à leitura, seja por meio da família e/ou de outros iniciadores ao livro: professores, bibliotecários, contadores de história, amigos, entre outros.

(...) o iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso. (PETIT, 2010, p.148)

As bibliotecas também podem exercer uma função “inútil de mediação”, ao manterem-se apenas como repositório de livros. Isto pode ocorrer quando não há um profissional que auxilie os leitores na progressão de suas leituras, ou por servir apenas de suporte aos trabalhos escolares, à informação e ao conhecimento, sem se preocupar com a qualidade das obras que compõem seu acervo e com formação do leitor. Contudo, muitas vezes, exerce uma função útil de mediação, uma vez que o bibliotecário, o indivíduo que acompanha o leitor na difícil escolha de um livro, consegue aguçar o desejo dos leitores por novas leituras, sem necessariamente ter que recorrer a uma mediação pedagogizante, de imposição, mas de aproximação, de familiarização, trocas de conhecimento.

Desde a criação das primeiras bibliotecas, a figura do bibliotecário se concretizou como o “sábio” que salvaguardava o patrimônio produzido pelo homem. Com o decorrer do tempo, passou a atuar não mais como o homem dedicado às letras, mas como o profissional especializado em organizar o acervo e facilitar ao público o acesso à obra desejada. A importância desse profissional deve-se ao fato de servir de elo entre a obra e o público, que já

não mais pode se limitar em proteger o acervo dos leitores ou organizar as obras nas prateleiras para auxiliar aqueles que lhe recorrem para encontrarem as obras de que necessitam. O bibliotecário atual precisa, antes de tudo, ser leitor, assim como os intelectuais bibliotecários de antigamente, porém, sendo crítico, reflexivo e informado, deve também ter as competências de organização, catalogação, indexação e controle do acervo, mas, principalmente, buscar mudanças e ser comprometido com a sociedade, conhecer o público que dele carece e atuar como formador de leitores. O leitor que é conduzido por este bibliotecário tem a oportunidade de percorrer as obras de várias estantes, e, não se limitando a um determinado tipo de assunto, suas leituras crescem progressivamente, tornam-se subversivas, ampliam seus horizontes de expectativas e promovem sua emancipação.

4 ENTRE O CONTEXTO PÚBLICO E O ESCOLAR: A MEDIAÇÃO

(...) quanto menos entendidos e competentes em arte são os sujeitos receptores, maiores, diversas e importantes terão que ser as mediações”.

(Arnold Hauser)¹⁹

Não basta ao indivíduo possuir as competências das ferramentas da leitura e da escrita para se tornar um leitor, nem somente ter contato com uma infinidade de livros. É preciso um trabalho de mediação que o ampare em suas escolhas e lhe permita ampliar suas leituras, não apenas em quantidade, mas em qualidade. Além da escola, a biblioteca possui fundamental importância para a formação de leitores, principalmente pela função exercida pelo profissional que nela atua: o mediador de leitura.

Para a Sociologia da leitura, que analisa as práticas de leitura por um viés sociológico, a mediação é responsável pelo estabelecimento da relação entre o leitor e a leitura, que pode se efetuar tanto de forma positiva quanto negativa. A obra de arte passa por várias instâncias até que se torne aceita pelo público e, desta maneira, o mediador de leitura desempenha a importante função de acompanhar o indivíduo em seu percurso de leitura, podendo realizar uma função útil de mediação – caso consiga auxiliar o leitor na ampliação de seu horizonte de leituras – ou realizar uma função inútil de mediação – caso atue como distanciador entre a obra e o público, ou seja, caso não consiga fomentar o gosto pela leitura.

Sabemos que bibliotecas com acervos amplos e mediadores de leitura capacitados estão distantes da realidade de muitos cidadãos. Reconhecendo que são muitos os fatores que influenciam no trabalho desempenhado pelos mediadores de leitura para que possam exercer uma função útil de mediação, a presente análise propôs reconhecer os desafios vivenciados por estes profissionais para a promoção da leitura e formação de leitores nas bibliotecas públicas e escolares da cidade de Cornélio Procopio-PR.

Para que pudéssemos alcançar nossos objetivos, dividimos a análise em dois momentos: no primeiro, analisamos os dados levantados pelo questionário (Apêndice A) que foi aplicado nas Bibliotecas Públicas e nas bibliotecas das Escolas Estaduais e Escolas Particulares. Inicialmente, descrevemos, a partir da observação *in loco*, como são caracterizados os espaços físicos das bibliotecas, e, na sequência, articulamos os dados

¹⁹ “(...) cuanto menos entendidos y competentes en arte lós sujetos receptores, tanto más grandes, diversas e importantes tendrán que ser las mediaciones” (tradução livre da autora).

apurados com as leituras teóricas sobre biblioteca e mediação. É importante salientarmos que, das onze Escolas Estaduais, uma não possui biblioteca nem mediador de leitura. Além disso, das cinco Escolas Particulares, duas não possuem mediador de leitura nas bibliotecas. Portanto, as três instituições referidas não fizeram parte da análise dos questionários junto às demais escolas, e foram analisadas posteriormente.

No segundo momento, realizamos a análise dos dados levantados pelos questionários aplicados nas Escolas Municipais de Cornélio Procopio. Devido à quase inexistência de espaço físico para a biblioteca e funcionários responsáveis pela mediação de leitura, na maioria dessas escolas, desenvolvemos um novo questionário (Apêndice B), o qual foi preenchido pelos diretores e/ou supervisores. Sendo assim, os questionários respondidos pelas Escolas Municipais tiveram valor para o reconhecimento da realidade em que se encontram tais instituições e, na falta do profissional da biblioteca, como trabalham a leitura com os alunos.

4.1 A MEDIAÇÃO DA LEITURA NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS, BIBLIOTECAS DAS ESCOLAS ESTADUAIS E ESCOLAS PARTICULARES

4.1.1 Biblioteca Pública Municipal Prof.^a Edna Saad Bonfim Carnevalle

A Biblioteca Pública Municipal Prof.^a Edna Saad Bonfim Carnevalle está vinculada à Secretaria Municipal de Cultura. Contudo, não encontramos dados consistentes e primordiais sobre tal espaço, uma vez que tais informações não estão acessíveis em sites e pesquisas acadêmicas e os próprios funcionários desconhecem tais informações, que também não estão disponíveis no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)²⁰, onde apenas consta o antigo endereço da Biblioteca (Rua Mato Grosso, 110, Centro). Entramos em contato com o SNBP, que pediu para que sanássemos nossas dúvidas com o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, por meio da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. A bibliotecária, que prontamente nos respondeu, no dia 01 de julho de 2015, afirmou:

²⁰ O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) é um órgão da administração federal do Brasil, coordenado pela Fundação Biblioteca Nacional, instituído em 1992 em substituição ao antigo Instituto Nacional do Livro INL, que possui o intuito de apoiar o desenvolvimento das políticas culturais nacionais voltadas para bibliotecas públicas municipais e estaduais e realizar sistematicamente a atualização dos dados acerca desse tipo de equipamento cultural. Dados obtidos através do site <http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/> (Acesso em 15 de junho de 2015).

“Não temos muita coisa a respeito da biblioteca pública municipal Edna Saad Bonfim Carnevalle - apenas o cadastro que nos respondem e alguns relatórios de atividades antigos...”:

Nome da Biblioteca: Biblioteca Pública Municipal Edna Saad Bonfim Carnevalle - Cornélio Procópio – PR;

Lei Municipal de criação: Lei nº 48 de 08/10/1948;

Endereço (desde 2007): Rua Mato Grosso, 110 – Centro;

Área: mais de 80m² - prédio próprio;

Funcionários: 02;

Usuários: média de 100/mês;

Acervo médio: 3.000 vol.

OBS: A biblioteca tem computadores e tem *Internet* disponível aos usuários.

Em junho de 2015, a biblioteca foi transferida para a Casa de Cultura Nair Mariucci Azzolini, localizada na Av. XV de Novembro, 400, onde passou a dividir espaço com o Museu Histórico de Cornélio Procópio. Após um incêndio ocorrido no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Cornélio Procópio, em abril de 2015, a Prefeitura Municipal optou por instalar o CRAS no espaço onde era sediada a Biblioteca Municipal. É importante salientarmos que tais dados não foram atualizados no Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas.

No dia 19 de junho de 2015, realizamos uma sondagem na nova sede. Observamos que o acervo está disposto em dois espaços, um no piso térreo e outro no andar superior, dividindo espaços com as salas e objetos que compõem o museu, o que dificulta o acesso ao leitor e dos próprios funcionários a todo acervo, facilitando até mesmo furtos, tendo em vista que, além da distância entre as salas, o espaço da sala da biblioteca, no piso superior, é pequeno para abrigar todo acervo e a disposição das prateleiras forma corredores estreitos. O local apresenta problemas estruturais, como mofo e infiltrações no teto e nas paredes, o que prejudica a qualidade do acervo, pois contribui para a proliferação dos agentes de deterioração das obras.

Figura 1 - Piso térreo da Biblioteca Pública Municipal



Fonte: A autora

Figura 2 - Piso superior da Biblioteca Pública Municipal



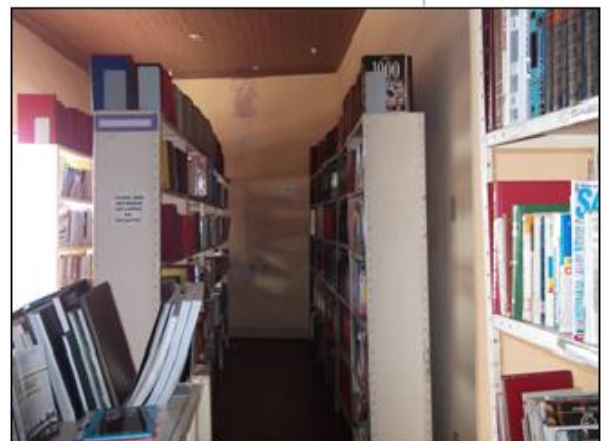
Fonte: A autora

Figura 3 - Biblioteca (piso térreo)



Fonte: A autora

Figura 4 - Biblioteca (piso superior)



Fonte: A autora

No dia 19 de outubro, realizamos uma nova observação *in loco* e fizemos a aplicação de um novo questionário (Apêndice C), para que pudéssemos ter um maior conhecimento sobre o funcionamento da biblioteca. Conforme os respondentes, o quadro de funcionários da biblioteca é composto por um dirigente – Secretário de Cultura e três funcionários concursados, sendo que os cargos desempenhados são de “zelador”, “serviços gerais” e “auxiliar administrativo”. Nenhum possui formação em biblioteconomia e apenas dois funcionários possuem Ensino Superior, ambos em Pedagogia. Tanto os funcionários quanto o Secretário de Cultura alegaram nunca terem realizado treinamentos para o ofício.

Não há registro de todas as obras que compõem o acervo, mas os funcionários acreditam possuir mais de 8.000 exemplares. O serviço de empréstimo de livros não é informatizado, a catalogação é feita de forma livre e as obras são adquiridas apenas por doações da comunidade. A biblioteca não oferece serviços de extensão como oficinas de leitura, hora do conto ou exposições. Há três computadores e rede *Wi-fi* disponível ao público.

Segundo os funcionários, a principal motivação do uso da biblioteca por seus frequentadores é pesquisa escolar e empréstimo de obras para leitura, sendo a frequência média mensal 55²¹ atendimentos. Com relação aos desafios e dificuldades encontrados pela Biblioteca em relação à formação do leitor, o Secretário de Cultura afirmou ser “o gosto pela leitura e o conhecimento do instrumento social que é a biblioteca.”.

4.1.2 Biblioteca Cidadã Professora Izabel Arantes de Campos

É de conhecimento geral que a Biblioteca Cidadã é um importante projeto desenvolvido pelo Governo do Estado do Paraná, em conjunto com a Secretaria da Cultura, Biblioteca Pública do Paraná e municípios, no que se refere ao oferecimento, às regiões do Estado do Paraná com baixo índice de desenvolvimento humano, de um equipamento cultural que promove a democratização do conhecimento, pelo acervo de livros e pela possibilidade de inclusão digital, por meio dos telecentros.

²¹ Conforme o questionário (Apêndice C), respondido em outubro de 2015, pelo novo Secretário de Cultura, o número de atendimentos realizados pela Biblioteca Municipal é de 400 leitores por mês, porém, conforme os funcionários que responderam ao questionário (Apêndice A), em fevereiro de 2015, a frequência mensal é de 55 atendimentos, dados que foram utilizados quando à análise do presente estudo.

Segundo, a Secretaria da Cultura do Governo do Paraná, “a edificação, depois de pronta, reúne cultura e tecnologia e concentra, no mesmo espaço, acervo inicial de quase dois mil livros e um telecentro equipado com cinco computadores com acesso à *Internet*.”²².

Em Cornélio Procópio, a Biblioteca Cidadã “Professora Izabel Arantes de Campos” foi inaugurada em 15 de julho de 2011, mas ativada somente no ano de 2013. Conforme observações *in loco* e as respostas levantadas pela aplicação do questionário (Apêndice C), a biblioteca conta com um quadro de dois funcionários, os quais realizaram cursos de capacitação, oferecidos pela Biblioteca Pública do Paraná e CELEPAR, para atuarem na biblioteca e no Telecentro.

Figura 5 - Biblioteca Cidadã Professora Izabel Arantes de Campos



Fonte: A autora

O espaço físico é padrão, seguindo as diretrizes do Programa Biblioteca Cidadã, contando com espaço para leitura, espaço para criança, espaço para o Telecentro e sala de reuniões. Compõem o acervo da biblioteca 1.800 livros, os quais são catalogados e os empréstimos controlados por um sistema informatizado. A Biblioteca Cidadã possui o Espaço Cidadão (Telecentro), com computadores disponíveis ao público para o acesso a pesquisas, capacitações e à *Internet*.

O acervo atual é composto por obras doadas pela Secretaria da Educação, Itaú Social, Biblioteca Pública do Paraná, Sesi e doações da comunidade. Há várias obras escritas em Braille e recursos auditivos, os quais foram doados pela Biblioteca Pública do Paraná. O atendimento volta-se às escolas, mediante agendamento, e se estende à comunidade. A frequência média é de 40 atendimentos mensais.

²² Citação retirada do Site do Governo do Estado do Paraná: <http://www.cultura.pr.gov.br/> (Acesso em 18 de junho de 2015).

Quanto às dificuldades e desafios encontrados pela biblioteca em relação à formação do leitor, a Diretora Administrativa da Biblioteca Cidadã de Cornélio Procópio afirmou: “Não há compra de livros pelo Município. A dificuldade então é nem sempre ter o livro procurado pelo leitor”.

4.1.3 Bibliotecas escolares: Escolas Estaduais e Particulares

Dada a amplitude e heterogeneidade dos espaços analisados, sendo onze Escolas Estaduais e cinco Escolas Particulares, não houve a possibilidade de descrevermos minuciosamente a caracterização de todas as bibliotecas, nem mesmo fazermos uma descrição generalizante sobre tais espaços. Podemos afirmar que, com relação às Escolas Estaduais, todas, exceto uma, possuem bibliotecas, embora algumas dividam o espaço físico para a realização de outras atividades escolares, como a informática e o xadrez. A catalogação do acervo e o controle de empréstimos não são informatizados, mas realizados a critério dos funcionários, o que dificulta a procura dos alunos e até mesmo dos professores pelas obras que necessitam. Há a figura do mediador de leitura lotado na biblioteca da maioria dessas escolas.

A caracterização dos espaços das bibliotecas das Escolas Particulares assemelha-se às das Escolas Estaduais. Contudo, das cinco Escolas Particulares de Cornélio Procópio, apenas três possuem um profissional responsável por atuar como mediador de leitura na biblioteca.

4.1.4 O perfil socioeconômico dos mediadores de leitura

Com o intuito de alcançarmos uma identificação mais apurada sobre os mediadores de leitura das bibliotecas das Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Municipais, que fizeram parte desta etapa da pesquisa, bem como o reconhecimento do entorno social em que estão inseridos, realizamos, inicialmente, uma investigação do perfil socioeconômico destes. Para Mury (1974), realizar uma pesquisa fundamentada em uma perspectiva sociológica, metodologicamente, implica considerar uma série de fatores, como integração do indivíduo em meio a conjuntos definidos pela classe social, idade, sexo e posição socioprofissional.

Como podemos observar, no Anexo A (Quadro 1), a maioria dos mediadores de leitura é constituída por mulheres, (13 mulheres e 2 homens) e nenhum dos entrevistados possui formação específica de Biblioteconomia ou Ciências da Informação. A faixa etária média dos funcionários dos três espaços sociais analisados é de 46 anos e todos residem na cidade de Cornélio Procopio- PR. Quanto à escolaridade, todos possuem Ensino Superior. Contudo, percebemos um movimento crescente de algumas porcentagens em direção às Escolas Estaduais e Particulares, que podem ser observados como reflexo da origem familiar, renda familiar e escolaridade dos pais. Nas Escolas Estaduais 70% possuem Especialização, nas bibliotecas das Escolas Particulares, 67% possuem especialização. Nas bibliotecas públicas esse índice é reduzido para 50%.

Nas Escolas Estaduais, há funcionários lotados como “agente de leitura, professor, agente educacional, escriturário e técnico administrativo”; nas Particulares, como “auxiliar de biblioteca, pedagogo e professor”; e nas Bibliotecas Públicas, “zelador” e “pedagogo”. Contudo, ao verificarmos a escolaridade desses funcionários, percebemos que poucos possuem formação acadêmica para atuarem como mediadores de leitura, visto que, dos cursos superiores mencionados, apenas Letras e Pedagogia preocupam-se em formar profissionais com conhecimentos específicos sobre o ensino da leitura, a importância da leitura de textos literários e a formação de leitores. Os demais funcionários são formados em Administração de Empresas, Matemática, Economia, História, Marketing e Ciências Contábeis. Destarte, percebemos que não há exigência das instituições em que atuam em empregarem bibliotecários, ou seja, funcionários graduados em Biblioteconomia ou Ciência da Informação, que possuam os conhecimentos específicos sobre as técnicas necessárias à gestão de uma biblioteca.

4.1.5 História de Leitura

Para fundamentar seus estudos, Mury (1974) apresenta os pressupostos de Kardiner, que propõe a existência de uma relação dialética entre o indivíduo e as instituições: “a criança desde seu nascimento, vive e se constitui em uma série de relações com as instituições primárias” (MURY, 1974, p.211). A criança, portanto, desde seu nascimento, está em processo de constituição, sendo que a família, a instituição primária, induz a criança a um tipo de comportamento, a personalidade de base. No caso, a personalidade de base literária é

formada pelas instituições primárias e secundárias (família, escola, comunidade de bairro, igreja, etc.).

Assim, na tentativa de compreendermos como a leitura se configura na consciência de base literária dos mediadores de leitura, buscamos resgatar a história pessoal de leitura destes, as quais se constroem na base de relações análogas do entorno social.

Conforme podemos observar nas respostas elencadas no Anexo A (Quadro 2), a maioria dos respondentes, quando criança, estava inserida em um cotidiano cuja leitura, mesmo que de maneira rarefeita, fazia-se presente por meio das leituras realizadas pelos familiares, em suportes como jornal, Bíblia, livros religiosos, revistas sertanejas, almanaques, gibis, livros didáticos, romances e literatura.

Na infância, as atividades preferidas (Anexo A, Quadro 3) eram brincar, ver televisão, mas também gostavam de ouvir histórias e ler. Conforme Quadro 4, em todos os espaços analisados, a mãe era a responsável pela maioria das histórias contadas. Clássicos infantis – como *João e Maria*, *Os três porquinhos*, *Pinóquio*, *Chapeuzinho Vermelho* (elencado quatro vezes) – fábulas, histórias populares, histórias inventadas, mitos e folclore, de acordo com o Quadro 5 (também do Anexo A), faziam parte do cotidiano deles quando crianças

A Sociologia da leitura sustenta a premissa de que a familiaridade com a leitura inicia-se na infância, pela oralidade, e se potencializa conforme suas relações sociais. Ou seja, o primeiro contato da criança com o livro acontece pela voz daquele que narra a história.

As histórias contadas pela família (instância primária) refletiram no interesse dos respondentes por leituras próprias, tendo em vista que além de continuarem lendo as histórias narradas pelos familiares, ampliaram seus repertórios de leitura, como podemos observar no Anexo A (Quadro 6): *João e Maria*, *O lobo e os porquinhos*, *Branca de Neve*, *Pinóquio*, *Cinderela*, *O cão e a raposa*, *O menino do dedo verde*, *Emília no país da gramática*, *Turma da Mônica*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Os três porquinhos*, “obras de Monteiro Lobato” e as “histórias de cartilha” ou “livros que a professora levava à sala de aula”.

Outro fator que podemos observar refere-se à influência da escola, também instância primária, na construção de uma relação familiar com a leitura, quando os respondentes mencionaram ler as obras da cartilha e os livros trabalhados na sala de aula, e, conforme o Quadro 7 (Anexo A), afirmaram que a maioria dos livros lidos por eles na infância era de alguém de sua casa ou emprestados na biblioteca da escola.

Com o intuito de compreendermos se o acesso aos livros e as práticas de leitura realizadas na infância influenciaram na escolha profissional dos respondentes, indagamos: “Por que você escolheu trabalhar como mediador de leitura?”. Conforme os exemplos

selecionados (Anexo A, Quadro 8), constatamos que a maioria dos respondentes não escolheram trabalhar em bibliotecas como mediadores de leitura, mas foram transferidos para esta função por imposição das instituições em que trabalham:

Quadro 8: Escolha da profissão: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Por que você escolheu trabalhar com mediação de leitura?	
Escolas Estaduais	
Respondente: 3	“Passei no Concurso do Estado para o cargo de Agente Educacional II, que possui duas funções, uma de técnico administrativo e outro de Agente de Leitura pela qual fiz minha opção.”
Respondente: 4	“Fui alocado pela escola.”
Respondente: 8	“Não escolhi, mas gosto do que faço.”
Respondente: 9	“Sou funcionário administrativo do governo do estado do Paraná e uma das funções deste cargo é o atendimento da biblioteca.”
Respondente: 10	“Não escolhi, como agente administrativo cuido também da biblioteca.”
Bibliotecas Públicas	
Respondente: 1	“Isso foi uma surpresa, devido ao local de trabalho”

Fonte: A autora

Apenas uma pequena parcela dos entrevistados apontou para o interesse pessoal em trabalhar nesta função: dois mediadores das Escolas Estaduais, todos os das Escolas Particulares e um funcionário da Biblioteca Pública:

Quadro 8: Escolha da profissão: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Por que você escolheu trabalhar com mediação de leitura?	
Escolas Estaduais	
Respondente: 2	“Por ser gratificante o incentivo a leitura aos alunos.”
Respondente: 7	“Para alunos desenvolverem raciocínio e interpretação do texto.”
Escolas Particulares:	
Respondente: 1	“Para desenvolver nas crianças o gosto pela leitura por intermédio de textos (para).”
Respondente: 2	“Trabalhei em uma biblioteca por vários anos, me encantei. Logo fui trabalhar com crianças do 1º ao 5º em outra biblioteca, foi muito gratificante.” – (Texto alterado para preservar a identidade do respondente)
Respondente: 3	“Gosto de lidar com crianças.”
Bibliotecas Públicas:	
Respondente: 2	“Como professora a gente já se torna mediador de leitura. Sou funcionária pública e agora trabalho na biblioteca pública e sabendo que gosto desse tipo de trabalho, me deram esse desafio.” (Texto alterado para preservar a identidade do respondente)

Fonte: A autora

Os motivos para trabalharem em biblioteca não foram para todos os respondentes originados em uma consciência de base literária adquirida desde a infância ou de um desejo particular de trabalharem como mediadores de leitura. Isso pode ser refletido pelo fato de que, até que o indivíduo chegue à vida adulta, ele passa por outras instâncias socializadoras, como religião, trabalho e o meio onde vive, as quais influenciam na construção do gosto pela leitura.

4.1.6 Mediadores de leitura são leitores?

Os mediadores de leitura necessitam, antes de tudo, serem leitores, para que possam provocar novos interesses de leitura. Caso contrário, “sem a dimensão educacional, o responsável pela biblioteca será, apenas, o agente da ordem dos manuais das regras.” (MILANESI, 2013, p.67). Assim, após investigarmos a relação dos respondentes com a leitura na infância, buscamos averiguar como, atualmente, a leitura se faz presente no cotidiano destes.

No que se refere à apreciação da leitura, conforme as respostas apresentadas no Anexo A (Quadro 9), 9 respondentes das bibliotecas das Escolas Estaduais, 2 das Escolas Particulares e 1 das Bibliotecas Públicas afirmaram gostarem de ler. Porém, 1 dos respondentes das Escolas Estaduais, 1 das Escolas Particulares e 1 das Bibliotecas Públicas afirmaram que gostam de ler dependendo do texto.

Os mediadores de leitura elencaram, em ordem de preferência, conforme pode ser observado ainda no Anexo A (Quadro 10), os principais motivos para realizarem leituras, sendo: “somente para estudar”; “para me distrair”; “para aprender coisas úteis”; “para aprender religião” e acrescentaram respostas como: “conhecimento”, “lazer”, “paixão” e “prazer”. Percebemos, pois, que seus interesses de leitura são pautados, primeiramente, no atendimento das necessidades de caráter informativo. Todavia, ao serem questionados sobre os tipos de leitura que costumam realizar, demonstraram preferir obras de caráter recreativo:

Quadro 11: Leituras correntes - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Que tipo de leitura você costuma fazer?:			
	Escola Estadual	Escola Particular	Biblioteca Pública
Ficção científica	7	2	2
Detetive/policial	1		
Poesia	2	1	1
Religião	1	1	1
Escolar	5	2	2
Autoajuda	3	1	2
Outros	Romance, crônicas e/ou não possui um tipo definido		

Fonte: A autora

Como podemos observar, no Quadro 11, os respondentes costumam realizar leituras de ficção (11), escolar (9), autoajuda (5), poesia (4), religião (3), detetive policial (1). A incompatibilidade das respostas entre os motivos de ler e o que gostam de ler pode ser compreendida pelo discurso utilitário da leitura.

Os entrevistados foram questionados sobre suas leituras correntes de textos impressos, dados averiguados a partir dos livros lidos nos últimos 3 meses, conforme as respostas apresentadas no Quadro 12. Como podemos notar pela lista dos títulos elencados, a preferência dos mediadores é pautada, quase de forma igualitária, em obras literárias (17) e *best-sellers* (15). As obras de literatura infantojuvenil (6) e livros didáticos (1) também foram citadas, porém, em menor número. Embora dois respondentes (1 da Escola Estadual e 1 da Escola Particular) não tenham realizado leituras nos últimos três meses, os dados coletados mostram que a maioria dos mediadores é leitora, lê obras literárias e também realiza leituras de evasão e recreação, como demonstraram os dados até aqui apresentados.

A leitura do texto literário é uma poderosa ferramenta para a aproximação do leitor com texto. Portanto, se o mediador lê textos literários tem condições de mediar com maior competência à aproximação entre leitor e literatura. Perguntamos aos respondentes se consideram os livros de literatura importantes para a formação do leitor. Embora 1 respondente das Escolas Estaduais não tenha respondido ao questionamento, os demais (14) afirmaram que sim, sendo as justificativas:

Quadro 13: Considera os livros de literatura importantes? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Você considera os livros de literatura importantes para a formação do leitor?	
Escolas Estaduais:	
Respondente: 1	“Porque o leitor aprende a falar e a escrever certo, além de conhecer vários lugares através da leitura.”
Respondente: 2	“Melhora o vocabulário, escrita, desenvolvimento do intelecto.”
Respondente: 3	“Porque os livros de literatura podem contribuir para o desenvolvimento em todas as faixas etárias formando valores ligados à cidadania e solidariedade, valores esses importantes na formação de leitores.”
Respondente: 4	“Sim, pois, além de tudo ajuda a compreender o contexto social em que vive.”
Respondente: 5	“A leitura é importante sempre. Através dela se adquire conhecimento.”
Respondente: 6	“A leitura enriquece o conhecimento, a fala, a escrita, melhora o vocabulário, etc.”
Respondente: 7	“Porque desenvolve sabedoria e ficam atualizados no mundo em que vivemos.”
Respondente: 8	“Ao ler temas variados o leitor adquire gosto pela leitura.”
Respondente: 9	Não respondeu.
Respondente: 10	“Sim. Principalmente para alunos que estudam o ensino fundamental e médio para que tenham hábito da leitura.”
Escolas Particulares:	
Respondente: 1	“Enriquece o imaginário, favorece momentos de prazer.”
Respondente: 2	“Ela é importante para a formação do leitor porque ela exprime a realidade, contribui para a formação da personalidade.”
Respondente: 3	“Temos que estimular à leitura”.
Bibliotecas Públicas:	
Respondente: 1	“Isso faz com que as pessoas aprimorem ainda melhor o conhecimento.”
Respondente: 2	“Formação de ideias, ampliação do vocabulário.”

Fonte: A autora

Para Antonio Candido (1972) a literatura liga-se à representação do real, assumindo algumas funções que atuam diretamente no indivíduo. Em uma de suas obras, intitulada *A literatura e a formação do homem* (1972), apresenta três funções exercidas pela literatura: a *função psicológica*, a *função formadora* e a *função social*, as quais, em seu conjunto, denomina de *função humanizadora da literatura*.

Conforme as respostas, a maioria, 4 respondentes das Escolas Estaduais e 2 respondentes das Bibliotecas Públicas, acredita que a literatura tem sua importância porque auxilia na melhoria do vocabulário e da escrita, bem como na ampliação do conhecimento, como pode ser observado nas respostas: “A leitura enriquece o conhecimento, a fala, a escrita, melhora o vocabulário, etc.”; “A leitura é importante sempre. Através dela se adquire conhecimento.”; “Porque desenvolve sabedoria e ficam atualizados no mundo em que vivemos.”. Tais compreensões acabam por limitar o fomento da leitura literária nas bibliotecas, uma vez que a literatura não se restringe apenas à linguagem, à informação e ao conhecimento.

Analisando duas respostas das mencionadas acima, uma das Escolas Estaduais e uma das Escolas Particulares – “(...) além de conhecer vários lugares através da leitura”; “Enriquece o imaginário, favorece momentos de prazer” – percebemos que são poucos os respondentes que compreendem a importância da *função psicológica* da literatura. Esta função compreende a representação do real e sua transposição para o imaginário, que ocorre por meio da linguagem literária e a troca de significações entre autor e leitor, permitindo a criação de novos universos, remetendo-se à fantasia: É importante ressaltarmos que a fantasia tem sua grande importância também pelo fato de ao ligar-se ao real, passa a exercer outra função: a *função formadora*.

Segundo Candido (1972, p. 806), “a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, por que faz viver”. Apenas um respondente das Escolas Estaduais, embora com pensamento ainda utilitário sobre o texto literário, percebe a importância da literatura por sua *função formadora*, conforme a resposta: “Porque os livros de literatura podem contribuir para o desenvolvimento em todas as faixas etárias formando valores ligados à cidadania e solidariedade, valores esses importantes na formação de leitores.”.

A literatura, por meio da transposição do real para o ficcional, permite ao indivíduo a compreensão da realidade social em que está inserido. Trata-se, portanto de sua *função social*, que foi entendida e elencada por um respondente das Escolas Estaduais e um respondente das Escolas Particulares: “Sim, pois, além de tudo ajuda a compreender o contexto social em que

vive”; “Ela é importante para a formação do leitor porque ela exprime a realidade, contribui para a formação da personalidade”.

Também encontramos respostas que não refletem a compreensão da importância da literatura, como nas 2 respostas das Escolas Estaduais e 1 das Escolas Particulares: “Temos que estimular à leitura”; “Sim. Principalmente para alunos que estudam o ensino fundamental e médio para que tenham hábito da leitura.”; “Ao ler temas variados o leitor adquire gosto pela leitura.”.

Embora não exista uma definição estabelecida acerca do conceito de literatura e, portanto, não podemos julgar as respostas dos mediadores de leitura como errôneas, aferimos que os respondentes demonstraram apenas conhecimentos prévios, estereótipos, do que é literatura. Outrossim, que acreditam na função utilitária do texto literário e pouco valorizam a importância de seu caráter de ficcionalidade, estilização da linguagem literária, representação do real ou na fruição da arte.

4.1.7 Representações das Bibliotecas Escolares e Públicas: o mediador como formador de leitores

Como observamos anteriormente, segundo Hauser (1977, p.591), “toda pessoa ou instituição que se interponha entre a obra de arte e a vivência artística do leitor efetua uma função útil ou inútil de mediação”. Portanto, a partir da pesquisa socioeconômica, da infância e das leituras vivenciadas, buscamos compreender como se dão as representações do espaço da biblioteca para os mediadores de leitura, e se estes realizam de práticas positivas e sistematizadas de formação de leitores.

“Qual a porcentagem da população que frequenta a biblioteca? Não se tem dados sobre isso, mas avalia-se que, além dos estudantes, resta um número reduzido de pessoas que vão lá para ler ou participar de algumas atividades.” (MILANESI, 2013, p.75). Para verificar como se dão as práticas de formação de leitores nas bibliotecas, procuramos, inicialmente, reconhecer o público atendido e os gêneros que procuram nos espaços sociais analisados. Para tanto, perguntamos (Anexo A, Quadro 14) qual o número aproximado de leitores que frequentam as bibliotecas, mensalmente.

Tabela 1 - Frequência mensal de leitores: bibliotecas das Escolas Estaduais, Particulares e Bibliotecas Públicas

	Crianças	Adolescentes	Adultos	TOTAL
Estadual 1	45	45	35	125
Estadual 2	100	180	80	360
Estadual 3	0	90	90	180
Estadual 4	0	650	400	1050
Estadual 5	300	150	20	470
Estadual 6	50	200	40	290
Estadual 7		80	10	90
Estadual 8	80	15	0	95
Estadual 9	0	30	10	40
Particular 1	400	1200	90	1690
Particular 2	200	50	10	260
Particular 3	100	40	0	140
Pública 1	15	15	25	55
Pública 2	15	12	9	36
TOTAL	1305	2757	819	4881

Fonte: A autora

Tabela 2 - Frequência mensal por categoria: bibliotecas das Escolas Estaduais, Particulares e Bibliotecas Públicas

	Crianças	Adolescentes	Adultos	TOTAL
Estadual	575	1440	685	2700
Particular	700	1290	100	2090
Pública	30	27	34	91
TOTAL	1305	2757	819	4881

Fonte: A autora

Como podemos observar nas tabelas, em conjunto, as 14 bibliotecas analisadas (uma das bibliotecas das Escolas Estaduais não participou do levantamento de dados, por não saber mensurar o número de frequentadores) atendem juntamente 4.881 leitores por mês. As 9 Escolas Estaduais atendem por mês 2.700 leitores, sendo cerca de 575 crianças, 1.440 adolescentes e 685 adultos. As 3 Escolas Particulares analisadas atendem 2.090 leitores, sendo 700 crianças, 1.290 adolescentes e 100 adultos. As 2 Bibliotecas Públicas atendem 91 leitores

mensalmente, sendo 30 crianças, 27 adolescentes e 34 adultos. Os números levantados apontam para um maior atendimento a adolescentes, 2.757, seguidos de 1.305 crianças e 819 adultos. Por meio de uma média realizada entre o número de atendimento pelo número de instituições, concluímos que o maior atendimento a leitores deve-se às bibliotecas das Escolas Particulares e o menor número de atendimento a leitores às Bibliotecas Públicas.

Ao descrever o público quando se pensa em informação para quem não é criança, não está na escola, nem na universidade e, muito menos um especialista, corre-se o risco de achar que essa figura não precisa de informação. No entanto, descobre-se que se está falando do homem comum, esses que se encontra nas ruas, nas fábricas, as donas de casa (...) A maior parte da população é formada por esse ser comum que tem como uma de suas características mais nítidas, exatamente, ser desinformado. (MILANESI, 2013, p. 74)

Portanto, podemos dizer que as Bibliotecas Públicas, cuja existência deve-se ao fato de ser um serviço público de informação para o atendimento de toda população, atendem a um baixo contingente de leitores – em média, 91 leitores por mês, em uma cidade com mais de 46.000 habitantes. É importante compreender o que os leitores buscam nesses espaços sociais de leitura, e refletir sobre os motivos que resultam nessa baixa estatística.

Neste sentido, a questão seguinte (Anexo A, Quadro 15) propunha um levantamento no qual se inquiria sobre quais textos são lidos pelos frequentadores das bibliotecas públicas e escolares. As respostas foram variadas e demonstram, em ordem de preferência de leitura, que os leitores das bibliotecas das Escolas Estaduais buscam livros de poesia, romances, aventuras/policiais/suspense, pesquisa escolar, ficção científica, jornais, revistas e literatura infantojuvenil. Nas bibliotecas das Escolas Particulares, os leitores buscam literatura infantojuvenil, aventuras/policiais/suspense, ficção científica e jornais. Nas bibliotecas públicas são procurados livros de romance, religião, pesquisa escolar, literatura, poesia, revistas, jornais, livros didáticos e contos infantis.

Percebemos, pois, que não existe uma grande distância entre a leitura escolar e a leitura social. O que esses leitores buscam são, na maioria das vezes, obras que satisfaçam seus interesses de leitura, principalmente para fruição.

Segundo Escarpit (1974), os livreiros e bibliotecários selecionam os livros a serem adquiridos a partir da imagem derivada do editor, mas supõe-se uma segunda seleção que é fundamentada na imagem que eles têm de seus leitores. Esta imagem depende em parte do status que assinam o seu próprio estabelecimento e do que podem saber a respeito da predisposição dos leitores. A predisposição do leitor não pode ser conhecida se não houver uma linguagem própria de comunicação, circunstâncias que, em geral, só ocorrem na comunidade dos intelectuais, a que habitualmente tanto o livreiro como o bibliotecário tomam

como ponto de referência. Portanto, o mediador de leitura necessita chegar à predisposição do leitor, não só para satisfazê-la, mas para fazer com que seja diferente e aguçada. Dessa forma, os mediadores de leitura precisam não apenas possuir conhecimentos de mercado e dos livros mais vendidos, mas das obras, o que só se efetiva por meio da leitura. Assim, o mediador, antes de tudo, necessita ser leitor.

Para tanto, perguntamos se os mediadores indicam livros para os leitores, quais os autores que costumam indicar e o que levam em conta ao indicarem as obras.

Quadro 16: Indicação de livros - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Você indica livros de literatura para os leitores? Quais autores você costuma indicar? O que você leva em conta na indicação dos livros?	
	Escolas Estaduais:
Respondente: 1	“Sim. Literatura infantojuvenil; poesias; Carlos Drumond de Andrade, Cecília Meireles; Mark Twain; Marcos Rey; Julio Verne; Monteiro Lobato; Levo em consideração o gosto dos alunos.”
Respondente: 2	“Sim. Conforme a solicitação de gêneros literários, também os clássicos.”
Respondente: 3	“Rachel de Queiroz; Rubem Braga; Érico Veríssimo; Graciliano Ramos; José Lins do Rego, entre outros.”
Respondente: 4	“Depende da preferência, da faixa etária.”
Respondente: 5	“O livro deve ser adequado à idade do leitor. Aqueles que me pedem sugestões de leitura, indico alguns livros para escolha, de acordo com a necessidade de cada um.”
Respondente: 6	“Sim. Normalmente os que conheço suas obras, idade do leitor, interesse nos assuntos relacionados (pesquisa).”
Respondente: 7	“Vários autores, levo em conta o gosto de cada aluno.”
Respondente: 8	“Não indico, deixo a escolha livre. O ano do aluno, a dificuldade em ler.”
Respondente: 9	“Este trabalho geralmente é feito pelo professor de Língua Portuguesa.”
Respondente: 10	“Sim, não tenho autores definidos.”
	Escolas Particulares
Respondente: 1	“Sim. Rutch Rocha, Carlos Drumond de Andrade, Walcyr Carrasco, Coleções Bíblicas. A qualidade dos livros.”
Respondente: 2	“Sim.”
Respondente: 3	“Os próprios alunos já sabem o que querem ler.”
	Bibliotecas Públicas
Respondente: 1	“Muitas das vezes indico obras de Monteiro Lobato e Machado de Assis, ao serem escritores de nomes na literatura.”
Respondente: 2	“Eu primeiro pergunto que tipo de leitura é interessante para o leitor, se tem preferência para algum autor.”

Fonte: A autora

As repostas demonstram que 11 respondentes indicam obras para leitura, 1 respondente indica obras caso lhe seja solicitado e 3 não fazem indicações de leitura. Com relação ao que levam em consideração para indicarem as leituras, 6 mediadores afirmaram ser as preferências de leitura e o gosto dos alunos, 4 levam em conta a faixa etária, 1 afirmou indicar leituras conforme a solicitação dos alunos, 1 indica as obras que já conhece e 1 mencionou indicar obras de qualidade.

Apenas 4 mediadores de leitura responderam ao questionamento sobre os autores que costumam indicar, sendo mencionados: Carlos Drumond de Andrade e Monteiro Lobato (elencados duas vezes); Cecília Meireles; Mark Twain; Marcos Rey; Julio Verne; Machado de Assis, Rachel de Queiroz; Rubem Braga; Érico Veríssimo; Graciliano Ramos; José Lins do Rego, Ruth Rocha e Walcyr Carrasco. Um respondente afirmou não ter autores definidos. Embora não tenhamos perguntado quais os gêneros costumam indicar, três mencionaram: literatura infantojuvenil, clássicos infantis e coleções bíblicas.

Reconhecemos como positiva a preocupação dos mediadores de leitura em indicar obras literárias para seus leitores, desde que tal intuito não se paute apenas na ideia de oferecerem aos leitores um *corpus* de textos literários considerados dignos de serem lidos, desconsiderando as leituras que refletem os reais interesses dos leitores. Não estamos criticando o trabalho dos mediadores ao indicarem os autores já consagrados pelo cânone, mas achamos importante reconhecer o que buscam os leitores quando frequentam a biblioteca, para que possam atender suas reais necessidades, aproximá-los da leitura, e, progressivamente, fomentar o gosto pelas obras literárias.

Outro dado relevante diz respeito à preocupação dos mediadores de leitura em indicarem obras que condizem com a faixa etária do leitor. Tal preocupação pode ser refletida como negativa, pois, conforme Chartier (2001), além de haver graus de conhecimento diferentes, que levam a leituras mais ou menos competentes, também muitos outros fatores interferem nas maneiras de ler: os interesses, os hábitos, as intenções e as técnicas de leitura que determinam relações variadas com os textos. Assim, podemos refletir sobre o que propõe Vera Teixeira Aguiar (2006, p. 259) “podemos falar, inclusive, em ‘idades de leitura’, uma vez que os interesses vão se alargando, à medida que o sujeito cresce, e se modificando, conforme seu momento vivencial e suas ocupações”.

Um dado negativo pode ser observado nas respostas de três mediadores de leitura que disseram não indicar leituras, sendo as respostas: “os próprios alunos já sabem o que querem ler”; “Não indico, deixo a escolha livre”, “Este trabalho geralmente é feito pelo professor de Língua Portuguesa”. Se para Hauser (1977) os mediadores de leitura podem desempenhar uma função útil ou inútil de mediação, esses mediadores, ao eximirem-se de uma de suas principais atribuições, servir de ponte entre as obras e o leitor, não exercerão uma função útil de mediação. Serão, como salienta Michèle Petit, uma espécie de “caixa de supermercados”, ou seja, o leitor escolhe o livro que deseja levar e o mediador faz anotações em suas fichas de empréstimos de livros.

O bibliotecário, exercendo a função de animador cultural, vai buscar nas motivações do público a melhor forma de encaminhar adequadamente os trabalhos. Sua figura é de catalisador das expectativas e necessidades do grupo, convertendo-as em opções práticas. Provoca a ação participativa, não impõem comportamentos. (AGUIAR, 2006, p.261)

Tanto as bibliotecas públicas quanto as escolares, mais do que servir como meio de conservação e difusão de livros, possuem o compromisso de difundir a leitura e literatura como instrumentos que auxiliam o cidadão a pensar de maneira crítica. Para tanto, não podem manter-se inertes, à espera de leitores, mas precisam ser locais de práticas da vida cotidiana, seja no aspecto informativo, literário, cultural e social. Assim, podem, por exemplo, proporcionar um trabalho dinâmico de animação cultural comprometido socialmente, o qual pode ser estendido por meio de laboratórios de escrita, contação de histórias, rodas de leitura, saraus poéticos, feira de livros, concursos de poesias, romances, contos e crônicas, entre outros projetos que convidem e interajam com o público. Portanto, para tentarmos compreender como os respondentes atuam como mediadores em suas instituições sociais, perguntamos se realizam práticas de leitura na biblioteca e como as realizam.

Quadro 17: Realização de práticas de leitura na biblioteca - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

	Você realiza práticas de leitura na biblioteca? (projetos de leitura, eventos literários, etc). Especificar:
	Escolas Estaduais:
Respondente: 1	“Ainda não realizei, tendo em vista que estou há pouco tempo nesta função, mas os alunos vêm acompanhados dos professores para realizarem tal projeto.”
Respondente: 2	“Incentivo à leitura com livros, revistas e gibis em intervalos, e professores levam os alunos para a leitura de trechos explicando o que foi entendido e empréstimos de leitura para casa.”
Respondente: 3	“São realizados na biblioteca grupos de estudo em período alternativo com acompanhamento do professor e do agente de leitura.”
Respondente: 4	“Não.”
Respondente: 5	“Cada turma tem um horário estipulado para leitura na biblioteca. Eles podem ler livros, revistas ou jornais, de acordo com a proposta da professora.”
Respondente: 6	“Normalmente os professores já elaboram esses projetos nos seus planejamentos anuais. Há também eventos elaborados por entidades (Sesc, NRE) durante o ano letivo.”
Respondente: 7	“Não, são os professores que fazem projeto de leitura.”
Respondente: 8	“Sim. Realizamos a hora do conto e preenchimento de fichas literárias.”
Respondente: 9	“Não, a Equipe Pedagógica realiza juntamente com professores.”
Respondente: 10	“As práticas são realizadas pelos professores tanto na Biblioteca como em sala de aula.”
	Escolas Particulares:
Respondente: 1	“Projeto de leitura.” (texto alterado para preservar a identidade da escola)
Respondente: 2	“Sim, hora do conto, festival poesia, dramatizações, etc.”
Respondente: 3	“Coloco quadros de histórias nas paredes. Primeiro estímulo a leitura pelo olhar das figuras, aí surge os métodos com o diálogo.”
	Bibliotecas Públicas
Respondente: 1	“Na Biblioteca há, algumas vezes, projetos de eventos cabíveis a cultura.”
Respondente: 2	“Sim. Bimestrais. Projetos escolares.”

Fonte: A autora

Conforme se observa nas respostas levantadas, as práticas de leituras nas bibliotecas escolares são realizadas, na maioria das vezes, pelo professor. Os funcionários das bibliotecas auxiliam os docentes em suas atividades, por meio do empréstimo de livros. Dentre as escolas, detectamos a existência de práticas de leitura, desenvolvidas pelo mediador, em apenas quatro bibliotecas, as quais realizam: “hora do conto e preenchimento de fichas literárias”; “projeto de leitura”; “hora do conto, festival de poesias e dramatizações” e estímulo à leitura de imagens e diálogos.

Nas bibliotecas públicas, que deveriam servir aos interesses reais da comunidade, desprendidos do caráter pedagogizante das escolas, oferecendo possibilidades de leituras livres aos seus frequentadores, que são provenientes de variadas camadas sociais, também se realiza pelo intercâmbio com a escola ou é dependente dos trabalhos realizados pela área de cultura. As respostas refletem os tipos de mediadores apresentados por Milanesi (2013, p.77): “existem dois tipos básicos de serviço de informação: o passivo que procura atender à demanda existente, e o ativo, aquele que aventura-se pela criação da demanda, abrindo um vasto campo que exige uma interação intensa e coletividade”. No caso da maioria das bibliotecas analisadas, o trabalho do mediador de leitura continua sendo passivo e dependente de outros mediadores e instituições de leitura.

Na sequência, buscamos compreender de que conhecimentos os mediadores se utilizam para atender o leitor na indicação de obras, na escolha dos livros a serem comprados e cuidar do acervo. A questão buscou também investigar se há diretrizes que os orientem em suas funções ou que devam ser seguidas pela instituição em que trabalham, ou ainda, se os trabalhos são realizados por eles de maneira intuitiva.

Quadro 18: De que conhecimentos você se vale para trabalhar como mediador? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

De que conhecimentos você se vale para atender o leitor, para escolher os livros a serem comprados e cuidar do acervo? Há diretrizes que o orientem ou que devam ser seguidas por sua instituição? Ou os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo?	
Escolas Estaduais:	
Respondente: 1	“Os livros adquiridos são indicados pelos professores e outros são recebidos do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Há um regulamento da biblioteca escolar a ser seguido.”
Respondente: 2	“Os livros são enviados pelo FNDE e doações. O acervo é controlado via sistema da escola e os empréstimos controlados manualmente.”
Respondente: 3	“O atendimento ao leitor tem como base orientações contidas no Projeto político pedagógico da escola, diretrizes, planejamento dos professores e regimento escolar.”
Respondente: 4	“Empírico.”
Respondente: 5	“Normalmente os livros comprados são indicações de professoras ou de colegas que recomendam certas leituras. Para cuidar do acervo e atender os alunos adequadamente, existe na escola um regulamento a ser seguido.”

Respondente: 6	“Há o regimento interno, onde o uso da biblioteca é inserido no contexto, porém, não há funcionários com formação específica (bibliotecários de formação). No meu caso sou agente educacional II, onde dentro das atribuições a mim referidas, está de ser agente de leitura. Há muita intuição envolvida nesta área. Porém, nenhuma especificidade.”
Respondente: 7	“São seguidos por professores e alunos.”
Respondente: 8	“Os livros do nosso acervo são compostos por livros recebidos pelo FNDE/PNDE e doação da comunidade, e os trabalhos são realizados de modo intuitivo.”
Respondente: 9	“São feitos de modo intuitivo, uma vez que, não existe um funcionário específico para a biblioteca.”
Respondente: 10	“Os livros são: enviados pelo FNDE, pela SEED, Órgãos Governamentais, Empresas etc... e muitas doações da comunidade.”
Escolas Particulares:	
Respondente: 1	“Na nossa instituição é seguido de uma forma que possamos atender desde a educação infantil até a fase das séries finais – com o projeto leitor crítico com horário semanal na biblioteca – leitura aqui e leitura em casa.”
Respondente: 2	“Faço pesquisa em sites especializados, livros indicados e lançamentos. Não há diretrizes.”
Respondente: 3	“Já fui criança e adolescente, acredito que é importante ter o interesse pelo cotidiano e assim vem naturalmente através de conversas e interesses e identificação com a pessoa.”
Bibliotecas Públicas	
Respondente: 1	“Primeiramente o atendimento se dá aos cursos realizados a minha pessoa para atender ao público, como secretariado entre outros, muitas vezes de modo intuitivo.”
Respondente: 2	“Os livros aqui existentes vieram da Secretaria da Educação, Itaú Social, Biblioteca Pública do Paraná, Doações da comunidade, etc. Os trabalhos são realizados de modo intuitivo.”

Fonte: A autora

Os respondentes das bibliotecas particulares não mencionaram a existência de diretrizes que os orientem no trabalho de mediação de leitura, e revelaram que as compras dos livros são realizadas por meio de pesquisas em sites especializados e indicações de livros. Nas Escolas Estaduais, 4 respondentes afirmaram seguir o regimento escolar e/ou orientações do Projeto-político-pedagógico da escola, e 6 alegaram realizar o trabalho empiricamente. Com relação à compra de livros, 4 respondentes mencionaram serem amparados pelo programa Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, 4 afirmaram realizar compras de livros conforme as indicações e solicitações dos professores e 3 disseram receber doações.

Nas bibliotecas públicas, os respondentes asseguraram que os trabalhos de mediação de leitura são feitos de modo intuitivo e que a aquisição dos livros é realizada, principalmente, por doações da comunidade. Um dos respondentes afirmou pautar-se no conhecimento recebido durante o curso de Secretariado para atender aos leitores.

As respostas demonstram-nos que a maioria dos respondentes recorre a conhecimentos próprios para atuar como mediador de leitura e que, dentre os espaços analisados, apenas 5 Escolas Estaduais oferecem orientações que auxiliem os funcionários para atuarem na biblioteca. Porém, os respondentes dessas escolas nada mencionaram sobre serem orientados para o trabalho de formação de leitores.

Tendo em vista que a maioria dos mediadores afirmou não possuir orientações e diretrizes para atuar na formação de leitores, a questão seguinte buscou investigar de que

maneira eles trabalham para tal empenho. Desta forma, perguntamos de que maneira colaboram para a formação do leitor, se utilizam de um saber já sistematizado (com auxílio de livros, cursos e programas que ensinam projetos e maneiras de como contribuir para a formação de leitores) ou se os trabalhos realizados, desde o atendimento ao cliente, indicação de livros a projetos de leitura, são feitos de modo intuitivo, a critério deles.

Quadro 19: De que maneira você colabora para a formação do leitor? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

De que maneira você colabora para a formação do leitor? Utiliza-se de um saber já sistematizado, ex: livros que ensinam projetos e maneiras de como contribuir para a formação de leitores. Ou os trabalhos realizados, desde o atendimento ao cliente, indicação de livros, projetos de leitura, etc. são feitos de modo intuitivo, a seu critério?	
Escolas Estaduais:	
Respondente: 1	“Ainda não tive treinamento.”
Respondente: 2	“Através do contato direto com os alunos e trabalhos realizados pelos professores.”
Respondente: 3	“São realizados a partir da leitura e estudo de livros técnicos, pesquisa na <i>Internet</i> (projetos de sucesso); de uma boa conversa com os alunos, onde se consegue descobrir suas preferências por determinados assuntos, conhecimento de livros lidos anteriormente, indicações por critério do professor.”
Respondente: 4	“Empiricamente, auxiliando na escolha do livro mais indicado ao leitor.”
Respondente: 5	“Acredito que no dia a dia participo da formação de leitores, pois estou diretamente em contato com eles, podendo assim direcioná-los e incentivá-los à leitura.”
Respondente: 6	“Normalmente são os professores que direcionam seus alunos para a biblioteca, já com seus trabalhos a serem desenvolvidos em mãos. Eu apenas dou o direcionamento inicial. Muita coisa é intuitiva e práticas adquiridas com o tempo.”
Respondente: 7	“Indicação de livros, projetos de leitura com professoras da disciplina.”
Respondente: 8	“Procuro saber o que o aluno gosta ou em que está interessado em ler, a partir daí faço algumas indicações.”
Respondente: 9	“A escola promove projetos juntamente com os professores de Língua Portuguesa.”
Respondente: 10	“Incentivo com indicação de livros, como não tenho formação na área, observo o leitor assim vejo como posso ajudar na formação do mesmo.”
Escolas Particulares	
Respondente: 1	“Trabalhando com projeto de leitura. Ex: portfólio que consiste na realização de atividades envolvendo as leituras dos livros de leitura retirados na biblioteca, tendo como objetivo: criar o hábito de escutar histórias.”
Respondente: 2	“Utilizando meu conhecimento, de buscas, pesquisas e inovações.”
Respondente: 3	Não respondeu.
Bibliotecas Públicas	
Respondente: 1	“Tento colaborar ao máximo para que o leitor se sinta a vontade.”
Respondente: 2	“Tudo o que passo para o leitor é aquilo que um dia quis pra mim, então me esforço para ser a melhor possível no atendimento aos frequentadores da biblioteca.”

Fonte: A autora

As respostas reafirmam que os mediadores de leitura atuam de maneira intuitiva, pautada em conhecimentos empíricos. Dois respondentes, um das Escolas Estaduais e um das Escolas Particulares, afirmaram a preocupação em encontrar alternativas e metodologias para atender o leitor: “São realizados a partir da leitura e estudo de livros técnicos, pesquisa na *Internet* (projetos de sucesso); de uma boa conversa com os alunos, onde se consegue descobrir suas preferências por determinados assuntos, conhecimento de livros lidos

anteriormente, indicações por critério do professor.”; “Utilizando meu conhecimento, de buscas, pesquisas e inovações.” As demais bibliotecas necessitam da figura do professor para direcionar as práticas de leitura, tendo em vista que poucos conhecem bibliografias, sites e estudos que os auxiliem na formação do leitor. Como afirmou uma das respondentes das Escolas Estaduais: “Normalmente são os professores que direcionam seus alunos para a biblioteca, já com seus trabalhos a serem desenvolvidos em mãos. Eu apenas dou o direcionamento inicial. Muita coisa é intuitiva e práticas adquiridas com o tempo”.

Podemos refletir que os mediadores de leitura carecem de diretrizes, orientações e capacitações para atuarem como formadores de leitores. Alguns buscam encontrar conhecimentos em sites e livros, outros aprendem o ofício na prática, conforme o contato com os professores e alunos. É fato que existem cursos de formação de mediadores de leitura, mas na realidade procopense, até onde percebemos, é inexistente, como afirmou uma respondente das Escolas Estaduais: “Ainda não tive treinamento”.

(...) os responsáveis pelas bibliotecas escolares ou municipais, que mal conseguiam manter um acervo bibliográfico organizado, não estavam preparados para intervir na pesquisa dos estudantes. E estes, optando pelo caminho mais curto e mais fácil, cumpriam, rigorosamente, as exigências dos docentes (MILANESI, 2013, p.64).

Os desafios vivenciados pelos mediadores de leitura podem ser refletidos como uma situação que se repete e se perpetua há anos. São funcionários atuando nas bibliotecas públicas e escolares sem que saibam a extensão ou as reais funções a que são designados. São professores que não fazem mais parte do quadro de docentes das escolas, funcionários públicos transferidos para a biblioteca para uma função cerceada por uma tradição que não dá a devida importância nem ao trabalho desempenhado pelos mediadores de leitura, nem à biblioteca como espaço de práticas de leitura.

Não encontramos políticas públicas ou diretrizes que amparem estes profissionais em suas funções. Portanto, nada mais óbvio do que, desde a compra dos livros, a organização e manutenção do acervo, até as práticas de leitura, serem exercidas por meio da práxis intuitiva. É claro que muitos desses profissionais se preocupam em auxiliar os leitores da melhor maneira que lhes é possível: “Incentivo com indicação de livros, como não tenho formação na área, observo o leitor, assim vejo como posso ajudar na formação do mesmo.”; “Procuro saber o que o aluno gosta ou em que está interessado em ler, a partir daí faço algumas indicações.” ou ainda: “Acredito que no dia a dia participo da formação de leitores, pois estou diretamente em contato com eles, podendo assim direcioná-los e incentivá-los à leitura”.

Como mencionamos anteriormente, a França pós-Revolução percebeu que as bibliotecas ocupavam posição marginal tanto nas escolas quanto no setor público e passou a defender a profissão do bibliotecário, bem como a definir suas reais atribuições, dentre elas a de “professor de leitura”, proporcionando a formação de novos leitores e também profundas mudanças sociais. No Brasil, embora o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) possua um de seus eixos de ação voltado, em particular, à biblioteca, pelo “fomento à leitura e à formação de mediadores”, ainda não foram definidos, na prática, quem são os responsáveis por atuarem nas bibliotecas e quais são suas reais funções. Os mediadores de leitura de Cornélio Procópio não foram beneficiados pelo PNLL com cursos de formação e, portanto, vivenciam uma atividade profissional que ainda precisa ser inventada ou, ao menos, melhor definida.

4.1.8 Escolas Estaduais e Particulares sem bibliotecas e/ou mediadores de leitura

Como dissemos anteriormente, os questionários (Apêndice A) foram aplicados em todas as Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas da cidade de Cornélio Procópio. Contudo, em 2 das 5 Escolas Particulares não há mediador de leitura para atuar nas bibliotecas, e em uma das 11 Escolas Estaduais da cidade de Cornélio Procópio, além de não existir este profissional, não há biblioteca. Portanto, dada à impossibilidade de analisá-las em conjunto com as demais escolas, uma vez que, na ausência dos mediadores de leitura, as questões foram respondidas pelos professores, buscamos compreender as alternativas encontradas por estas escolas para trabalharem com formação de leitores.

Perguntamos aos respondentes das Escolas Particulares se há a realização de práticas de leitura na biblioteca e como são feitas. Conforme as respostas apresentadas no Anexo A (Quadro 20), nenhuma das duas realiza práticas de leitura na biblioteca. Em uma das escolas, o professor afirmou desenvolver os projetos de leitura em sala de aula.

Na sequência, perguntamos de que conhecimentos as Escolas Particulares se valem para atender o leitor na biblioteca, para escolherem os livros a serem comprados e cuidar do acervo, e se há diretrizes que devam ser seguidas. Ambas afirmaram que os trabalhos são desenvolvidos pelos professores, como se nota pelo Quadro 21.

Quadro 21: De que conhecimentos a escola se vale para trabalhar como mediador? Escolas Particulares que não possuem mediador de leitura

De que conhecimentos a escola se vale para atender o leitor, para escolher os livros a serem comprados e cuidar do acervo? Há diretrizes que o orientem ou que devam ser seguidas por sua instituição? Ou os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo?	
Escolas Particulares:	
Respondente: 4	“Os trabalhos são direcionados pelos professores.”.
Respondente: 5	“Como professora de Língua Portuguesa atendo aos leitores a partir dos projetos de leitura que desenvolvo. Aliás, nosso colégio, por ser uma instituição particular, não investe em nossa biblioteca e seus serviços.”

Fonte: A autora

Poderíamos inferir que as Escolas Particulares, por serem instituições privadas de ensino, em que seus frequentadores geralmente possuem condições financeiras melhores do que as dos jovens que frequentam a Escola Pública, ofereceriam aos seus alunos um ensino com recursos à leitura mais amplos do que os oferecidos aos estudantes do ensino público. Contudo, percebemos que os “determinismos sociais não são absolutos” (PETIT, 2010, 138) ao observarmos a desvalorização dada à função do mediador de leitura e até mesmo da biblioteca nestas Instituições de Ensino: “Aliás, nossa escola, por ser uma instituição particular, não investe em nossa biblioteca e seus serviços.”.

A escassez de investimento em bibliotecas e seus serviços também é uma realidade vivenciada pela Escola Estadual, que também não pôde ser analisada junto às demais. Isto pode ser visto na fala de uma das respondentes da Escola Estadual:

Quadro 22: Formação do leitor: Escola Estadual que não possui mediador de leitura

Escola Estadual:
“Na escola onde atuo não existe este sistema de empréstimos de livros, pois a biblioteca está conjugada com o laboratório de informática, impossibilitando que os alunos a utilizem da maneira correta. O uso dos livros aqui é muito restrito, pois não temos espaço para que os alunos entrem na biblioteca e façam esta atividade de trocas de livros e troca de conhecimento. A única atividade de leitura nesta escola é realizada por alguns professores de Língua Portuguesa, que levam os livros para sala, onde os alunos fazem a leitura. No meu ver acho de suma importância as crianças terem esta atividade na biblioteca, lugar este que inspira conhecimentos.”

Fonte: A autora

Segundo Michèle Petit (2010), embora os determinismos sociais não sejam absolutos, tornar-se leitor é, em parte, uma questão de meio social. Geralmente para aqueles que provêm de um meio pobre, mesmo que tenham sido alfabetizados, a escassez de livros em casa e na escola, somados à ideia de que a leitura é de difícil compreensão, acabam por dissuadi-los de ler. A realidade vivenciada por estas três últimas escolas analisadas, assemelha-se à vivenciada pelas Escolas Municipais, em que a maioria não possui biblioteca e mediador de leitura.

4.2 A REALIDADE DAS BIBLIOTECAS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS

Segundo Milanesi (2013, p. 80), “a informação pública, para crianças, jovens e a adultos, precisa ter um espaço físico”. Contudo, essa não foi a realidade encontrada nas Escolas Municipais da cidade de Cornélio Procópio, haja vista que a maioria não possui o espaço físico da biblioteca e/ou não possui responsáveis pela biblioteca, acervo e mediação de leitura. Deste modo, não houve a possibilidade de analisar as Bibliotecas Municipais em conjunto com as bibliotecas das Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas, visto que os questionários elaborados eram direcionados aos responsáveis pela biblioteca. E, na falta deste profissional nas escolas municipais de Cornélio Procópio, elaboramos um novo questionário (Apêndice B) e solicitamos aos diretores ou supervisores para que respondessem as questões sobre a biblioteca e sobre as práticas de leitura realizadas pelas instituições, para que pudéssemos reconhecer a realidade das escolas que atendem, em especial, o público infantil.

“A criança, talvez, seja o público mais complexo dos serviços de informação. Ponto de partida: é o segmento que exige mais atenção e assistência individual” (*ibidem*, p. 58). Para sabermos sobre a preocupação das Escolas Municipais em inserir as crianças no mundo letrado, buscamos, inicialmente, averiguar quais são os cargos exercidos, sexo e nível de escolaridade dos respondentes:

Quadro 23: Perfil dos respondentes - Escolas Municipais

	Escolas Municipais
Sexo	Feminino: 100 % Masculino: 0%
Escolaridade	Ensino Superior completo: 100% Especialização: 100%
Cargo	Diretora Professora Supervisora

Fonte: A autora

É importante salientarmos que havíamos solicitado que os questionários fossem respondidos pelos diretores ou supervisores, porém, alguns destes foram respondidos por professores. Conforme a tabela, percebemos que todos os respondentes, responsáveis pela gestão das escolas e ensino, são mulheres e possuem, além do Curso Superior, Especialização.

Para que pudéssemos compreender qual a importância da leitura para estas escolas, perguntamos aos respondentes, se se consideram leitores. Conforme as respostas apresentadas no Anexo B (Quadro 24), todos leem e gostam de ler, algumas pelo prazer proporcionado pela

leitura: “Sim. Sempre gostei de ler! Leio muito, vários livros ao mesmo tempo. Gosto de me manter informada”; outros, por necessidade profissional e acadêmica, para adquirir conhecimentos: “Sim. Porque estou constantemente lendo livros, jornais, revistas, artigos científicos, entre outros. No momento estou cursando minha terceira pós-graduação, a qual juntamente com a minha profissão necessita de muita leitura”. Dois dos respondentes afirmaram reconhecer a importância da leitura, mas disseram ler pouco devido à falta de tempo: “Confesso que leio menos do que deveria ou gostaria, porém, tenho acesso a textos científicos, filosóficos entre outros como forma de aperfeiçoamento devido à minha profissão”; “Sim. Gosto de ler, minha profissão favorece a prática da leitura, se tivesse mais tempo com certeza leria mais”.

Na questão seguinte (Anexo B, Quadro 25), perguntamos aos respondentes se consideram a leitura importante para a formação da criança. Todas as respostas foram afirmativas. Os diretores, supervisores e professores acreditam na importância da leitura para a criança, pois proporciona conhecimento, lazer, senso crítico, ampliação de ideias, melhora a ortografia, vocabulário e produção de textos. Algumas respostas demonstram estas crenças: “Com certeza; ao ler o leitor é desafiado a identificar símbolos gráficos, a formar conceitos e opiniões, enfim, a descobrir o seu mundo, a despertar o espírito crítico e o gosto em aprender”; “Sim. É por meio da leitura que a criança irá se encontrar como indivíduo pensante”; “Sim, principalmente a leitura pelo prazer de ler se divertir e aprender”; “Sim. A leitura é capaz de desenvolver o intelecto e a parte crítica da criança; desperta o gosto e o hábito constante pela leitura, melhora o vocabulário e aprimora a parte descritiva, além de proporcionar um conhecimento amplo para o seu dia a dia”.

Se para todos os respondentes a leitura é essencial para formação das crianças, buscamos reconhecer se para eles o espaço social de leitura, a biblioteca, é importante e necessário para mediação entre os livros e os alunos.

Quadro 26: Acha a biblioteca um espaço social necessário para a formação do leitor? - Escolas Municipais

	Você acha a Biblioteca um espaço social necessário e importante para a formação do leitor? Por quê?
Respondente 1	“Com certeza, porque os livros expostos e um profissional para atender aumenta o interesse dos alunos.”
Respondente 2	“Sim. Mesmo em tempos tecnológicos a biblioteca tem a sua importância, pois nela, o leitor encontra um espaço de leitura, criação e busca de conhecimentos, porém, ela deve ser dinâmica, ligando a tradição e a modernidade.”
Respondente 3	“Sim. É o local apropriado para concentração e desenvolver o gosto e hábito da leitura.”
Respondente 4	“Sim. A biblioteca, com diversidades de livros, atrai a curiosidade e o interesse da criança para que adquira hábitos de leitura.”
Respondente 5	“Sim. Porque é um espaço preparado para a leitura. Local adequado e que oferece diversas oportunidades para a formação do leitor (ambiente silencioso, convidativo com pessoas preparadas para atender o frequentador).”

Respondente 6	“É muito importante. Sendo o espaço adequado e atrativo, a leitura se torna muito mais estimulante.”
Respondente 7	“Importantíssimo, pois é um espaço de socialização do conhecimento.”
Respondente 8	“Sim. Porque nesse espaço, além das pesquisas, o leitor pode se socializar: conversando, trocando ideias, experiências e até mesmo indicar bons livros para outros leitores.”
Respondente 9	“Sim.”
Respondente 10	“Sim, considero a biblioteca um espaço do saber, que dá oportunidade às crianças para ampliar o conhecimento e desenvolver o gosto e o hábito para leitura.”
Respondente 11	“Sim, para que as crianças se envolvam com os livros e tenham um ambiente sossegado para aproveitarem o manuseio dos livros.”
Respondente 12	“Sim. Favorece o contato com os livros além de ser um ambiente estruturado para favorecer a leitura.”

Fonte: A autora

Conforme as respostas apresentadas, a biblioteca é um espaço necessário para formação do leitor, principalmente se for um espaço adequado e atrativo, com variedades de livros expostos e que estimule a leitura. Percebemos representações diferentes do que deveria ser o espaço da biblioteca. Alguns respondentes afirmaram que a biblioteca deve ser um ambiente silencioso, sossegado e de concentração, já outros disseram que deve ser dinâmica, ligando tradição e modernidade, possibilitando ao leitor a socialização, conversas, trocas de ideias e experiências. Dois respondentes mencionaram a necessidade de um profissional responsável por atender os leitores, o mediador de leitura: “Com certeza, porque os livros expostos e um profissional para atender aumenta o interesse dos alunos.”; “(...) com pessoas preparadas para atender o frequentador”.

A partir do que seria a biblioteca ideal, imaginada pelas escolas, perguntamos como é a biblioteca real dessas instituições de ensino:

Quadro 27: Como é a biblioteca da sua escola? - Escolas Municipais

	Como é a biblioteca da sua escola? Fale sobre o espaço, número de livros que compõem o acervo e a frequência média mensal dos alunos que a frequentam.
Respondente 1	“O espaço é restrito, por falta de espaço físico, funcionam também os projetos de xadrez e artesanato. Possuímos um acervo bem variado. Na medida do possível, os alunos frequentam com o professor.”
Respondente 2	“Nossa escola tem um acervo que abrange livros de literatura infantojuvenil; o espaço é amplo com mesinhas para a leitura e cada turma tem seu horário de visitação semanal.”
Respondente 3	“Espaço pequeno, número bom de exemplares. Uma vez por semana.”
Respondente 4	“Um espaço, agora, bem organizado, porém com poucos livros infantis. Cada sala de aula possui o seu “cantinho da leitura”.”
Respondente 5	“Em minha escola há um espaço destinado à biblioteca, porém é utilizado como sala de aula para os alunos do 1º ano no Período vespertino (Integral). O número de livros é mais que o suficiente para que o professor faça um excelente trabalho. Cada sala de aula possui um acervo e conforme vão terminando de ler, trocam com outras salas.”
Respondente 6	“A biblioteca funciona em um espaço compartilhado com o laboratório de informática e sala de música. Os alunos frequentam uma vez por semana.”
Respondente 7	“Não temos biblioteca, atualmente falta até sala de aula.”
Respondente 8	“(Segundo o atendente da biblioteca) É diversificada e ampla. Compõe o nosso acervo cerca de 10.000 livros e a média de 150 a 170 alunos mensalmente e demais professores. A biblioteca atende escola compartilhada municipal/estadual.”
Respondente 9	“A escola tem um espaço, atualmente não temos mobília adequada, mas temos um acervo grande de livros e os alunos frequentam semanalmente o espaço.”

Respondente 10	“Em nossa escola a biblioteca funciona nas salas de aula, cada sala, tem em média, mais ou menos cem livros de Literatura Infantil, que ficam a disposição dos alunos para a leitura diária.”
Respondente 11	“Atualmente a biblioteca está sendo compartilhada com a sala de informática. Os livros são separados por assunto/série e são usados pelos alunos tanto nesta sala como para empréstimo.”
Respondente 12	“Não há um espaço específico. Temos uma sala em comum com o laboratório de informática e sala de vídeo. Temos uma biblioteca móvel. Estima-se cerca de 1.000 livros.”

Fonte: A autora

Percebemos que, embora as bibliotecas imaginadas pelas Escolas Municipais sejam, de certa forma, simples, a realidade vivenciada por elas está muito distante do que acreditam e que deveriam ser as bibliotecas ideais para seus alunos. A começar pela quase inexistência do mediador de leitura nas bibliotecas, pois apenas uma escola possui esse profissional, haja vista que esta compartilha o mesmo local com uma Escola Estadual.

Respondente 8: Segundo o atendente da biblioteca) É diversificada e ampla. Compõe o nosso acervo cerca de 10.000 livros e a média de 150 a 170 alunos mensalmente e demais professores. A biblioteca atende escola compartilhada Municipal/Estadual.

Das 12 escolas municipais analisadas, quatro não possuem o espaço físico da biblioteca. Segundo os respondentes, ele é substituído pelas salas de aula, devido à grande demanda de alunos e à falta de espaço. Também existe o movimento inverso: as salas de aula transformam-se em bibliotecas, em que as professoras preparam o “cantinho da leitura”, ou são “bibliotecas móveis”, conforme as respostas: “Não temos biblioteca, atualmente falta até sala de aula”; “Em nossa escola a biblioteca funciona nas salas de aula, cada sala, tem em média, mais ou menos cem livros de Literatura Infantil, que ficam à disposição dos alunos para a leitura diária”; “Não há um espaço específico. Temos uma sala em comum com o laboratório de informática e sala de vídeo. Temos uma biblioteca móvel. Estima-se cerca de 1.000 livros”; “Em minha escola há um espaço destinado à biblioteca, porém é utilizado como sala de aula para os alunos do 1º ano no Período vespertino (Integral). O número de livros é mais que o suficiente para que o professor faça um excelente trabalho. Cada sala de aula possui um acervo e conforme vão terminando de ler, trocam com outras salas”.

Três escolas afirmaram possuir o espaço físico da biblioteca, porém, dividindo o espaço com outras atividades: “O espaço é restrito, por falta de espaço físico, funcionam também os projetos de xadrez e artesanato. Possuímos um acervo bem variado. Na medida do possível, os alunos frequentam com o professor”; “A biblioteca funciona em um espaço compartilhado com o laboratório de informática e sala de música. Os alunos frequentam uma

vez por semana”; “Atualmente a biblioteca está sendo compartilhada com a sala de informática. Os livros são separados por assunto/série e são usados pelos alunos tanto nesta sala como para empréstimo.”.

Cinco escolas possuem o espaço da biblioteca, porém, em algumas, são pequenos, não possuem mobília e têm poucos livros, enquanto outras possuem espaços amplos, mobília e variados livros para compor o acervo: “Espaço pequeno, número bom de exemplares.”; “A escola tem um espaço, atualmente não temos mobília adequada, mas temos um acervo grande de livros e os alunos frequentam semanalmente o espaço”; “Nossa escola tem um acervo que abrange livros de literatura infantojuvenil; o espaço é amplo com mesinhas para a leitura e cada turma tem seu horário de visitação semanal.”; “Um espaço, agora, bem organizado, porém com poucos livros infantis. Cada sala de aula possui o seu “cantinho da leitura”.

Apenas uma escola mensurou o número de atendimentos realizados na biblioteca mensalmente, uma vez que possui mediador de leitura e, como dissemos anteriormente, é compartilhada com a escola Estadual: “(...)e a média de 150 a 170 alunos mensalmente e demais professores (...)”.

Com relação ao acervo, as escolas disseram possuir obras variadas: “(...) O número de livros é mais que o suficiente para que o professor faça um excelente trabalho. Cada sala de aula possui um acervo e conforme vão terminando de ler, trocam com outras salas.”, porém o número de livros varia muito de uma escola para outra, quase em progressão geométrica: “(...) tem em média, mais ou menos cem livros de Literatura Infantil”; “Estima-se cerca de 1.000 livros”; “Compõe o nosso acervo cerca de 10.000 livros (escola compartilhada com a Estadual)”. Apenas uma escola afirmou possuir poucos livros infantis.

Perguntamos às escolas se possuem biblioteca e mediador de leitura, e, na ausência deste, quais são as medidas realizadas para não prejudicar o trabalho de formação do leitor.

Quadro 28: A escola possui biblioteca e mediador de leitura? - Escolas Municipais

	A sua escola possui uma biblioteca e mediador de leitura (bibliotecário ou responsável pela biblioteca)? Caso não haja, quais medidas a escola realiza para não prejudicar a formação do leitor?
Respondente 1	“Possui, mas não tem um responsável fixo. O atendimento é feito pela Equipe Pedagógica. A supervisora monta uma caixinha de leitura para cada sala que a cada quinze dias são substituído por outros.”
Respondente 2	“Cada professor é o mediador responsável pela sua turma e a supervisora pela organização do espaço.”
Respondente 3	“Sim. Uma vez por semana os alunos escolhem um exemplar e levam para ler em casa.”
Respondente 4	“Possui uma biblioteca, mas não possui bibliotecário. Como mencionei acima cada sala possui o “cantinho da leitura” e caixas com livros adequados à idade.”
Respondente 5	“Não. Como citado na pergunta anterior, os professores trabalham em sala de aula com projetos de leitura.”
Respondente 6	“Não possui um mediador específico para isso. É o próprio professor que realiza o trabalho.”

Respondente 7	“A escola possui um acervo com mais de 2000 livros que ficam em caixas e elas são usadas pelos professores em sala de aula.”
Respondente 8	“Sim. Uma atendente de biblioteca.”
Respondente 9	“Possui biblioteca, mas não possui bibliotecário, é o próprio professor que realiza o trabalho de empréstimos e devoluções de livros.”
Respondente 10	“O professor é o mediador da leitura, todos os dias, o professor lê para seus alunos, como também, abre um espaço para leitura dos alunos.”
Respondente 11	“A escola possui uma biblioteca instalada precariamente junto com a sala de informática e não possui um mediador. As professoras das turmas e a professora de texto e leitura (período integral) é que desempenha esta função.”
Respondente 12	“O trabalho é realizado pelo professor e equipe pedagógica, amparada em projeto específico.”

Fonte: A autora

Observamos que o trabalho de leitura não é realizado nas bibliotecas devido à precariedade ou inexistência desse espaço. Além disso, todas as atividades que envolvem leitura são realizadas somente pelo professor, com o auxílio da equipe pedagógica. Não há, portanto, um local de troca, conselhos e indicações do mediador de leitura da biblioteca, figura capaz de desempenhar um papel-chave, indicando livros, legitimando gostos, autorizando o leitor inseguro a ler, acompanhando-o em seu percurso de leitura. Percebemos que não há a liberdade para a criança escolher uma obra em uma prateleira, ou ainda, visitar novas prateleiras conforme seus anseios e emancipação. A ela, são oferecidas as obras que ficam guardadas em caixas demarcadas com sua faixa etária.

Os professores substituem os mediadores de leitura e as “caixinhas de leitura” às bibliotecas, caixas que salvaguardam os livros. Para terem acesso ao patrimônio cultural da escola, os alunos necessitam que a equipe pedagógica abra as caixas de livros, que são separadas por idade, como afirmam as respondentes: “cada sala possui o “cantinho da leitura” e caixas com livros adequados à idade”; “(...) O atendimento é feito pela Equipe Pedagógica. A supervisora monta uma caixinha de leitura para cada sala que a cada quinze dias são substituídos por outros”; “A escola possui um acervo com mais de 2.000 livros que ficam em caixas e elas são usadas pelos professores em sala de aula”; “O professor é o mediador da leitura, todos os dias, o professor lê para seus alunos, como também, abre um espaço para leitura dos alunos”.

Ao perguntamos (Anexo B, Quadro 29) se os alunos participam de atividades de leitura nas bibliotecas, os respondentes cujas escolas possuem o espaço físico da biblioteca afirmaram que os professores fazem agendamento para utilização da biblioteca. Pelo menos uma vez por semana, as turmas vão à biblioteca, onde realizam leituras de obras diversas, interpretação de histórias, contação de histórias entre outras atividades, por meio da mediação do professor. As escolas que não possuem biblioteca afirmaram não deixar de realizar o

trabalho de leitura com os alunos, utilizando outros espaços da escola para realizar as atividades, como a sala de aula e o pátio: “Temos o Projeto de Leitura, onde 1 vez por semana (5ª feira) temos o momento em que a escola inteira para, todos leem um período de 30 minutos”; “As atividades de leitura acontecem na sala de aula na maioria das vezes porque a biblioteca compartilha o espaço com a informática. São rodas de leitura, leitura pela professora e empréstimos de livros”; “Leitura semanal, no pátio, para todos os alunos, por funcionários e convidados. Leitura em sala de aula sendo a “leitura pela leitura” ou para desenvolver atividades pedagógicas”.

Muitas vezes, por serem provenientes de lares carentes, tanto financeiramente como em instrução e incentivo dos pais, as crianças não possuem livros em casa e também não frequentam a Biblioteca Pública. Portanto, a Escola continua sendo o espaço responsável por iniciar a criança à leitura e propiciar seu contato com o livro. Perguntamos (Quadro 30) se os alunos podem efetivar empréstimos de livros para ler em casa junto com a família e por quais gêneros literários os alunos mais se interessam. Apenas três escolas não permitem o empréstimo de livros, afirmando não possuírem um responsável para fazer o controle das saídas dos livros. As demais escolas disseram que as crianças levam livros para casa: “Temos ‘sacolas de leituras’ que os alunos levam para casa, fazendo rodízio dos livros [...]”.

Respondente 2: Do pré ao 3º ano, devido ao Pacto da Educação, existe uma estante expositora em cada sala e o rodízio é feito de maneira semanal entre as turmas e nos outros anos (4º e 5º), os alunos levam uma vez por semana e ao devolverem, discutem suas leituras.

Quanto à preferência por gêneros literários, as escolas frisaram que varia de acordo com a faixa etária: “os menores preferem a Literatura Infantil e os maiores já se interessam por livros de pesquisa, científicos, informativos.”; “Cada idade tem sua preferência, os menores gostam dos contos de fadas e os maiores de aventuras. A poesia é menos procurada”. “Como a faixa etária é dos 4 aos 13 anos, na sua maioria são livros de literatura infantil: contos, poesias, HQ (...)”.

Percebemos que, embora não haja a figura do mediador de leitura nas bibliotecas das Escolas Municipais, o trabalho de mediação é realizado pelos professores, os quais além de atuarem como “professores de leitura”, conhecendo as preferências e necessidades de seus alunos, possuem conhecimento dos livros e são responsáveis por realizarem o trabalho de manutenção do acervo. Deste modo, atuam como bibliotecários, porém com maior conhecimento para atuarem como formadores de leitores. O Pacto Nacional pela

Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), mencionado por um dos respondentes das Escolas Municipais, é um compromisso firmado entre o Governo Federal, Estados e Municípios com o intuito de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até o final 3º ano do ensino fundamental. Por meio do PNAIC, os professores também são capacitados para trabalharem o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos com os alunos e, portanto, podemos inferir que o PNAIC tem atuado como mediador de leitura nas Escolas Municipais, preparando os professores para trabalharem como formadores de leitores.

Na questão seguinte, perguntamos se a escola e/ou a biblioteca realizam projetos de leitura:

Quadro 31: A escola realiza projetos de leitura? - Escolas Municipais

	A escola e/ou a biblioteca realizam projetos de leitura, contação de histórias, eventos literários, etc? Descreva-os.
Respondente 2	“Durante o ao letivo, os alunos produzem vários tipos e gêneros textuais que são transformados ao final do ano, em livros que são confeccionados por eles e colocados à amostra para a comunidade escolar e colocados na biblioteca para leitura.”
Respondente 5	“Sim. Projetos (cada professora faz o seu), contação de histórias (rodízio de professores, cada professor conta história em uma sala diferente por semana (1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos).”
Respondente 6	“Na sala de aula tem o Espaço Deleite – Hora da leitura, todos os dias.”
Respondente 8	“Sim. No horário específico para cada turma são realizados eventos literários, contação de histórias, interpretação, ilustração, etc.”
Respondente 10	“A escola realiza projetos como “Ler com Prazer”. Toda sexta-feira a escola toda realiza a hora da leitura, no início das aulas por quarenta minutos. Nas salas acontecem a contação de história, relatos de obras literárias.”
Respondente 11	“Em alguns anos as professoras realizam contação de histórias, onde uma sala visita outra sala para ouvir.”
Respondente 12	“Sim. Contação de histórias: semanal no pátio, na sala de aula diariamente. Produção de livro e tarde de autógrafos: os textos produzidos pelos alunos durante o ano são encadernados e entregues em tarde de autógrafo.”

Fonte: A autora

A gestão do tempo dentro da escola, que oferece cada vez menos possibilidade para a reflexão e o pensamento, sendo que ambos se relacionam diretamente com a leitura. Alunos e professores necessitam de tempo para a leitura, para a reflexão e para o debate, mais tempo para o pensamento e menos para ação. (CASTRILLÓN, 2011, p.25)

Percebemos o empenho dos professores em realizarem práticas diversificadas de leitura na escola. Estas práticas se traduzem por meio de projetos que se estendem desde hora da leitura, contação de histórias, interpretação, ilustração, relatos de obras literárias, eventos literários, até produção de histórias, as quais são transformadas em livros para compor o acervo da biblioteca e tarde de autógrafos. Contudo, na ausência de um profissional que lhes dê suporte nas atividades de leitura, os professores acabam dividindo o tempo entre o ensino das matérias e os projetos e atividades de leitura, restringindo o tempo que seria substancial para a formação do leitor, o pensamento, a reflexão e o debate.

Perguntamos, também, como são adquiridos os livros, se há algum critério seguido pelas escolas para a escolha dos livros que serão oferecidos aos alunos.

Quadro 32: Como são adquiridos os livros de sua escola? - Escolas Municipais

	Como são adquiridos os livros de sua escola? Há algum critério seguido pela escola para a escolha das obras?
Respondente 1	“Recebemos várias caixas, do MEC, de livros de literatura infantil e juvenil... a escola, também, com verbas do PDDE adquiri também.”
Respondente 2	“Nossos livros são provenientes do Mec, de doações e de compras feitas pela própria escola na medida em que há interesse e solicitação dos professores por alguns exemplares.”
Respondente 3	“Fornecidos pelo MEC.”
Respondente 4	“Com recursos do Mais Educação, obras do PNDE e algumas vezes com recursos próprios (de promoções)”
Respondente 5	“Recebemos inúmeros livros do PNBE e a escola adquire outras coleções com recurso próprio. Temos um acervo muito rico.”
Respondente 6	“Os livros vem do FNDE-PNBE Governo Federal.”
Respondente 7	“Através de promoções, rifas, e com dinheiro do PDDE.”
Respondente 8	“A maioria dos livros recebemos do FNDE e doação da comunidade. Não.”
Respondente 9	“Recebemos a maioria do MEC.”
Respondente 10	“A escola recebe livros literários do FNDE, outra parte compra com recursos do PDDE. A escolha das obras compradas é feita pelos professores e equipe pedagógica.”
Respondente 11	“Os livros são recebidos do FNDE, em alguns momentos a Secretaria Municipal doa e a escola também usa o dinheiro do PDDE para aquisição de obras.”
Respondente 12	“A maioria são do PNBE, outros adquiridos pela própria escola e alguns de outros programas de iniciativas particulares como: Integrada, Natura e outros.”

Fonte: A autora

Uma escola bem equipada com materiais de leitura, não apenas com textos didáticos que pouco ou nada contribuem para a descoberta de que ler serve para alguma coisa, e sim, com livros e outros materiais impressos, mas não de maneira exclusiva, que permita que a escola se converta em uma “comunidade de leitores e escritores (CASTRILLÓN, 2011, p.24).

Embora todas as escolas sejam contempladas com as obras do PNBE, algumas afirmaram receber doações de livros da comunidade e comprar obras por meio da verba destinada às escolas pelo Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)²³, a qual tem por objetivo prestar assistência financeira, em caráter suplementar, às escolas públicas da educação básica. Algumas escolas afirmaram arrecadar dinheiro para compra de livros por meio de promoções e venda de rifas. Os respondentes não pronunciaram quais são os critérios

²³ Criado em 1995, o PDDE engloba várias ações e objetiva a melhora da infraestrutura física e pedagógica das escolas e o reforço da autogestão escolar nos planos financeiro, administrativo e didático, contribuindo para elevar os índices de desempenho da educação básica.

Dados retirados do sítio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação:

Fonte: <http://www.fnnde.gov.br/programas/dinheiro-direto-escola/dinheiro-direto-escola-apresentacao> (Acesso em 15 de outubro de 2015).

seguidos pelas escolas para a escolha dos livros, apenas afirmaram que se pautam nas solicitações dos professores e equipe pedagógica.

Tendo conhecimento de que as Escolas Municipais recebem várias obras do PNBE, perguntamos qual a importância destas para as escolas e alunos, se eles podem levar os livros para realizar leituras em casa e quem é responsável por esses livros na escola.

Quadro 33: Qual a importância das obras do PNBE para sua escola? - Escolas Municipais

	As Escolas Municipais recebem várias obras do PNBE. Qual a importância de tais obras para sua escola e para os alunos? Os alunos podem levar os livros do PNBE para realizar leituras em casa? Na escola, quem é responsável por esses livros?
Respondente 1	“As obras enviadas pelo PNBE ficam na supervisão, em caixas, são catalogados e levados para sala de aula, pela professora para que os alunos escolham o volume para fazerem a leitura. Não levam para casa devido não ter um responsável para fazer o controle.”
Respondente 2	“Os livros do PNBE são acoplados ao acervo da escola; os alunos realizam suas leituras conforme orientação do professor e a supervisora é a responsável por catalogar e organizar esses livros.”
Respondente 3	“Muita importância.”
Respondente 4	“As obras são muito interessantes, na maioria das vezes os livros são usados em sala de aula e de acordo com os projetos trabalhados, levam para casa para leitura. Os livros ficam na secretaria e alguns em sala de aula, no cantinho da leitura.”
Respondente 5	“Essas obras são de fundamental importância para o trabalho realizado pelos professores pela diversidade apresentada. Os alunos não levam para casa. O responsável é a diretora e equipe pedagógica.”
Respondente 6	“Os próprios professores são responsáveis pelos livros.”
Respondente 7	“Importantíssimo, pois são ótimos livros e os alunos podem levar para casa e o professor é o responsável.”
Respondente 8	“(segundo a atendente da biblioteca) Não. Atendente de biblioteca.”
Respondente 9	“Recebemos as obras, são riquíssimas, os alunos levam para casa e o responsável é o professor de cada turma.”
Respondente 10	“A partir das obras do PNBE, observou-se que muitas crianças se interessam por ler mais, como também, muito tem contribuído para o processo de alfabetização. Os livros ficam sobre a supervisão das professoras e são de uso em sala de aula. Os alunos levam para casa outros livros disponibilizados.”
Respondente 11	“As obras são boas e o governo garante que cheguem às escolas, o que possibilita o acesso à leitura de todos. Também podem levar os livros e a equipe pedagógica se encarrega da arrumação das obras e as professoras são mediadoras.”
Respondente 12	“São importantes pela variedade textual e qualidade do material. Os alunos levam para casa também. O professor é o principal responsável pelo trabalho.”

Fonte: A autora

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), conforme mencionamos anteriormente, busca promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura por meio da distribuição gratuita de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento contempla as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, bem como as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Atualmente, o programa atende todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. Portanto, tem substancial importância quanto ao oferecimento de obras de qualidade, capazes de converter a Escola em uma comunidade de leitores.

A pesquisadora Aparecida Paiva, organizadora e uma das autoras do livro *Literatura Fora da Caixa – O PNBE na escola - distribuição, circulação e leitura* (2012), ao analisar a situação das escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, retratou um problema vivenciado por muitas escolas brasileiras. Os livros que são encaminhados pelo PNBE nem sempre alcançam os alunos e professores, permanecendo guardados em caixas, de modo a não cumprir sua principal função: atuar na formação de leitores. Tal deficiência, segundo a pesquisadora, deve-se à falta de políticas públicas consistentes e continuadas de formação de leitores, acompanhadas de projetos sólidos de mediadores de leitura. A ausência do espaço físico da biblioteca e mediadores de leitura nas Escolas Municipais de Cornélio Procopio, Paraná, dificulta a eficácia do trabalho de mediação dos livros com os leitores, pois, em boa parte das escolas os livros ficam guardados em caixas.

Todas as escolas respondentes disseram que as obras encaminhadas pelo PNBE são de grande relevância para as atividades de leitura, como podemos observar nas seguintes respostas: “A partir das obras do PNBE, observou-se que muitas crianças se interessam por ler mais, como também, muito tem contribuído para o processo de alfabetização...”; “As obras são boas e o governo garante que cheguem às escolas, o que possibilita o acesso à leitura de todos...”; “Essas obras são de fundamental importância para o trabalho realizado pelos professores pela diversidade apresentada...”; “Importantíssimo, pois são ótimos livros...”.

Embora as escolas de Cornélio Procopio reconheçam a importância do recebimento das obras do PNBE, já que “são importantes pela variedade textual e qualidade do material.”, os livros recebidos somente se traduzem como protagonistas na formação de leitores pela mediação realizada pelos professores, conforme um respondente: “a equipe pedagógica se encarrega da arrumação das obras e as professoras são mediadoras”.

Outro item que buscamos reconhecer foi o de que conhecimentos o mediador de leitura (bibliotecário ou responsável pela biblioteca) ou a escola se valem para contribuir para a formação do leitor. E ainda, se os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo, a critério próprio dos responsáveis.

Quadro 34: De que conhecimentos o mediador de leitura ou a escola se valem para contribuir para a formação do leitor? - Escolas Municipais

	De que conhecimentos o mediador de leitura (bibliotecário ou responsável pela biblioteca) ou a escola se valem para contribuir para a formação do leitor? Ou os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo, a critério próprio dos responsáveis?
Respondente 1	“Não temos bibliotecário.”
Respondente 2	“Os professores recebem formação continuada através do Pacto da Educação na área de Língua Portuguesa e Matemática.”
Respondente 3	“Sim. De modo intuitivo, não há diretrizes que orientem.”
Respondente 4	“De cursos de formação, ter interesse e aptidão pelo que faz, dar bons exemplos, ser um

	leitor ativo. Não temos bibliotecários na escola.”
Respondente 5	“Os trabalhos são realizados de modo intuitivo, a critério de cada professor que busca meios para encantar e formar leitores.”
Respondente 6	“Alguns professores da escola participam do Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa.”
Respondente 7	“Não temos.”
Respondente 8	“Os trabalhos são realizados de modo intuitivo, a critério da atendente e algumas professoras.”
Respondente 9	“Não é o mediador. Somente o professor.”
Respondente 10	“Em especial, os alunos do 1º ao 3º ano receberam livros específicos para a alfabetização, além dos literários, livros muito bons, que abrangem o lúdico com conteúdo e todas as professoras receberam capacitação de como melhor explorar os livros tanto de Literatura como didáticos.”
Respondente 11	“Os trabalhos são realizados de modo intuitivo pelos professores.”
Respondente 12	“Temos o “Projeto Leitura” que norteia todo o trabalho realizado.”

Fonte: A autora

Percebemos que inexistente uma sistematização do conhecimento que auxilie e capacite os mediadores de leitura na biblioteca, uma vez que não há este profissional nas escolas analisadas. Ele está presente apenas em uma Escola Municipal, a qual afirmou que os trabalhos são realizados de forma intuitiva, a critério do próprio atendente da biblioteca e algumas professoras. Na ausência de funcionários nas bibliotecas das escolas analisadas, são somente os próprios professores os responsáveis por contribuir e atuarem como formadores de leitores. Quatro escolas afirmaram que todo trabalho de mediação de leitura recai sobre o professor, o qual age de maneira intuitiva: “Os trabalhos são realizados de modo intuitivo, a critério de cada professor que busca meios para encantar e formar leitores”; “Sim. De modo intuitivo, não há diretrizes que orientem”; “Os trabalhos são realizados de modo intuitivo, a critério da atendente e algumas professoras”; “Os trabalhos são realizados de modo intuitivo pelos professores”.

Dois respondentes mencionaram que se valem dos conhecimentos adquiridos por meio de cursos de capacitação continuada oferecidos pelo PNAIC, que, embora não possua como foco o trabalho de formação de mediadores de leitura em bibliotecas, tem exercido o papel de mediador de leitura nas Escolas Municipais de Cornélio Procopio, pois prepara os professores para atuarem como formadores de leitores, como se observa nas seguintes respostas: “Alguns professores da escola participam do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade certa”; “Os professores recebem formação continuada através do Pacto da Educação na área de Língua Portuguesa e Matemática”. O PNAIC, além preparar os professores para trabalharem como alfabetizadores, preocupa-se em capacitá-los para atuarem como formadores de leitores e com a qualidade das obras utilizadas em sala de aula:

Respondente 10: Em especial, os alunos do 1º ao 3º ano receberam livros específicos para a alfabetização, além dos literários, livros muito bons, que abrangem o lúdico com conteúdo e todas as professoras receberam capacitação de como melhor explorar os livros tanto de Literatura como didáticos.

Em meio aos desafios vivenciados pela escola, buscamos compreender como o Município intervém como gerenciador e fomentador de políticas públicas para a promoção da leitura, ou mais especificamente, para a formação de leitores nas Escolas Municipais.

Quadro 35: De que maneira o Município contribui para a formação do leitor? - Escolas Municipais

	De que maneira o município intervém como órgão gerenciador de recursos financeiros e humanos para subsidiar o exercício da formação de leitores em sua escola e nas outras escolas municipais?
Respondente 1	“Através de cursos de capacitações e reuniões, ofertados pela Secretaria de Municipal de Educação.”
Respondente 2	“Através de vários projetos envolvendo concursos culturais em parceria com UTFPR, UENP, SESC, ADAN, AGRINHO (SENAR-PR), CGU, Grêmio haicai Ipê etc.”
Respondente 3	Não respondeu.
Respondente 4	“Percebo preocupação pela nossa secretaria em estar promovendo e incentivando os cursos de formação continuada e estudos relacionados ao tema.”
Respondente 5	“A Secretaria de Educação está sempre incentivando os projetos, bem como, realizado capacitação sempre que possível.”
Respondente 6	“Algumas orientações são realizadas através da Secretaria Municipal de Educação.”
Respondente 7	“O município incentiva a leitura, mas falta investimento financeiro, falta também gerenciar e fomentar políticas públicas para a promoção da leitura.”
Respondente 8	“Através de incentivo a leitura na biblioteca cidadã e capacitação continuada para os professores.”
Respondente 9	“No momento contamos com o PNAIC, que tem ajudado e capacitado os professores quanto ao uso das sequencias didáticas em sala de aula.”
Respondente 10	“O município oferece capacitações, bem como, incentiva a participação em projetos ligados a leitura e também com parceiros como Sesc, UTFPR.”
Respondente 11	“Na escola em tempo integral há o profissional de texto e leitura.”
Respondente 12	“Através de projetos, programas e concursos.”

Fonte: A autora

A partir das respostas levantadas pelas escolas, não conseguimos detectar uma atuação consolidada do Município que gerencie e fomenta políticas públicas em função da promoção da leitura e formação dos leitores. Existe a preocupação da Secretaria Municipal de Educação em realizar parcerias com outras instituições para a participação das escolas em projetos, concursos culturais e eventos literários, mas nada que envolva diretamente o trabalho de mediação de leitura ou a melhoria dos espaços sociais de leitura, as bibliotecas. Conforme uma das escolas respondentes: “O município incentiva a leitura, mas falta investimento financeiro, falta também gerenciar e fomentar políticas públicas para a promoção da leitura”.

Para que uma política pública se concretize de forma adequada, é necessário, primeiramente, detectar as dificuldades vivenciadas pelas instituições a fim de buscar medidas que contribuam para a melhoria dos problemas.

Isso significaria reorientar todas as ações para essas duas instituições, isto é, dar prioridade a programas que contribuam a longo prazo para uma melhora da escola e da biblioteca, em detrimento de campanhas e planos de sensibilização que por ventura se revelem supérfluos se não produzirem transformações nessas instituições (CASTRILLÓN, 2011, p.22).

Para tomarmos conhecimento de quais os maiores desafios vivenciados pelas escolas, perguntamos quais são as principais dificuldades enfrentadas com relação à formação do leitor.

Quadro 36: Quais desafios e dificuldades para a formação do leitor? - Escolas Municipais

	Quais os desafios e dificuldades encontrados pela escola em relação à formação do leitor?
Respondente 1	“Falta de espaço físico e de um profissional para fazer este trabalho.”
Respondente 2	“Acredito que seja o fato de nós educadores termos dificuldade para adquirir e manter o hábito da leitura, bem como, a não estimulação dos alunos a uma prática de leitura mais prazerosa, tendo em vista, a falta de métodos mais precisos que os auxiliem em sala de aula.”
Respondente 3	“Falta de interesse por parte da maioria dos alunos, que preferem estar conectados a jogos, redes sociais, etc.”
Respondente 4	“A falta de incentivo e até mesmo condições, devido à clientela que temos na escola.”
Respondente 5	“O fato de termos um ambiente apropriado, porém não tendo condições de usá-los adequadamente e com pessoas especializadas.”
Respondente 6	“Gostaríamos de ter um espaço físico somente para a biblioteca.”
Respondente 7	“Falta à família valorizar os livros e a leitura e percebe sua importância para o desenvolvimento intelectual e social de seus filhos.”
Respondente 8	“Não observo dificuldades em relação à formação de leitores, pois os alunos participam de todas as atividades propostas e desenvolvidas pelos professores e possuem em sua rotina momentos reservados (cronograma) para visitas à biblioteca, onde retiram livros e levam para casa.”
Respondente 9	“A dificuldade é que a nossa clientela não tem pais leitores, portanto não são estimulados.”
Respondente 10	“Na formação do leitor, apenas que houvesse mais incentivo por parte dos pais e em muito facilitaria o trabalho com a leitura, se tivéssemos uma biblioteca ativa na escola.”
Respondente 11	“Há um grande concorrente do uso do livro, que é a <i>Internet</i> .”
Respondente 12	“A superação da falta de espaço específico para a biblioteca.”

Fonte: A autora

Percebemos que são muitas as dificuldades vivenciadas pelas Escolas Municipais com relação à formação de leitores. Alguns exemplos são a precariedade ou a falta do espaço físico da biblioteca, a quase inexistência de profissionais atuantes nas bibliotecas, a necessidade de métodos e de políticas públicas que auxiliem tanto os mediadores quanto os professores para o fomento da leitura nas bibliotecas.

Um respondente mencionou como dificuldade para formar leitores o fato dos próprios mediadores de leitura não serem leitores:

Respondente 2: Acredito que seja o fato de nós educadores termos dificuldade para adquirir e manter o hábito da leitura, bem como, a não estimulação dos alunos a uma prática de leitura mais prazerosa, tendo em vista, a falta de métodos mais precisos que os auxiliem em sala de aula.

O respondente, além de afirmar não ser leitor, mencionou que não estimula os alunos a uma prática de leitura mais prazerosa por falta de métodos precisos. Tal afirmação não pode ser vista como um desafio a ser solucionado apenas por métodos que auxiliem os mediadores de leitura, professores e responsáveis pela educação a atuarem em sala de aula, uma vez que não é possível que os educadores atuem de forma eficaz na formação de leitores sem que eles mesmos sejam leitores.

Além dos percalços apresentados, as escolas afirmaram a existência de problemas extraescolares como a falta do incentivo à leitura pela família, citada três vezes, e a *Internet*, citada 2 vezes: “Falta à família valorizar os livros e a leitura e perceber sua importância para o desenvolvimento intelectual e social de seus filhos”. “Há um grande concorrente do uso do livro, que é a *Internet*”; “Falta de interesse por parte da maioria dos alunos, que preferem estar conectados a jogos, redes sociais, etc.”.

Segundo Mury (1974), a criança, desde seu nascimento, está em processo de constituição, e a família, a instituição primária, induz a criança à personalidade de base literária. Porém, embora exista uma relação dialética entre o indivíduo e as instituições, não quer dizer que somente a família é responsável por atuar na formação de sua personalidade de base literária. As outras instâncias primárias e secundárias, e o meio social em que o indivíduo vive também exercem papel, pois, se a obra se propõe simplesmente ao ato de repetir a “estrutura social”, ela não permanecerá, desaparecerá com o tempo. Ou seja, embora a família seja importante para atuar como mediadora de leitura, aproximando a criança aos livros, desde o seu nascimento, não é a única responsável por formar leitores. A escola é também uma instância primária que tem como responsabilidade formar leitores; portanto, se a família não forma leitores a escola também não pode se eximir desta função.

Com relação à *Internet* ter sido mencionada por dois respondentes como um empecilho à formação de leitores, esta premissa pode ser refletida como errônea. Como mencionamos anteriormente, nem sempre o receptáculo da escrita foi o códice ou a superfície branca da página de um livro. Assim como os espaços da escrita modificaram-se com o passar do tempo, as tecnologias da leitura e da escrita também se modificam. A *Internet* faz parte do cotidiano dos alunos e, portanto, pode servir como importante auxílio na formação dos

leitores, porém, é necessário que o mediador de leitura saiba atuar também como mediador da cibercultura.

A escola compartilhada com a Escola Estadual afirmou que não existem dificuldades com relação à formação do leitor:

Respondente 8: Não observo dificuldades em relação à formação de leitores, pois os alunos participam de todas as atividades propostas e desenvolvidas pelos professores e possuem em sua rotina momentos reservados (cronograma) para visitas à biblioteca, onde retiram livros e levam para casa.

Afirmar que não há dificuldades para o trabalho de mediação de leitura não quer dizer que a biblioteca realize o que Hauser (1977) menciona ser uma função útil de mediação. Seria necessário fazer um estudo para verificar o impacto das ações da biblioteca no modo de recepção da leitura no espaço escolar por parte dos leitores vinculados nesta escola.

A partir das dificuldades apresentadas, perguntamos (Anexo B, Quadro 37) às escolas respondentes se poderiam sugerir medidas ou ações que pudessem contribuir na melhoria do potencial do uso da biblioteca nas Escolas Municipais.

Quadro 37: Sugestões para melhoria do potencial do uso da biblioteca nas Escolas Municipais- Escolas Municipais

	Você poderia sugerir algumas medidas ou ações que pudessem contribuir na melhoria do potencial do uso da biblioteca nas Escolas Municipais?
Respondente 1	“Espaço físico adequado e um profissional para atendimento.”
Respondente 2	“Acredito que deveria ter um bibliotecário que ajudasse aos professores e alunos no favorecimento da gestão da informação e do conhecimento no uso da biblioteca nas Escolas Municipais.”
Respondente 3	“Ter um cargo específico de bibliotecário para cada escola.”
Respondente 4	“Que cada escola tivesse sua biblioteca (atualizada) juntamente com um bibliotecário específico para esse trabalho.”
Respondente 5	“Espaço físico adequado podendo ser usado. Contratação de bibliotecário.”
Respondente 6	“Mais em relação ao espaço físico mesmo. O acervo é razoável.”
Respondente 7	“Primeiro é preciso construir a biblioteca.”
Respondente 8	“Se não houver medidas ou ações pré-definidas, a biblioteca poderá criar ou elaborar um projeto que possibilite condições para aprendizagem permanente quanto ao seu uso, como: orientações, empréstimos, referências, divulgação atrativa para o leitor, entre outros.”
Respondente 11	“Seria bom termos um profissional só para o atendimento das bibliotecas.”
Respondente 12	“Haver um espaço adequado, profissional capacitado, bom acervo e projeto específico.”

Fonte: A autora

Duas escolas não responderam à questão, e, dentre as sugestões apresentadas pelas 10 escolas respondentes, as mais citadas relacionam-se à biblioteca e ao mediador de leitura. Com relação à biblioteca, conforme seis respostas, deveria ter espaço físico adequado, ser atualizada e possuir um bom acervo: “Primeiro é preciso construir a biblioteca”.

Com relação ao mediador de leitura, de acordo com sete das respostas, é necessária a contratação de profissionais capacitados para atuar nas bibliotecas e a criação de um cargo específico de bibliotecário nas escolas: “Acredito que deveria ter um bibliotecário que ajudasse aos professores e alunos no favorecimento da gestão da informação e do conhecimento no uso da biblioteca nas Escolas Municipais”.

Apenas uma escola se pronunciou sobre a importância de ações metodológicas possíveis de serem concretizadas pelas bibliotecas:

Respondente 8: Se não houver medidas o ações pré definidas, a biblioteca poderá criar ou elaborar um projeto que possibilite condições para aprendizagem permanente quanto ao seu uso, como: orientações, empréstimos, referências, divulgação atrativa para o leitor, entre outros.

Nas Escolas Municipais, embora não existam bibliotecas e bibliotecários, todo trabalho de mediação entre o livro e o leitor é realizado pelo professor, profissional que conhece as necessidades dos alunos, possui formação acadêmica e participa de cursos para trabalhar com o desenvolvimento das capacidades de leitura de seus alunos, conhece as obras, desenvolve práticas sistematizadas e projetos de leitura, e atua como formador de leitores. Os principais desafios vivenciados pelas Escolas Municipais referem-se à falta de espaço físico para a biblioteca e à ausência de um profissional qualificado e habilitado para exercer as funções da gestão da biblioteca, sobretudo, que atue como mediador de leitura e auxilie os professores na formação de leitores.

5 ENTRE OS DETERMINISMOS SOCIAIS: AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS E AS BIBLIOTECAS ESCOLARES.

Segundo Castrillón (2011), não se pode dizer que havendo mais leitura, haveria mais desenvolvimento. Na realidade trata-se do contrário: se houvesse mais desenvolvimento, haveria mais leitura, ou, melhor dizendo, mais livros, mais consumos de bens culturais e não-culturais. Portanto, o problema da leitura só pode ser encarado e resolvido por meio de mudanças voltadas a uma mais justa e igualitária distribuição de riqueza.

Embora os determinismos sociais, como afirma Petit (2010), não sejam absolutos, em nosso estudo, pudemos concluir que aqueles que mais carecem de informação, por serem desfavorecidos socialmente, são aqueles que menos possuem seus direitos efetivados quanto ao acesso à educação de qualidade. Analisamos quatro espaços sociais: Bibliotecas Públicas Municipais, Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Escolas Municipais. Por serem instituições divergentes e heterogêneas, acreditávamos diferenciarem-se, principalmente, no que se refere à inserção social, mais precisamente, nas diferenças econômicas presentes entre a periferia e o centro da cidade, entre o ensino privado e o ensino público. Entretanto, não apenas o condicionamento social é fator determinante para o reconhecimento das diferenças entre esses espaços, mas também a hierarquização dos órgãos responsáveis por gerenciar recursos financeiros e humanos para subsidiar o exercício da formação de leitores nestas instituições.

Nos espaços sociais analisados não detectamos a existência de profissionais formados em biblioteconomia, e apenas quatro mediadores realizam práticas sistematizadas de leitura nas bibliotecas, como a “hora do conto”, “fichas de leitura”, leituras de imagens e dramatizações. Encontramos uma série de fatores que dificultam o trabalho dos mediadores de leitura que atuam nas bibliotecas públicas e escolares da cidade de Cornélio Procopio, no que diz respeito à formação de leitores.

A práxis intuitiva é responsável por gerir o trabalho de todos os mediadores de leitura, os quais afirmaram não reconhecerem a existência de um saber sistematizado ou de políticas públicas a nível municipal, estadual ou federal que os auxiliem em seus trabalhos, quanto à formação do leitor nas bibliotecas.

5.1 O CONTEXTO ESCOLAR

5.1.1 Escolas Estaduais

Percebemos que os menores desafios com relação ao gerenciamento de recursos financeiros e humanos para subsidiar o exercício da formação de leitores dentre as bibliotecas analisadas são vivenciados pelas Escolas Estaduais, o que não quer dizer que realizem o melhor trabalho de mediação de leitura e formação de leitores no espaço da biblioteca.

Todas as escolas geridas pelo Governo Estadual, exceto uma, possuem uma biblioteca e um profissional responsável por trabalhar como mediador de leitura. Com relação à compra de livros e às funções a serem desenvolvidas na biblioteca, alguns mediadores de leitura afirmaram serem amparados pelo PNBE e pelo projeto-político-pedagógico (PPP) da escola. Outros alegaram realizarem o trabalho empiricamente.

Os mediadores de leitura das bibliotecas das Escolas Estaduais possuem Ensino Superior, e 70%, Especialização. Todavia, grande parte desses profissionais se constitui de professores transferidos da sala de aula para a biblioteca, ou servidores públicos que dividem o trabalho da biblioteca com outras funções designadas pela escola.

As bibliotecas das Escolas Estaduais, tanto da periferia como as do centro da cidade, possuem melhores instalações e verbas para contratação de profissionais, aquisição de livros e mobiliários para atender a comunidade escolar do que as demais bibliotecas analisadas. Porém, devido ao fato de os mediadores de leitura não realizarem treinamentos, capacitações e por não possuírem formação acadêmica específica para atuarem como mediadores de leitura na biblioteca, ainda utilizam-se da práxis intuitiva em tal ofício. Outrossim, embora tenham afirmado serem leitores de obras literárias e *best-sellers* e indicarem obras aos leitores buscando a predisposição destes, no que se refere à realização de práticas de leitura e formação de leitores, o trabalho dos mediadores continua sendo passivo e dependente dos professores.

5.1.2 Escolas Particulares

Por serem instituições privadas de ensino, acreditávamos que estas seriam as escolas que menos tivessem empecilhos com relação à formação do leitor. Contudo, das cinco escolas analisadas, apenas três possuem o profissional atuante na biblioteca. As bibliotecas das

Escolas Particulares possuem espaços de leitura relativamente amplos, mas o acervo é mais limitado em qualidade, uma vez que as obras adquiridas são escolhidas pela escola, não passando por um processo específico de escolha, como as obras do PNBE que são encaminhadas às Escolas Estaduais e Municipais. Outrossim, não possuem diretrizes a serem seguidas com relação ao trabalho de mediação de leitura e formação do leitor, um respondente afirmou a necessidade de buscar indicações para o trabalho por meio de sites especializados.

Na área denominada ‘biblioteca escolar’, quase sempre vista como campo menor, uma vez que as técnicas de organização de acervo são elementares, o desafio maior não é o conhecimento dos assuntos que os escolares buscam ou as formas de organização dos acervos. A grande dificuldade é o alto grau de complexidade nas relações com os usuários (MILANESI, 2013, p. 66).

O processo de catalogação e empréstimo de livros é realizado manualmente pelos responsáveis pela biblioteca e os projetos de leitura são realizados pelos professores. Uma das escolas afirmou realizar projetos de leitura na biblioteca como a “hora do conto”, o “festival de poesias” e as dramatizações. As três Escolas Particulares que possuem mediador atendem 2.090 leitores, sendo 700 crianças, 1.290 adolescentes e 100 adultos, o maior atendimento a leitores quando comparadas às demais escolas analisadas. Embora os mediadores de leitura levem em consideração a predisposição dos leitores, uma das respondentes afirmou não indicar obras, pois: “os próprios alunos já sabem o que querem ler”. Tal resposta demonstra que este mediador de leitura realiza, na acepção de Hauser (1977), uma função inútil de mediação. Podemos refletir ainda, que ao eximir-se de sua função educacional, como salienta Milanesi (2013, p.66-7) “o responsável pela biblioteca será, apenas, o agente da ordem dos manuais das regras”.

5.1.3 Escolas Municipais

As escolas que enfrentam os maiores desafios com relação ao gerenciamento de recursos financeiros e humanos para subsidiar o exercício da formação de leitores nas bibliotecas são as Escolas Municipais. O problema se estende desde a precariedade ou a ausência do espaço físico da biblioteca à quase inexistência de profissionais atuantes nesses espaços, além da necessidade de gerenciamento político e de políticas públicas que possibilitem a criação de bibliotecas e contratação de profissionais para atuarem nesses espaços.

As Escolas Municipais recebem obras do PNBE, as quais ficam guardadas em caixas, sob os cuidados da equipe pedagógica ou dos professores. A falta de espaço físico para a biblioteca, em algumas escolas é amenizada por “cantinhos da leitura” nas salas de aula, ou pela criação de “bibliotecas móveis”, caixas com livros que passam pelas salas de aula. Além da necessidade de construção de bibliotecas e contratação de mediadores de leitura, outro desafio vivenciado pelas Escolas Municipais é reconhecer que a biblioteca também possui papel protagonista na educação, evitando-se o risco de formarem uma geração de alunos que não saibam utilizar a biblioteca e sua diversidade de livros, pois “(...) o espaço físico permite não apenas juntar documentos, mas aproximar pessoas que estando ali para conhecer determinados conteúdos podem participar de ações coletivas” (MILANESI, 2013, p. 80).

Nas Escolas Municipais, destacamos como ponto positivo a realização de práticas sistemáticas de leitura, pois, embora vivenciem dificuldades com relação à ausência do espaço físico das bibliotecas e de bibliotecários, são realizados trabalhos de mediação de leitura e de formação de leitores. Estes são promovidos pelos professores, profissionais que possuem conhecimentos das necessidades dos alunos e do acervo, além de possuírem formação acadêmica e realizarem capacitações para ampliarem as capacidades de leitura de seus alunos. Embora não sejam responsáveis pela biblioteca, os professores das Escolas Municipais possuem a característica que os bibliotecários da França, após a Revolução, descobriram ser necessária para a formação de novos leitores: ser um professor de leitura. Na França pré-Revolução, não havia bibliotecários nas escolas e o trabalho de mediação de leitura era exercido exclusivamente pelos professores, situação semelhante ao que se vivencia nas Escolas Municipais de Cornélio Procópio. A diferença esteve no fato de a França ter percebido que seria necessária a contratação de bibliotecários para atuarem nas bibliotecas escolares e públicas, cujas características deveriam ser “vendedores” e “professores de leitura”, ou seja, mediadores de leitura.

5.2 O CONTEXTO PÚBLICO

5.2.1 Bibliotecas Públicas

As bibliotecas que revelam os maiores desafios com relação à realização de práticas de leitura e formação de leitores são as Bibliotecas Públicas da cidade de Cornélio Procópio. As duas bibliotecas, que deveriam atender toda comunidade procopense, realizam o menor

número de atendimento a leitores do que os demais espaços analisados. Em uma cidade composta por mais de 46.000 habitantes, apenas 91 leitores, sendo 30 crianças, 27 adolescentes e 34 adultos as frequentam por mês.

Os desafios das bibliotecas públicas puderam ser observados desde o gerenciamento de recursos financeiros para o espaço físico e compra de mobiliários e obras para compor os acervos, até o gerenciamento de recursos humanos. A Biblioteca Cidadã “Professora Izabel Arantes de Campos”, construída em 2011, foi ativada somente em 2013, e a Biblioteca Pública Municipal “Prof.^a Edna Saad Bonfim Carnevalle” teve que ceder seu espaço para o funcionamento do CRAS, sendo transferida para o museu histórico da cidade. O Município não investe na compra de livros para as bibliotecas públicas, as quais são mantidas por meio de doações da comunidade ou outras instituições educacionais.

Não há bibliotecários, profissionais formados em Biblioteconomia, contratados para o gerenciamento das bibliotecas públicas. Todo trabalho de manutenção do acervo e atendimento aos leitores é realizado de forma intuitiva. Apenas os funcionários da Biblioteca Cidadã “Professora Izabel Arantes de Campos” receberam treinamentos para o ofício, por exigência da Secretaria Estadual de Educação. Os mediadores de ambos os espaços públicos não realizam práticas de leitura e não atuam como formadores de leitores, limitando-se ao apoio ao sistema escolar e ao acesso à informação para quem os solicita.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Numa sociedade justa o respeito aos direitos humanos, e fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 1988, p.191). Todavia, “como uma regra que se estende a todas as situações de distribuições do conhecimento, quanto menor forem os bens materiais do indivíduo ou o seu grupo, menor é o volume de conhecimento. Ou, em outras palavras, aqueles que menos têm menos recebem” (MILANESI, 2013, p.60). A partir desta dicotomia, de que o direito à literatura é um direito humano, porém menos acessível aos quem mais dele carecem, podemos refletir que tanto as bibliotecas escolares quanto as públicas são espaços sociais, cuja finalidade é possibilitar o acesso ao conhecimento, à literatura, à imaginação, à fantasia e à sensibilidade artística. Há, portanto, a necessidade de refletirmos sobre as representações desses espaços que não podem esgotar-se na oferta da informação e, destarte, na figura do mediador da leitura, pois “quanto maior for o contato com os mediadores, maior a oportunidade de se tornar um leitor”²⁴.

Enquanto a obra artística não for acessada pelo público, a biblioteca continuará a ser apenas um espaço físico com livros dispostos em prateleiras, isto é, sua existência se dá somente pela leitura de suas obras. Assim, a figura responsável pela mediação entre obra e público, nesses espaços, é o mediador de leitura, o qual pode ora trazer fecundas contribuições para a interação com o texto, ora dificultar esse contato. Desta forma, os questionamentos levantados neste estudo buscaram compreender os desafios vivenciados pelos mediadores de leitura que são lotados em bibliotecas públicas e escolares da cidade de Cornélio Procopio, no Paraná.

A partir dos dados coletados, observamos que dentre os espaços analisados, as práticas de fomento à leitura, de modo geral, e da literária, são quase inexistentes. Além disso, dão-se de modo disperso e são realizadas de maneira intuitiva. Estão restritas à promoção da leitura e pouco contribuem para o processo de formação dos leitores. Embora a maioria dos mediadores de leitura realize leituras de obras literárias, busque reconhecer as predisposições dos leitores e acredite na importância da literatura como elemento substancial na formação do leitor, não encontramos um número significativo de projetos de leitura que são realizados exclusivamente pelo mediador, pois, segundo os respondentes, esta função é da competência

²⁴ Hauser, 1977, p. 594. tradução livre da autora.

do professor. Caberiam aos mediadores apenas o auxílio nas atividades, indicação de obras e o empréstimo de livros.

Concluimos que o maior desafio dos mediadores de leitura é exercer uma profissão que ainda necessita ser inventada ou, pelo menos, melhor definida. Faz-se necessário, primeiramente, formalizar quais são suas reais funções: servir de agente dos manuais das regras, atuar como formador de leitores, ou ambos. Destarte, percebemos que os respondentes deste estudo buscam atuar da melhor maneira que lhes é possível, uma vez que vivenciam uma série de fatores que dificultam o trabalho de mediação de leitura: atuam por intermédio da práxis intuitiva; não participam de cursos de capacitações; não possuem formação específica para atuarem nas bibliotecas; trabalham em um espaço social que não possui sua importância reconhecida; a maioria não possui os equipamentos necessários para o ofício: salas estruturadas, mobiliários, acervo atualizado, obras de qualidade e sistema informatizado; vivenciam um alto grau da complexidade nas relações com usuários, pois atendem diversas idades e camadas sociais; não são amparados por políticas públicas contínuas de leitura e não possuem verbas e autonomia para realizarem um trabalho de qualidade.

Podemos concluir que, para que o indivíduo desenvolva sua capacidade de pensar e sentir, é necessário que tenha a possibilidade de acesso ao conhecimento. Porém, a ausência de serviços especializados tanto na Escola quanto na Biblioteca é uma realidade abafada, visto que um espaço adequado para práticas de leitura e o perfil do profissional para atuar nele é inexistente não apenas nas bibliotecas públicas e escolares de Cornélio Procopio: é uma realidade em grande parte das escolas brasileiras, que se mantêm ativas mesmo à miséria e à prática do abandono, pelos esforços de uma minoria de militantes da educação e da cidadania.

É necessário que os agentes públicos e a sociedade civil reconheçam a importância do trabalho exercido pelos mediadores de leitura, que segundo Petit (2010, p. 183) é “(...) muitas vezes ingrato, na medida que é pouco mensurável, pouco ‘visível’ na mídia, e do qual os profissionais quase nunca têm um retorno, a menos que algum pesquisador passe por ali e estude precisamente esse impacto”. Como salienta Hauser (1977, p. 590), “os leitores não são meros recebedores de textos” e, para fomentar o gosto de um público, citando Petit (2010, p. 183), “não existem receitas mágicas”, pois a recepção da leitura é individual, cada leitor possui seus gostos e compreensões. Assim, percebemos a complexidade do trabalho do mediador de leitura, que requer acima de tudo, ser leitor, conquistar a confiança daqueles que lhe recorrem, trocar experiências, ouvir as necessidades dos leitores e provocar novos interesses.

Os resultados completos deste estudo são importantes por reconhecerem a realidade vivenciada pelas bibliotecas e mediadores de leitura de Cornélio Procópio, Paraná, uma vez que, até o atual momento, são escassas as pesquisas científicas e ações de autoridades políticas engajadas na discussão da melhoria do potencial do uso das bibliotecas, do fomento à leitura e do trabalho exercido pelos mediadores de leitura nas bibliotecas escolares e públicas.

Finalmente, para que possamos assegurar ao leitor o direito humano ao conhecimento e à democratização da leitura nas bibliotecas, primeiramente, precisamos reconhecer quais são os principais desafios vivenciados pelos mediadores de leitura e pelas bibliotecas no Brasil, por meio de mais pesquisas científicas que auxiliem na criação e atuação de políticas públicas consistentes e contínuas de apoio à leitura. Estas podem ser acompanhadas de projetos sólidos para a capacitação dos mediadores de leitura, para que possamos trabalhar novos conceitos com os mediadores na expectativa da redução da práxis intuitiva.

Acreditamos serem relevantes, para futuros projetos de pesquisa científica, dois estudos:

Investigar como é realizada a mediação do texto literário nas bibliotecas públicas e escolares, verificando a articulação das ações dos mediadores de leitura com outras práticas ou políticas públicas de fomento à leitura literária e não literária, buscando reconhecer o impacto dessas ações no modo de recepção da leitura no espaço escolar por parte dos leitores ainda vinculados à Educação Básica.

Reconhecer como é efetivado o trabalho desempenhado pelos mediadores de leitura em Bibliotecas Comunitárias, e a sua importância para a formação de leitores, tendo em vista que estes profissionais atuam em locais cuja exclusão e segregação se faz presente, e que a leitura é muitas vezes vista como uma barreira social. Embora os mediadores das bibliotecas comunitárias muitas vezes atuem de maneira intuitiva, também buscam compreender as necessidades das comunidades em que vivem, agindo não apenas como mediadores, mas como formadores de leitores, auxiliando na construção dos sujeitos que não possuem acesso aos livros e, sobretudo, ao direito inalienável da leitura.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGUIAR, Vera T. O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade. In: _____; MARTHA, Alice áurea Penteadó (org.). **Territórios da leitura**: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica. Assis: NEP, 2006. p. 255-267.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Abril, 1972.

BRASIL, Átila Silveira. **Das origens e da emancipação do município**: Cornélio Procópio, 1938-198. PR: s. n. t., 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Manual básico da biblioteca da escola**. Brasília: MEC/FNDE, 1998.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. 1972.

_____. **Literatura e sociedade**. 5ª ed., São Paulo: Nacional, 1976. Brasiliense, 1989

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. v.2. Tradução de Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 1999.

CECCANTINI, João Luís; VALENTE, Thiago Alves. **Para formar leitores bons de prosa**. In: CEALE – Magda Soares; Aparecida Paiva. (Org.). PNBE na escola: literatura fora da caixa. 1ed. Brasília: MEC, 2014, v. 1, p. 27-46.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994..

CHARTIER, Anne - Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura** (1880-1980). Trad. Osvaldo Biato; Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996.

_____. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. Tradução de Hildegard Feist São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ESCARPIT, Robert. **Hacia una sociologia del hecho literario**. Madrid: Edicusa, 1974.

HAUSER, Arnold. **Sociología del arte**. V.4. Barcelona: Labor, 1977.

LOURENÇO, Katiane Crescente. **Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010.

MACEDO, Lucas Santos. **Práticas de leitura e biblioteca no imaginário de adolescentes do Ensino Médio em Guarapuava-PR**. 2012. 84 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá. 2012.

Disponível em: http://www.ple.uem.br/defesas/def_lucas_santos_macedo.htm

MANGUEL, Alberto. **Biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.

_____. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. Coleção Primeiros Passos, 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1993.

_____. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

MURY, Gilbert. **Hacia una sociologia del hecho literario**. Madrid: Edicusa, 1974.

PAIVA, A. (org.) **Literatura Fora da Caixa: o PNBE na escola - distribuição, circulação e leitura**. São Paulo: UNESP, 2012.

PERIN, Denise Alexandre. **Mediadores e espaços de leitura: a prática em escolas municipais de presidente prudente**. 2009. 243 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/92273>>.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento Cultural, Infância e Leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini – São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza – São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.** Trad. Celina Olga de Souza – São Paulo: Editora. 34, 2013.

PRATES, Ana E. **Entre o livro e a leitura: um clic de mediação.** 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2009.

SILVA, Rovilson José. **Biblioteca escolar e a formação de leitores:** O papel do mediador de leitura. Londrina: EDUEL, 2009. 198 p.

SILVA. Rovilon José. **Leitura, biblioteca e políticas de formação de leitores no Brasil.** BJIS, v.3, n.2, p.75-92, jul./dez. 2009.
Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis>>

SILVA, Waldeck Carneiro. **Miséria da biblioteca escolar.** São Paulo: Cortez, 1994.

SOARES, M. Becker. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. Educação e Sociedade. V.23, nº 81. Campinas, 2002.

SOUZA, Renata Junqueira. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

ZAPPONE, M. H. Y. ; NASCIMENTO, S. B. ; MELLO, A. C. A. **Leitura ficcional feita por adolescentes: compassos e descompassos entre escola e vida social.** Raído (Online), v. 8. 2014. p. 59-79.

ZILBERMAN, Regina. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Fim do livro, fim dos leitores?,** São Paulo: Editora Senac, 2008.

_____. **Que literatura para escola? Que escola para a literatura?** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. v.5, n.1. jan/jun.2009. p. 9-20.

APÊNDICES

APÊNDICE A**Questionário: Mediadores de leitura****Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas**

Mestranda: Ana Carolina de Azevedo Mello

BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO -
PR: DESAFIOS DOS MEDIADORES DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES

Programa de Pós-Graduação (Mestrado)
Universidade Estadual de Maringá

1-Identificação:

Nome _____

Idade _____ Sexo: () feminino () masculino

Instituição onde trabalha: _____

Cidade _____ Estado _____

Escolaridade: _____

2. Formação acadêmica e profissional:

2.1 Qual sua profissão? _____

2.2 Você possui formação em:

() Biblioteconomia

() Ciência da informação?

Caso não seja nenhuma dessas opções a sua formação, indique o(s) curso(s) realizado(s):

3-Origem familiar:

3.1- Qual a profissão de seus pais?

Pai _____

Mãe _____

3.2.- Qual o nível de escolaridade dos seus pais?:

() do pai _____

() da mãe _____

3.3- Em sua casa havia (há):

- () Rádio
 () TV
 () Internet
 () Aparelho de som
 () Computador
 () Outros _____

4- A infância:

4.1 - Você tem lembrança de alguém que lia em sua família?

- () apenas o pai O que lia? _____
 () apenas a mãe O que lia? _____
 () irmão ou irmã O que lia? _____
 () avô O que lia? _____
 () avó O que lia? _____
 () ninguém

4.2. Quando criança, o que você mais gostava de fazer? Numere, de acordo com a ordem de preferência (1 para o que mais gostava)

- () jogar ou brincar
 () ver TV
 () ouvir música
 () ouvir histórias
 () ler
 () outra _____

4.3- Quem lhe contava histórias?

- () o pai
 () a mãe
 () a avó
 () o avô
 () ninguém
 () outros _____

4.4- Cite uma ou mais história (s) ouvida (s) na infância:

4.5- Cite uma (ou mais) história (s) que você leu na infância:

4.6- Esses livros lidos por você eram:

- () seus ou de alguém de sua casa
 () retirados na biblioteca escolar
 () emprestados por um amigo
 () retirados da biblioteca da cidade

4.6 - Por que você escolheu trabalhar com mediação de leitura?

5- Hoje

5.1. Você gosta de ler?

1. () sim 2. () não 3. () depende do texto

5.2- Você costuma ler (Numere em ordem de importância):

- ☐ somente para estudar
- ☐ para me distrair
- ☐ para aprender religião
- ☐ para aprender coisas úteis
- ☐ Se outras razões, especificar: _____

5.3- Que tipo de leitura você costuma fazer?:

- ☐ ficção científica
- ☐ detetive/policial
- ☐ poesia
- ☐ religião
- ☐ escolar
- ☐ auto-ajuda
- ☐ Outra _____

5.4. Com relação a histórias escritas (em livros), quais você leu nos últimos três meses? Elencar até cinco histórias:

5.5. Você considera os livros de literatura importantes para a formação do leitor? Justifique sua escolha.

6 - Sobre a Biblioteca:

6.1 – Qual o número aproximado de leitores que frequentam a biblioteca por mês?

- número de crianças: _____
- número de adolescentes: _____
- número de adultos: _____

6.2- Quais os gênero de leitura você considera mais procurados nesta instituição?

- ☐ pesquisa escolar
- ☐ romances
- ☐ poesia
- ☐ aventuras/ policiais/suspense
- ☐ ficção científica
- ☐ religiosa
- ☐ jornais
- ☐ revistas
- ☐ técnica (Assunto(s):. _____)
- ☐ Outra (s) _____

6.3. Você indica livros de literatura para os leitores? Quais autores você costuma indicar? O que você leva em conta na indicação dos livros?

6.4 – Você realiza práticas de leitura na biblioteca? (projetos de leitura, eventos literários etc). Quais?

6.5 – De que conhecimentos você se vale para atender o leitor, para escolher os livros a serem

comprados e cuidar do acervo? Há diretrizes que o orientem ou que devam ser seguidas por sua instituição? Ou os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo?

6.6 – Você se considera um formador de leitores? Por quê?

6.7 - De que maneira você colabora para a formação do leitor? Utiliza-se de um saber já sistematizado, ex: livros que ensinam projetos e maneiras de como contribuir para a formação de leitores. Ou os trabalhos realizados, desde o atendimento ao cliente, indicação de livros, projetos de leitura, etc. são feitos de modo intuitivo, a seu critério?

APÊNDICE B**Questionário: Diretoras e/ou Supervisoras Escolas Municipais**

Mestranda: Ana Carolina de Azevedo Mello

BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO -
PR: DESAFIOS DOS MEDIADORES DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES

Programa de Pós-Graduação (Mestrado)
Universidade Estadual de Maringá

1-Identificação:

Nome: _____ Sexo: () feminino () masculino

Instituição onde trabalha: _____

Cidade _____ Estado _____

2. Formação acadêmica e profissional:

2.1 Escolaridade: _____

2.2 Qual seu cargo? _____

3. Escola, Biblioteca e formação de leitores:

3.1 Você se considera um leitor? Por quê?

3.2 - Você considera a leitura importante para a formação criança? Por quê?

3.3 – Você acha a Biblioteca um espaço social necessário e importante para a formação do leitor? Por quê?

3.4 - Como é a biblioteca da sua escola? Fale sobre o espaço, número de livros que compõe o acervo e a frequência média mensal de alunos que a frequentam.

3.5 – A sua escola possui biblioteca e mediador de leitura (bibliotecário ou responsável pela biblioteca)? Caso não haja, quais medidas a escola realiza para não prejudicar a formação do leitor?

3.6 - Na biblioteca de sua escola, os alunos participam de atividades de leitura? Como são realizadas as ações de mediação de leitura?

3.7 – Os alunos fazem empréstimo de livros para realizar leitura em casa? Quais são os gêneros que eles mais procuram?

3.8 – A escola e/ou a biblioteca realizam projetos de leitura, contação de histórias, eventos literários etc? Descreva-os.

3.9 – Como são adquiridos os livros de sua escola? Há algum critério seguido pela escola para a escolha das obras?

3.10 – As Escolas Municipais recebem várias obras do PNBE. Qual a importância de tais obras para sua escola e para os alunos? Os alunos podem levar os livros do PNBE para realizar leitura em casa? Na escola, quem é responsável por esses livros?

3.11 – De que conhecimentos o mediador de leitura (bibliotecário ou responsável pela biblioteca) ou a escola se valem para contribuir com a formação do leitor? Há diretrizes que os orientem ou que devam ser seguidas por sua instituição? Ou os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo, a critério próprio dos responsáveis?

3.12 – De que maneira o município intervém como órgão gerenciador de recursos financeiros e humanos para subsidiar o exercício da formação de leitores em sua escola e nas outras escolas municipais?

3.13 - Quais os desafios e dificuldades encontradas pela escola com relação à formação do leitor?

3.14- Você poderia sugerir algumas medidas ou ações metodológicas que pudessem contribuir na melhoria do potencial do uso da biblioteca nas Escolas Municipais?

APÊNDICE C

Questionário: Responsáveis pelas Bibliotecas Públicas

Mestranda: Ana Carolina de Azevedo Mello

BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO -
PR: DESAFIOS DOS MEDIADORES DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES

Programa de Pós-Graduação (Mestrado)

Universidade Estadual de Maringá

1-Identificação:

Nome _____

Idade _____ Sexo: () feminino () masculino

Instituição onde trabalha: _____

Endereço da instituição onde trabalha: _____

Cidade _____ Estado _____

Escolaridade: _____

2. Formação acadêmica e profissional:

2.1 Qual sua profissão? _____

2.2 Você possui formação em:

() Biblioteconomia

() Ciência da informação?

Caso não seja nenhuma dessas opções a sua formação, indique o(s) curso(s) realizado(s):

2.3. - Quantos funcionários trabalham na Biblioteca? Quais cargos desempenhados por esses profissionais?

2.4 – Quem é responsável pela instituição em que trabalha? (Nome e cargo)

2.5 - Qual a formação acadêmica dos funcionários que trabalham na Biblioteca?

2.6- Os funcionários já realizaram curso de capacitação para atuar na Biblioteca?

4. Espaço físico:

4.1 - Como é a biblioteca em que você trabalha? Fale sobre o espaço físico da biblioteca:

4.2 – Qual o número de livros que compõem o acervo da Biblioteca?

4.3 – Quantos leitores frequentam a biblioteca por mês?

Crianças: _____ Adolescentes: _____ Adultos: _____

4.4 – Quantos livros são emprestados mensalmente? _____

4.5 – Como os funcionários realizam o controle de empréstimos e catalogação de livros?

3.7 – A biblioteca possui computadores e *Internet* disponível aos usuários? Quantos computadores? Os funcionários utilizam *Internet* para o trabalho? A *Internet* é livre para os usuários, possui rede *Wi-fi*?

3.8 – Como são adquiridos os livros sua biblioteca? Há algum critério seguido pela instituição para a escolha das obras?

3.9 - Quais os desafios e dificuldades encontrados pela biblioteca em relação à formação do leitor?

ANEXOS

ANEXO A: ESCOLAS ESTADUAIS, PARTICULARES E BIBLIOTECAS PÚBLICAS

RESPONDENTES: MEDIADORES DE LEITURA

Quadro 1 - Perfil Socioeconômico– Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
<i>Sexo</i>	Feminino: 80 % Masculino: 20%	Feminino: 100 %	Feminino: 100 %
<i>Média de Idade</i>	45 anos	51 anos	42,5 anos
<i>Cidade onde reside</i>	Cornélio Procópio – PR: 100%	Cornélio Procópio – PR: 100%	Cornélio Procópio – PR: 100%
<i>Escolaridade</i>	Ensino Médio: 100% Ensino Superior completo: 100% Especialização: 70%	Ensino Médio: 100% Ensino Superior completo: 100% Especialização: 67%	Ensino Médio: 100% Ensino Superior completo: 100% Especialização: 50%
<i>Profissão</i>	Agente Educacional Escriturária Professora Funcionário público Agente de Leitura Servidor Público Estadual Técnico Administrativo	Pedagoga Professora Auxiliar de Biblioteca	Zeladora Pedagoga
<i>Formação em Biblioteconomia ou Ciência da Informação</i>	Não: 100%	Não: 100%	Não: 100%
<i>Formação Acadêmica</i>	Ensino Superior: Administração de Empresas; Pedagogia; Ciências Contábeis; História; Matemática; Letras; Economia; Especialização: Gestão escolar; Recursos Humanos	Ensino Superior: Pedagogia; Letras; Especialização: Literatura e Ensino da Linguagem; Educação especial; Libras	Ensino Superior: Pedagogia; Especialização: Piscopedagogia;
<i>Profissão dos pais</i>	Agente educacional I; Mecânico; Agricultor; Armador de Ferragens; Aposentado; Comerciante; Do lar; Ensacador; Mestre de obras; Operador de máquinas; Policial Militar; Professor;	Do lar; Motorista; Professora;	Agricultor; Vendedor; Do lar;
<i>Escolaridade dos pais</i>	Ensino Fundamental incompleto: 15% Ensino Fundamental completo: 60% Ensino Médio: 20% Pós-graduação: 5%	Ensino Fundamental incompleto: 33,3% Ensino Fundamental completo: 16,6% Magistério: 16,6% Não respondeu: 33,3%	Analfabeto: 50% Ensino Fundamental incompleto: 25% Ensino Fundamental completo: 25%

Em sua casa havia (há):	Rádio: 100% TV: 100% Internet: 80% Aparelho de som: 70% Outros: Computador, Netbook	Rádio: 100% TV: 100% Internet: 67% Aparelho de som: 100% Outros : 0%	Rádio: 100% TV: 100% Internet: 0% Aparelho de som: 100% Outros : 0%
--------------------------------	---	--	---

Fonte: A autora

Quadro 2 - Quem lia em sua infância? - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Você tem lembrança de alguém que lia em sua infância?			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
Quem lia?	O que lia?	O que lia?	O que lia?
<i>o pai</i>	Jornal; Livros; Bíblia; Literatura; Revistas		Revista religiosas; Bíblia; Revistas sertanejas; Almanaque
<i>a mãe</i>	Revistas; Livros; Bíblia; Livros religiosos; Revistas, Histórias infantis, Romances	Livros	Revistas religiosas; livros religiosos; Jornal
<i>irmão ou irmã</i>	Livros; Revistas; Jornal; Literatura; Literatura brasileira, Romance; Ficção	Revistas; Romances	Revistas, Livros didáticos, Literatura
<i>avô</i>			Gibis
<i>avó</i>			
<i>ninguém</i>		x	

Fonte: A autora

Quadro 3 - O que mais gostava de fazer? - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Quando criança, o que você mais gostava de fazer? Numere, de acordo com a ordem de preferência (1 para o que mais gostava)			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
<i>Jogar ou brincar</i>	1°	1°	1°
<i>Ver TV</i>	2°	2°	3°
<i>Ouvir música</i>	5°	3°	4°
<i>Ouvir histórias</i>	3°	5°	2°
<i>Ler</i>	4°	4°	5°
<i>Outra:.....</i>	Estudar matemática		6°

Fonte: A autora

Quadro 4 - Quem lhe contava histórias? - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Quem lhe contava histórias?			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
<i>O pai:</i>	4	1	2
<i>A mãe:</i>	8	2	2
<i>A avó:</i>	2	1	
<i>O avô:</i>	0	1	
<i>Ninguém:</i>	0	1	
<i>Outros:</i>	Tias, irmãs, professoras	todos	Irmãos

Fonte: A autora

Quadro 5 - Histórias ouvidas na infância - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

	Cite uma ou mais história (s) ouvida (s) na infância
	Escolas Estaduais
Respondente: 1	"A coelha e a onça – histórias de fantasmas, Saci-Pererê, etc."
Respondente: 2	"Chapeuzinho Vermelho"
Respondente: 3	"História da mula sem cabeça, saci-pererê."
Respondente: 4	"Não recordo"
Respondente: 5	"Chapeuzinho vermelho"
Respondente: 6	"Histórias populares sem autoria. Talvez inventadas por eles mesmos."
Respondente: 7	"História da vida de imigrantes, guerra, mitos e lendas."
Respondente: 8	"Dona Baratinha e Lobisomem"
Respondente: 9	"Os clássicos da literatura infantil."
Respondente: 10	"Gostava muito de lendas, contada pelos professores"
	Escolas Particulares:
Respondente: 1	"Os três porquinhos"
Respondente: 2	"Chapeuzinho vermelho"
Respondente: 3	"Chapeuzinho vermelho, Cinderela"
	Bibliotecas Públicas
Respondente: 1	"João e Maria"
Respondente: 2	"Amava ouvir muitas vezes: Pinóquio (quem contava até cansava)"

Fonte: A autora

Quadro 6 - Histórias lidas na infância - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

	Cite uma ou mais história (s) lidas (s) na infância
	Escolas Estaduais
Respondente: 1	"João e Maria, O lobo e os porquinhos"
Respondente: 2	"Pinóquio"
Respondente: 3	"O menino do dedo verde; Emília no país da gramática"
Respondente: 4	"Não recordo"
Respondente: 5	"Pinóquio"
Respondente: 6	"Várias do Monteiro Lobato e as clássicas: Chapeuzinho Vermelho, Os três porquinhos, etc."
Respondente: 7	"Chapeuzinho vermelho, Branca de neve e Patinho feio."
Respondente: 8	"Não me lembro, mas eram as histórias de cartilha ou livros que a professora levava à sala."
Respondente: 9	"Os clássicos da literatura infantil."
Respondente: 10	"Não tenho lembrança"
	Escolas Particulares:
Respondente: 1	"Branca de neve"
Respondente: 2	"Cinderela"
Respondente: 3	"Turma da Mônica"
	Bibliotecas Públicas
Respondente: 1	"O cão e a raposa"
Respondente: 2	"O pequeno Lord, Pinóquio, Os três ursos, (várias...)"

Fonte: A autora

Quadro 7 - Os livros eram lidos por você? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Esse (s) livro(s) lido (s) por você:			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas

Era(m) seu (s) ou de alguém de sua casa:	4	2	2
Foi (foram) retirado(s) na biblioteca escolar:	4	2	
Foi (foram) emprestado (s) por um amigo:	4		1
Foi (foram) retirado (s) da biblioteca da cidade:	2	1	1

Fonte: A autora

Quadro 8 - Escolha da profissão: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Por que você escolheu trabalhar com mediação de leitura?	
Escolas Estaduais	
Respondente: 1	“Gosto de trabalhar com livros e fui lotada na biblioteca pela escola”
Respondente: 2	“Por ser gratificante o incentivo a leitura aos alunos.”
Respondente: 3	“Passei no Concurso do Estado para o cargo de Agente Educacional II, que possui duas funções, uma de técnico administrativo e outro de Agente de Leitura pela qual fiz minha opção.”
Respondente: 4	“Fui alocado pela escola.”
Respondente: 5	“Apesar de gostar de trabalhar na biblioteca é o diretor quem estipula minha função dentro dela.”
Respondente: 6	“Nunca imaginei trabalhar em uma escola, porém, apesar de todas as dificuldades, gosto do que faço.”
Respondente: 7	“Para alunos desenvolverem raciocínio e interpretação do texto”.
Respondente: 8	“Não escolhi, mas gosto do que faço.”
Respondente: 9	“Sou funcionário administrativo do governo do estado do Paraná e uma das funções deste cargo é o atendimento da biblioteca.”
Respondente: 10	“Não escolhi, como agente administrativo cuido também da biblioteca.”
Escolas Particulares:	
Respondente: 1	“Para desenvolver nas crianças o gosto pela leitura por intermédio de textos (para).”
Respondente: 2	“Trabalhei em uma biblioteca por vários anos, me encantei. Logo fui trabalhar com crianças do 1º ao 5º em outra biblioteca, foi muito gratificante.” – (Texto alterado para preservar a identidade do respondente)
Respondente: 3	“Gosto de lidar com crianças”
Bibliotecas Públicas	
Respondente: 1	“Isso foi uma surpresa, devido ao local de trabalho”
Respondente: 2	“Como professora a gente já se torna mediador de leitura. Sou funcionária pública e agora trabalho na biblioteca pública e sabendo que gosto desse tipo de trabalho, me deram esse desafio.” (Texto alterado para preservar a identidade do respondente)

Fonte: A autora

Quadro 9 - Gosta de ler? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Você gosta de ler?			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
Sim:	9	2	1
Depende do texto:	1	1	1
Não			

Fonte: A autora

Quadro 10 - Costuma ler? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Você costuma ler (Numere em ordem de importância):			
	Escola Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
somente para estudar:	1	2	1
para me distrair:	2	1	
para aprender religião:	4	4	

para aprender coisas úteis:	3	3	1
Se outras razões, especificar:	Conhecimento, lazer		Porque sinto prazer

Fonte: A autora

Quadro 11 - Leituras correntes - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Que tipo de leitura você costuma fazer?:			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
Ficção científica	7	2	2
Detetive/policial	1		
Poesia	2	1	1
Religião	1	1	1
Escolar	5	2	2
Auto-ajuda	2	1	2
Outra.	Romance, crônicas, não tenho um tipo definido		

Fonte: A autora

Quadro 12 - Leituras realizadas nos últimos 3 meses - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Com relação a histórias escritas (em livros), quais você leu nos últimos três meses? Elencar até cinco histórias:	
	Escolas Estaduais:
Respondente: 1	“Que enchente me carrega? (Mealton Braff); O primo Basílio (Eça de Queiroz); O estrangeiro (Albert Camus) – Há mais de três meses; Crime e Castigo.”
Respondente: 2	“As meninas (Lygia Fagundes Telles); O planalto e a estepe (Pepetela); A culpa é das estrelas”
Respondente: 3	“Memorial de Maria Moura (Rachel de Queiroz); Usina (José Lins do Rego); Grande Sertão Veredas (João Guimarães Rosa); Lendas Brasileiras (Luís da Câmara Cascudo)”
Respondente: 4	“Bartleby o escrivão (Melville Herman)”
Respondente: 5	“Dom Quixote; Terra Papagalli”
Respondente: 6	“Melhores contos – Lygia Fagundes Telles.”
Respondente: 7	“Dona Feia; Querida e Eu fui a melhor amiga de Jane Austen”
Respondente: 8	“50 tons de cinza (trilogia); Ágape; Orgulho e preconceito; Vivendo além dos seus sentimentos; função CEO; A descoberta do prazer e amor; Como eu era antes de você. ”
Respondente: 9	“Alguns contos.”
Respondente: 10	“ Ultimamente não encontro tempo para leitura.”
	Escolas Particulares:
Respondente: 1	“O outro pé da sereia (Mia Couto); Lira dos 20 anos (Álvares de Azevedo); A menina que roubava livros (Markus Zusak); Cidade de Deus (Paulo Lins); Meus poemas preferidos (Manuel Bandeira)”
Respondente: 2	“ Lino, Festa no céu, Chapeuzinho Amarelo, O mundo interior, O ratinho, O morango vermelho maduro, etc.”
Respondente: 3	“Não li!”
	Bibliotecas Públicas:
Respondente: 1	“Autores como Gabriel Garcia Marques, Machado de Assis, Ana Maria Machado, Paulo Freire, entre outros.”
Respondente: 2	“A cabana (Willian P. Young), Quando meu pai perdeu o emprego (Wagner Costa), Amar pode dar certo (Roberto Shinyashiki e Eliana Bittencourt) Motive-se...senão você tem um bom motivo para morrer (Renato Cesar Bini), A fascinante construção do eu (Augusto Cury)”

Fonte: A autora

Quadro 13 - Considera os livros de literatura importantes? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Bibliotecas Públicas

Você considera os livros de literatura importantes para a formação do leitor?			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
Sim:	9	3	2
Depende do texto:			
Não	1 – Não respondeu		
Justifique sua escolha:			
Escolas Estaduais:			
Respondente: 1	“Porque o leitor aprende a falar e a escrever certo, além de conhecer vários lugares através da leitura”		
Respondente: 2	“Melhora o vocabulário, escrita, desenvolvimento do intelecto.”		
Respondente: 3	“Porque os livros de literatura podem contribuir para o desenvolvimento em todas as faixas etárias formando valores ligados à cidadania e solidariedade, valores esses importantes na formação de leitores.”		
Respondente: 4	“Sim, pois, além de tudo ajuda a compreender o contexto social em que vive.”		
Respondente: 5	“A leitura é importante sempre. Através dela se adquire conhecimento.”		
Respondente: 6	“A leitura enriquece o conhecimento, a fala, a escrita, melhora o vocabulário, etc.”		
Respondente: 7	“Porque desenvolve sabedoria e ficam atualizado no mundo em que vivemos.”		
Respondente: 8	“Ao ler temas variados o leitor adquire gosto pela leitura.”		
Respondente: 9	Não respondeu.		
Respondente: 10	“Sim. Principalmente para alunos que estudam o ensino fundamental e médio para que tenham hábito da leitura.”		
Escolas Particulares:			
Respondente: 1	“Enriquece o imaginário, favorece momentos de prazer.”		
Respondente: 2	“Ela é importante para a formação do leitor porque ela exprime a realidade, contribui para a formação da personalidade.”		
Respondente: 3	“Temos que estimular à leitura”		
Bibliotecas Públicas:			
Respondente: 1	“Isso faz com que as pessoas aprimorem ainda melhor o conhecimento.”		
Respondente: 2	“Formação de ideias, ampliação do vocabulário.”		

Fonte: A autora

Quadro 14 - Frequência de leitores nas bibliotecas - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Qual a estatística aproximada de leitores que frequentam a biblioteca por mês?			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
Número de crianças:	575	700	30
Número de adolescentes:	1440	1290	27
Número de adultos:	685	100	34
TOTAL:	2.700	2.090	91

Fonte: A autora

Quadro 15 - Gêneros lidos nas bibliotecas - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Quais os gênero de leitura você considera mais procurados nesta instituição?			
	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Bibliotecas Públicas
Pesquisa escolar	5	1	1
Romances	8	1	2

Poesia	6		2
Aventuras/ policiais/suspense	5	2	0
Ficção científica	3	1	0
Religiosa			2
Jornais	2	1	1
Revistas	2		2
Técnica Assunto(s):			1
Outra (s)	Literatura infanto-juvenil, Gibis e Sabrina	Infanto juvenil infantil	Didáticos, Contos infatis

Fonte: A autora

Quadro 16 - Indicação de livros - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Você indica livros de literatura para os leitores? Quais autores você costuma indicar? O que você leva em conta na indicação dos livros?	
	Escolas Estaduais:
Respondente: 1	“Sim. Literatura infantojuvenil; poesias; Carlos Drumond de Andrade, Cecília Meireles; Mark Twain; Marcos Rey; Julio Verne; Monteiro Lobato; Levo em consideração o gosto dos alunos.”
Respondente: 2	“Sim. Conforme a solicitação de gêneros literários, também os clássicos.”
Respondente: 3	“Rachel de Queiroz; Rubem Braga; Érico Veríssimo; Graciliano Ramos; José Lins do Rego, entre outros.”
Respondente: 4	“Depende da preferência, da faixa etária.”
Respondente: 5	“O livro deve ser adequado à idade do leitor. Àqueles que me pedem sugestões de leitura, indico alguns livros para escolha, de acordo com a necessidade de cada um.”
Respondente: 6	“Sim. Normalmente os que conheço suas obras, idade do leitor, interesse nos assuntos relacionados (pequiza).”
Respondente: 7	“Vários autores, levo em conta o gosto de cada aluno.”
Respondente: 8	“Não indico, deixo a escolha livre. O ano do aluno, a dificuldade em ler.”
Respondente: 9	“Este trabalho geralmente é feito pelo professor de Língua Portuguesa.”
Respondente: 10	“Sim, não tenho autores definidos.”
	Escolas Particulares
Respondente: 1	“Sim. Ruth Rocha, Carlos Drumond de Andrade, Walcyr Carrasco, Coleções Bíblicas. A qualidade dos livros.”
Respondente: 2	“Sim.”
Respondente: 3	“Os próprios alunos já sabem o que querem ler.”
	Bibliotecas Públicas
Respondente: 1	“Muitas das vezes indico obras de Monteiro Lobato e Machado de Assis, ao serem escritores de nomes na literatura.”
Respondente: 2	“Eu primeiro pergunto que tipo de leitura é interessante para o leitor, se tem preferência para algum autor.”

Fonte: A autora

Quadro 17 - Realização de práticas de leitura na biblioteca - Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

Você realiza práticas de leitura na biblioteca? (projetos de leitura, eventos literários, etc). Especificar:	
	Escolas Estaduais:
Respondente: 1	“Ainda não realizei, tendo em vista que estou há pouco tempo nesta função, mas os alunos vêm acompanhados dos professores para realizarem tal projeto.”
Respondente: 2	“Incentivo a leitura com livros, revistas e gibis em intervalos, e professores levam os alunos para a leitura de trechos explicando o que foi entendido e empréstimos de leitura para casa.”
Respondente: 3	“São realizados na biblioteca grupos de estudo em período alternativo com acompanhamento do professor e do agente de leitura.”

Respondente: 4	“Não.”
Respondente: 5	“Cada turma tem um horário estipulado para leitura na biblioteca. Eles podem ler livros, revistas ou jornais, de acordo com a proposta da professora.”
Respondente: 6	“Normalmente os professores já elaboram esses projetos nos seus planejamentos anuais. Há também eventos elaborados por entidades (Sesc, NRE) durante o ano letivo.”
Respondente: 7	“ Não, são os professores que fazem projeto de leitura.”
Respondente: 8	“Sim. Realizamos a hora do conto e preenchimento de fichas literárias.”
Respondente: 9	“Não, a Equipe Pedagógica realiza juntamente com professores.”
Respondente: 10	“As práticas são realizadas pelos professores tanto na Biblioteca como em sala de aula.”
Escolas Particulares:	
Respondente: 1	“Projeto de leitura.” (texto alterado para preservar a identidade da escola)
Respondente: 2	“Sim, hora do conto, festival poesia, dramatizações, etc.”
Respondente: 3	“Coloco quadros de histórias nas paredes. Primeiro estímulo a leitura pelo olhar das figuras, aí surge os métodos com o diálogo.”
Bibliotecas Públicas	
Respondente: 1	“Na Biblioteca à algumas vezes projetos de eventos cabíveis a cultura.”
Respondente: 2	“Sim. Bimestrais. Projetos escolares.”

Fonte: A autora

Quadro 18 - De que conhecimentos se vale para trabalhar como mediador? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

De que conhecimentos você se vale para atender o leitor, para escolher os livros a serem comprados e cuidar do acervo? Há diretrizes que o orientem ou que devam ser seguidas por sua instituição? Ou os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo?

Escolas Estaduais:	
Respondente: 1	“Os livros adquiridos são indicados pelos professores e outros são recebidos do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Há um regulamento da biblioteca escolar a ser seguido.”
Respondente: 2	“Os livros são enviados pelo FNDE e doações. O acervo é controlado via sistema da escola e os empréstimos controlados manualmente.”
Respondente: 3	“O atendimento ao leitor tem como base orientações contidas no Projeto político pedagógico da escola, diretrizes, planejamento dos professores e regimento escolar.”
Respondente: 4	“Empírico.”
Respondente: 5	“Normalmente os livros comprados são indicações de professoras ou de colegas que recomendam certas leituras. Para cuidar do acervo e atender os alunos adequadamente, existe na escola um regulamento a ser seguido.”
Respondente: 6	“Há o regimento interno, onde o uso da biblioteca é inserido no contexto, porém, não há funcionários com formação específica (bibliotecários de formação). No meu caso sou agente educacional II, onde dentro das atribuições a mim referida, está de ser agente de leitura. Há muita intuição envolvida nesta área. Porém, nenhuma especificidade.”
Respondente: 7	“São seguidos por professores e alunos.”
Respondente: 8	“Os livros do nossa acervo são compostos por livros recebidos pelo FNDE/PNDE e doação da comunidade, e os trabalhos são realizados de modo intuitivo.”
Respondente: 9	“São feitos de modo intuitivo, uma vez que, não existe um funcionário específico para a biblioteca.”
Respondente: 10	“Os livros são: enviados pelo FNDB, pela SEED, Órgãos Governamentais, Empresas etc... e muitas doações da comunidade.”
Escolas Particulares:	
Respondente: 1	“Na nossa instituição é seguido de uma forma que possamos atender desde a educação infantil até a fase das séries finais – com o projeto leitor crítico com horário semanal na biblioteca – leitura aqui e leitura em casa.”
Respondente: 2	“Faço pesquisa em sites especializados, livros indicados e lançamentos. Não há diretrizes.”
Respondente: 3	“Já fui criança e adolescente, acredito que é importante ter o interesse pelo cotidiano e assim vem naturalmente através de conversas e interesses e identificação com a pessoa.”
Bibliotecas Públicas	
Respondente: 1	“Primeiramente o atendimento se dá aos cursos realizados a minha pessoa para atender ao público, como secretariado entre outros, muitas vezes de modo intuitivo.”

Respondente: 2	“Os livros aqui existentes vieram da Secretaria da Educação, Itaú Social, Biblioteca Pública do Paraná, Doações da comunidade, etc. Os trabalhos são realizados de modo intuitivo.”
----------------	---

Fonte: A autora

Quadro 19 - De que maneira você colabora para a formação do leitor? Bibliotecas: Escolas Estaduais, Escolas Particulares e Bibliotecas Públicas

De que maneira você colabora para a formação do leitor? Utiliza-se de um saber já sistematizado, ex: livros que ensinam projetos e maneiras de como contribuir para a formação de leitores. Ou os trabalhos realizados, desde o atendimento ao cliente, indicação de livros, projetos de leitura, etc. são feitos de modo intuitivo, a seu critério?	
Escolas Estaduais:	
Respondente: 1	“Ainda não tive treinamento.”
Respondente: 2	“Através do contato direto com os alunos, e trabalhos realizados pelos professores.”
Respondente: 3	“São realizados a partir da leitura e estudo de livros técnicos, pesquisa na <i>Internet</i> (projetos de sucesso); de uma boa conversa com os alunos, onde se consegue descobrir suas preferências por determinados assuntos, conhecimento de livros lidos anteriormente, indicações por critério do professor.”
Respondente: 4	“Empiricamente, auxiliando na escolha do livro mais indicado ao leitor.”
Respondente: 5	“Acredito que no dia a dia participo da formação de leitores, pois estou diretamente em contato com eles, podendo assim direcioná-los e incentivá-los à leitura.”
Respondente: 6	“Normalmente são os professores que direcionam seus alunos para a biblioteca, já com seus trabalhos a serem desenvolvidos em mãos. Eu apenas dou o direcionamento inicial. Muita coisa é intuitiva e práticas adquiridas com o tempo.”
Respondente: 7	“Indicação de livros, projetos de leitura com professoras da disciplina.”
Respondente: 8	“Procuro saber o que o aluno gosta ou em que está interessado em ler, a partir daí faço algumas indicações.”
Respondente: 9	“A escola promove projetos juntamente com os professores de Língua Portuguesa.”
Respondente: 10	“Incentivo com indicação de livros, como não tenho formação na área, observo o leitor assim vejo como posso ajudar na formação do mesmo.”
Escolas Particulares	
Respondente: 1	“Trabalhando com projeto de leitura. Ex: portfólio que consiste na realização de atividades envolvendo as leituras dos livros de leitura retirados na biblioteca, tendo como objetivo: criar o hábito de escutar histórias.”
Respondente: 2	“Utilizando meu conhecimento, de buscas, pesquisas e inovações.”
Respondente: 3	Não respondeu.
Bibliotecas Públicas	
Respondente: 1	“Tento colaborar ao máximo para que o leitor se sinta a vontade.”
Respondente: 2	“Tudo o que passo para o leitor é aquilo que um dia quis pra mim, então me esforço para ser a melhor possível no atendimento aos frequentadores da biblioteca.”

Fonte: A autora

ESCOLAS ESTADUAIS E PARTICULARES SEM BIBLIOTECAS E/OU MEDIADORES DE LEITURA

Quadro 20 - Práticas de leitura na biblioteca? Escolas Particulares que não possuem mediador de leitura

A escola realiza práticas de leitura na biblioteca? Como são realizadas?	
Escolas Particulares:	
Respondente: 4	“Não”
Respondente: 5	“Na biblioteca, não. Em sala de aula desenvolvo projetos de leitura.”

Fonte: A autora

Quadro 21 - De que conhecimentos a escola se vale para trabalhar como mediador? Escolas Particulares que não possuem mediador de leitura

De que conhecimentos a escola se vale para atender o leitor, para escolher os livros a serem comprados e cuidar do acervo? Há diretrizes que o orientem ou que devam ser seguidas por sua instituição? Ou os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo?	
Escolas Particulares:	
Respondente: 4	“Os trabalhos são direcionados pelos professores.”
Respondente: 5	“Como professora de Língua Portuguesa atendo aos leitores a partir dos projetos de leitura que desenvolvo. Aliás, nosso colégio, por ser uma instituição particular, não investe em nossa biblioteca e seus serviços.”

Fonte: A autora

Quadro 22 - Formação do leitor: Escola Estadual que não possui mediador de leitura

Escola Estadual:
“Na escola onde atuo não existe este sistema de empréstimos de livros, pois a biblioteca está conjugada com o laboratório de informática, impossibilitando que os alunos a utilizem da maneira correta. O uso dos livros aqui são muito restritos, pois não temos espaço para que os alunos entrem na biblioteca e façam esta atividade de trocas de livros e troca de conhecimento. A única atividade de leitura nesta escola é realizada por alguns professores de Língua Portuguesa, que levam os livros para sala, onde os alunos fazem a leitura. No meu ver acho de suma importância as crianças terem esta atividade na biblioteca, lugar este que inspira conhecimentos.”

Fonte: A autora

ANEXO B: ESCOLAS MUNICIPAIS

RESPONDENTES: DIRETORAS E/OU SUPERVISORAS

Quadro 23 - Perfil dos respondentes - Escolas Municipais

	Escolas Municipais
Sexo	Feminino: 100 % Masculino: 0%
Escolaridade	Ensino Superior completo: 100% Especialização: 100%
Profissão	Diretora Professora Supervisora

Fonte: A autora

Quadro 24 - Considera-se leitor? - Escolas Municipais

	Você se considera um leitor? Por quê?
Respondente 1	“Sim, adoro ler, sempre nas horas vagas. Com isso adquirei mais conhecimentos e proporciona facilidade na hora de redigir algo.”
Respondente 2	“Confesso que leio menos do que deveria ou gostaria, porém, tenho acesso a textos científicos, filosóficos entre outros como forma de aperfeiçoamento devido à minha profissão.”
Respondente 3	“Sim. Gosto de ler, minha profissão favorece a prática da leitura, se tivesse mais tempo com certeza leria mais.”
Respondente 4	“Sim. Sempre gostei de ler! Leio muito, vários livros ao mesmo tempo. Gosto de me manter informada.”
Respondente 5	“Sim. Sempre tive o hábito de ler, sendo que a leitura é primordial em minha vida pessoal e profissional.”
Respondente 6	“Mais ou menos. Leio menos do que deveria. Procuro ler mais o que é necessário para o trabalho, informações ... Leitura por fruição com pouca frequência.”
Respondente 7	“Sim, porque é meu passatempo favorito. Férias, horas vagas e leitura excelente.”
Respondente 8	“Sim. Porque estou constantemente lendo livros, jornais, revistas, artigos científicos, entre outros. No momento estou cursando minha terceira pós-graduação, a qual juntamente com a minha profissão necessita de muita leitura.”
Respondente 9	“Sim. Porque leio muito e muito rápido.”
Respondente 10	“Sim, porque leio diariamente, vários tipos de leitura: jornal, revista, livro, artigos.”
Respondente 11	“Sim, porque uso a leitura como forma de lazer e profissionalmente.”
Respondente 12	“Sim. Gosto de manter-me informada e para o aperfeiçoamento profissional e lazer.”

Fonte: A autora

Quadro 25 - Considera a leitura importante para a formação da criança? - Escolas Municipais

	Você considera a leitura importante para a formação da criança? Por quê?
Respondente 1	“A leitura é muito importante porque através dela desenvolvemos o senso crítico do aluno e também ajuda o mesmo na ampliação de ideias e na ortografia.”
Respondente 2	“Com certeza; ao ler o leitor é desafiado a identificar símbolos gráficos, a formar conceitos e opiniões, enfim, a descobrir o seu mundo, a despertar o espírito crítico e o gosto em aprender.”
Respondente 3	“Sim. Proporciona conhecimento.”
Respondente 4	“Com certeza! A criança que lê é mais criativa na escola, tem mais “conteúdo”, seu desenvolvimento escolar é mais produtivo.”

Respondente 5	“Sim. É por meio da leitura que a criança irá se encontrar como indivíduo pensante.”
Respondente 6	“Super importante. A criança que lê bastante, além de ampliar o vocabulário tem muito mais condições de produzir textos.”
Respondente 7	“Sim, principalmente a leitura pelo prazer de ler se divertir e aprender.”
Respondente 8	“Sim. A leitura é capaz de desenvolver o intelecto e a parte crítica da criança; desperta o gosto e o hábito constante pela leitura, melhora o vocabulário e aprimora a parte descritiva, além de proporcionar um conhecimento amplo para o seu dia a dia.”
Respondente 9	“Sim. Porque é através da leitura que enriquecemos nosso vocabulário, escrevemos corretamente. Nos tornamos letrado.”
Respondente 10	“Considero muito importante, pois a leitura abre a mente para o novo e para as possíveis mudanças no homem e na sociedade, além de ampliar a cultura.”
Respondente 11	“Sim, porque a leitura na infância tem uma função lúdica e as descobertas das histórias e do mundo letrado encantam desde cedo.”
Respondente 12	“Sim. A leitura estimula a imaginação, amplia o vocabulário e o conhecimento, desenvolve a criatividade e proporciona melhor produção escrita.”

Fonte: A autora

Quadro 26 - : Acha a biblioteca um espaço social necessário para a formação do leitor? - Escolas Municipais

	Você acha a Biblioteca um espaço social necessário e importante para a formação do leitor? Por quê?
Respondente 1	“Com certeza, porque os livros expostos e um profissional para atender aumenta o interesse dos alunos.”
Respondente 2	“Sim. Mesmo em tempos tecnológicos a biblioteca tem a sua importância, pois nela, o leitor encontra um espaço de leitura, criação e busca de conhecimentos, porém, ela deve ser dinâmica, ligando a tradição e a modernidade.”
Respondente 3	“Sim. É o local apropriado para concentração e desenvolver o gosto e hábito da leitura.”
Respondente 4	“Sim. A biblioteca, com diversidades de livros, atrai a curiosidade e o interesse da criança para que adquira hábitos de leitura.”
Respondente 5	“Sim. Porque é um espaço preparado para a leitura. Local adequado e que oferece diversas oportunidades para a formação do leitor (ambiente silencioso, convidativo com pessoas preparadas para atender o frequentador).”
Respondente 6	“É muito importante. Sendo o espaço adequado e atrativo, a leitura se torna muito mais estimulante.”
Respondente 7	“Importantíssimo, pois é um espaço de socialização do conhecimento.”
Respondente 8	“Sim. Porque nesse espaço, além das pesquisas, o leitor pode se socializar: conversando, trocando ideias, experiências e até mesmo indicar bons livros para outros leitores.”
Respondente 9	“Sim.”
Respondente 10	“Sim, considero a biblioteca um espaço do saber, que dá oportunidade às crianças para ampliar o conhecimento e desenvolver o gosto e o hábito para leitura.”
Respondente 11	“Sim, para que as crianças se envolvam com os livros e tenham um ambiente sossegado para aproveitarem o manuseio dos livros.”
Respondente 12	“Sim. Favorece o contato com os livros além de ser um ambiente estruturado para favorecer a leitura.”

Fonte: A autora

Quadro 27 - Como é a biblioteca da sua escola? - Escolas Municipais

	Como é a biblioteca da sua escola? Fale sobre o espaço, número de livros que compõem o acervo e a frequência média mensal dos alunos que a frequentam.
Respondente 1	“O espaço é restrito, por falta de espaço físico, funciona também os projetos de xadrez e artesanato. Possuímos aos alunos um acervo bem variado. Na medida do possível, os alunos frequentam com o professor.”
Respondente 2	“Nossa escola tem um acervo que abrange livros de literatura infantojuvenil; o espaço é amplo com mesinhas para a leitura e cada turma tem seu horário de visitação semanal.”
Respondente 3	“Espaço pequeno, número bom de exemplares. Uma vez por semana.”
Respondente 4	“Um espaço, agora, bem organizado, porém com poucos livros infantis. Cada sala de aula

	possui o seu “cantinho da leitura”.”
Respondente 5	“Em minha escola há um espaço destinado à biblioteca, porém é utilizado como sala de aula para os alunos do 1º ano no Período vespertino (Integral). O número de livros é mais que o suficiente para que o professor faça um excelente trabalho. cada sala de aula possui um acervo e conforme vão terminando de ler, trocam com outras salas.”
Respondente 6	“A biblioteca funciona em um espaço compartilhado com o laboratório de informática e sala de música. Os alunos frequentam uma vez por semana.”
Respondente 7	“Não temos biblioteca, atualmente falta até sala de aula.”
Respondente 8	“(Segundo o atendente da biblioteca) É diversificada e ampla. Compõe o nosso acervo cerca de 10.000 livros e a média de 150 a 170 alunos mensal e demais professores. A biblioteca atende escola compartilhada municipal/estadual.”
Respondente 9	“A escola tem um espaço, atualmente não temos mobília adequada, mas temos um acervo grande de livros e os alunos frequentam semanalmente o espaço.”
Respondente 10	“Em nossa escola a biblioteca funciona nas salas de aula, cada sala, tem em média, mais ou menos cem livros de Literatura Infantil, que ficam a disposição dos alunos para a leitura diária.”
Respondente 11	“Atualmente a biblioteca está sendo compartilhada com a sala de informática. Os livros são separados por assunto/série e são usados pelos alunos tanto nesta sala como para empréstimo.”
Respondente 12	“Não há um espaço específico. Temos uma sala em comum com o laboratório de informática e sala de vídeo. Temos uma biblioteca móvel. Estima-se cerca de 1.000 livros.”

Fonte: A autora

Quadro 28 - A escola possui biblioteca e mediador de leitura? - Escolas Municipais

	A sua escola possui uma biblioteca e mediador de leitura (bibliotecário ou responsável pela biblioteca)? Caso não haja, quais medidas a escola realiza para não prejudicar a formação do leitor?
Respondente 1	“Possui, mas não tem um responsável fixo. O atendimento é feito pela Equipe Pedagógica. A supervisora monta uma caixinha de leitura para cada sala que a cada quinze dias são substituído por outros.”
Respondente 2	“Cada professor é o mediador responsável pela sua turma e a supervisora pela organização do espaço.”
Respondente 3	“Sim. Uma vez por semana os alunos escolhem um exemplar e levam para ler em casa.”
Respondente 4	“Possui uma biblioteca, mas não possui bibliotecário. Como mencionei acima cada sala possui o “cantinho da leitura” e caixas com livros adequados à idade.”
Respondente 5	“Não. Como citado na pergunta anterior, os professores trabalham em sala de aula com projetos de leitura.”
Respondente 6	“Não possui um mediador específico para isso. É o próprio professor que realiza o trabalho.”
Respondente 7	“A escola possui um acervo com mais de 2000 livros que ficam em caixas e elas são usadas pelos professores em sala de aula.”
Respondente 8	“Sim. Uma atendente de biblioteca.”
Respondente 9	“Possui biblioteca, mas não possui bibliotecário, é o próprio professor que realiza o trabalho de empréstimos e devoluções de livros.”
Respondente 10	“O professor é o mediador da leitura, todos os dias, o professor lê para seus alunos, como também, abre um espaço para leitura dos alunos.”
Respondente 11	“A escola possui uma biblioteca instalada precariamente junto com a sala de informática e não possui um mediador. As professoras das turmas e a professora de texto e leitura (período integral) é que desempenha esta função.”
Respondente 12	“O trabalho é realizado pelo professor e equipe pedagógica, amparada em projeto específico.”

Fonte: A autora

Quadro 29 - Os alunos participam de atividades de leitura? - Escolas Municipais

	Na biblioteca de sua escola os alunos participam de atividades de leitura? Como são realizadas as ações de mediação de leitura?
--	--

Respondente 1	“Os professores agendam na supervisão, dia e horário para realizarem atividades de leitura.”
Respondente 2	“Cada turma, uma vez por semana, vai no seu horário programado à biblioteca e lá participam de leituras diversas mediadas pelo professor.”
Respondente 3	“Os alunos levam livros para ler em casa.”
Respondente 4	“Cada professora desenvolve o trabalho proposto pelos cursos de formação em sala de aula.”
Respondente 5	“Sim (em sala de aula). Além dos projetos há rodízio de professores na hora de contar histórias. Os professores trocam de sala, escolhem um livro e lêem para os alunos.”
Respondente 6	“Há um momento em que o professor realiza a leitura para todos e o momento de leitura individual (Deleite).”
Respondente 7	“Hora da leitura onde o professor diariamente coloca seus alunos em contato com os livros.”
Respondente 8	“Sim. Temos um cronograma semanal para cada turma, onde realizamos atividades de leitura, interpretação de histórias, contação de histórias, entre outras atividades.”
Respondente 9	“Temos o Projeto de Leitura, onde 1 vez por semana (5ª feira) temos o momento em que a escola inteira para, todos leem um período de 30 minutos.”
Respondente 10	“Diariamente, dentro da sala há hora dedicada a leitura e também em outros espaços, como debaixo das árvores, no pátio central.”
Respondente 11	“As atividades de leitura acontecem na sala de aula na maioria das vezes porque a biblioteca compartilha o espaço com a informática. São rodas de leitura, leitura pela professora e empréstimos de livros.”
Respondente 12	“Leitura semanal, no pátio, para todos os alunos, por funcionários e convidados. Leitura em sala de aula sendo a “leitura pela leitura” ou para desenvolver atividades pedagógicas.”

Fonte: A autora

Quadro 30 - Os alunos realizam empréstimos de livros? - Escolas Municipais

	Os alunos fazem empréstimos de livros para realizar leituras em casa? Quais são os gêneros que eles mais procuram?
Respondente 1	“Não levam livros para casa, pois não temos quem faça o controle.”
Respondente 2	“Do pré ao 3º ano, devido ao Pacto da Educação, existe uma estante expositora em cada sala e o rodízio é feito de maneira semanal entre as turmas e nos outros anos (4º e 5º), os alunos levam uma vez por semana e ao devolverem, discutem suas leituras.”
Respondente 3	“Sim. Contos de fadas, contos.”
Respondente 4	“Sim. Temos “sacolas de leituras” que os alunos levam para casa, fazendo rodízio dos livros. O gosto é de acordo com a faixa etária: contos, fábulas, poesias...”
Respondente 5	“Não”
Respondente 6	“Não levam para casa. O gênero que mais gostam é “Contos de Fadas””
Respondente 7	“Gibi, conto de fadas.”
Respondente 8	“Sim. Literatura infantil, gibis, histórias em quadrinhos, poesias e contos (são menos procurados).”
Respondente 9	“Sim. Contos.”
Respondente 10	“Sim. Os alunos levam livros para ler em casa, em geral, os menores preferem a Literatura Infantil e os maiores já se interessam por livros de pesquisa, científicos, informativos.”
Respondente 11	“Sim. Cada idade tem sua preferência, os menores gostam dos contos de fadas e os maiores de aventuras. A poesia é o menos procurado.”
Respondente 12	“Sim. Como a faixa etária é dos 4 aos 13 anos, na sua maioria são livros de literatura infantil: contos, poesias, HQ...”

Fonte: A autora

Quadro 31 - A escola realiza projetos de leitura? - Escolas Municipais

	A escola e/ou a biblioteca realizam projetos de leitura, contação de histórias, eventos literários, etc? Descreva-os.
Respondente 1	“A escola possui o Projeto de Leitura que é realizado a cada quinze dias. Na ocasião é feita uma troca de professores entre as turmas, elas lêem uma história e fazem um trabalho com os alunos.”
Respondente 2	“Durante o ano letivo, os alunos produzem vários tipos e gêneros textuais que são transformados ao final do ano, em livros que são confeccionados por eles e colocados à mostra para a comunidade escolar e colocados na biblioteca para leitura.”

Respondente 3	“Sim. Temos o projeto Ciranda do livro, já discutido na pergunta 3.5.”
Respondente 4	“Sim, além do trabalho de sala de aula temos a contação de história a cada 15 dias no pátio da escola, que faz parte do “projeto disciplinar”.”
Respondente 5	“Sim. Projetos (cada professora faz o seu), contação de histórias (rodízio de professores, cada professor conta história em uma sala diferente por semana (1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos).”
Respondente 6	“Na sala de aula tem o Espaço Deleite – Hora da leitura, todos os dias.”
Respondente 7	“Falta espaço físico, mas nos horários de intervalo do almoço os alunos fazem leitura.”
Respondente 8	“Sim. No horário específico para cada turma são realizados eventos literários, contação de histórias, interpretação, ilustração, etc.”
Respondente 9	“Sim. Já citei na 3.6”
Respondente 10	“A escola realiza projetos como “Ler com Prazer”. Toda sexta-feira a escola toda realiza a hora da leitura, no início das aulas por quarenta minutos. Nas salas acontecem a contação de história, relatos de obras literárias.”
Respondente 11	“Em alguns anos as professoras realizam contação de histórias, onde uma sala visita outra sala para ouvir.”
Respondente 12	“Sim. Contação de histórias: semanal no pátio, na sala de aula diariamente. Produção de livro e tarde de autógrafos: os textos produzidos pelos alunos durante o ano são encadernados e entregues em tarde de autógrafa.”

Fonte: A autora

Quadro 32 - Como são adquiridos os livros de sua escola? - Escolas Municipais

	Como são adquiridos os livros de sua escola? Há algum critério seguido pela escola para a escolha das obras?
Respondente 1	“Recebemos várias caixas, do MEC, de livros de literatura infantil e juvenil.. a escola, também, com verbas do PDDE adquiri também.”
Respondente 2	“Nossos livros são provenientes do Mec, de doações e de compras feitas pela própria escola na medida em que há interesse e solicitação dos professores por alguns exemplares.”
Respondente 3	“Fornecidos pelo MEC.”
Respondente 4	“Com recursos do Mais Educação, obras do PNDE e algumas vezes com recursos próprios (de promoções)”
Respondente 5	“Recebemos inúmeros livros do PNBE e a escola adquire outras coleções com recurso próprio. Temos um acervo muito rico.”
Respondente 6	“Os livros vem do FNDE-PNBE Governo Federal.”
Respondente 7	“Através de promoções, rifas, e com dinheiro do PDDE.”
Respondente 8	“A maioria dos livros recebemos do FNDE e doação da comunidade. Não.”
Respondente 9	“Recebemos a maioria do MEC.”
Respondente 10	“A escola recebe livros literários do FNDE, outra parte compra com recursos do PDDE. A escolha das obras compradas é feita pelos professores e equipe pedagógica.”
Respondente 11	“Os livros são recebidos do FNDE, em alguns momentos a Secretaria Municipal doa e a escola também usa o dinheiro do PDDE para aquisição de obras.”
Respondente 12	“A maioria são do PNBE, outros adquiridos pela própria escola e alguns de outros programas de iniciativas particulares como: Integrada, Natura e outros.”

Fonte: A autora

Quadro 33 - Qual a importância das obras do PNBE para sua escola? - Escolas Municipais

	As Escolas Municipais recebem várias obras do PNBE. Qual a importância de tais obras para sua escola e para os alunos? Os alunos podem levar os livros do PNBE para realizar leituras em casa? Na escola, quem é responsável por esses livros?
Respondente 1	“As obras enviadas pelo PNBE ficam na supervisão, em caixas, são catalogados e levados para sala de aula, pela professora para que os alunos escolham o volume para fazerem a leitura. Não levam para casa devido não ter um responsável para fazer o controle.”
Respondente 2	“Os livros do PNBE são acoplados ao acervo da escola; os alunos realizam suas leituras conforme orientação do professor e a supervisora é a responsável por catalogar e organizar esses livros.”
Respondente 3	“Muita importância.”

Respondente 4	“As obras são muito interessantes, na maioria das vezes os livros são usados em sala de aula e de acordo com os projetos trabalhados, levam para casa para leitura. Os livros ficam na secretaria e alguns em sala de aula, no cantinho da leitura.”
Respondente 5	“Essas obras são de fundamental importância para o trabalho realizado pelos professores pela diversidade apresentada. Os alunos não levam para casa. O responsável é a diretora e equipe pedagógica.”
Respondente 6	“Os próprios professores são responsáveis pelos livros.”
Respondente 7	“Importantíssimo, pois são ótimos livros e os alunos podem levar para casa e o professor é o responsável.”
Respondente 8	“(segundo a atendente da biblioteca) Não. Atendente de biblioteca.”
Respondente 9	“Recebemos as obras, são riquíssimas, os alunos levam para casa e o responsável é o professor de cada turma.”
Respondente 10	“A partir das obras do PNBE, observou-se que muitas crianças se interessam por ler mais, como também, muito tem contribuído para o processo de alfabetização. Os livros ficam sobre a supervisão das professoras e são de uso em sala de aula. Os alunos levam para casa outros livros disponibilizados.”
Respondente 11	“As obras são boas e o governo garante que cheguem nas escolas o que possibilita o acesso à leitura de todos. Também podem levar os livros e a equipe pedagógica se encarrega da arrumação das obras e as professoras são mediadoras.”
Respondente 12	“São importantes pela variedade textual e qualidade do material. Os alunos levam para casa também. O professor é o principal responsável pelo trabalho.”

Fonte: A autora

Quadro 34 - De que conhecimentos o mediador de leitura ou a escola se valem para contribuir para a formação do leitor? - Escolas Municipais

	De que conhecimentos o mediador de leitura (bibliotecário ou responsável pela biblioteca) ou a escola se valem para contribuir para a formação do leitor? Ou os trabalhos realizados são feitos de modo intuitivo, a critério próprio dos responsáveis?
Respondente 1	“Não temos bibliotecário.”
Respondente 2	“Os professores recebem formação continuada através do Pacto da Educação na área de Língua Portuguesa e Matemática.”
Respondente 3	“Sim. De modo intuitivo, não há diretrizes que orientem.”
Respondente 4	“De cursos de formação, ter interesse e aptidão pelo que faz, dar bons exemplos, ser um leitor ativo. Não temos bibliotecários na escola.”
Respondente 5	“Os trabalhos são realizados de modo intuitivo, a critério de cada professor que busca meios para encantar e formar leitores.”
Respondente 6	“Alguns professores da escola participam do Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa.”
Respondente 7	“Não temos.”
Respondente 8	“Os trabalhos são realizados de modo intuitivo, a critério da atendente e algumas professoras.”
Respondente 9	“Não é o mediador. Somente o professor.”
Respondente 10	“Em especial, os alunos do 1º ao 3º ano receberam livros específicos para a alfabetização, além dos literários, livros muito bons, que abrangem o lúdico com conteúdo e todas as professoras receberam capacitação de como melhor explorar os livros tanto de Literatura como didáticos.”
Respondente 11	“Os trabalhos são realizados de modo intuitivo pelos professores.”
Respondente 12	“Temos o “Projeto Leitura” que norteia todo o trabalho realizado.”

Fonte: A autora

Quadro 35 - De que maneira o Município contribui para a formação do leitor? - Escolas Municipais

	De que maneira o município intervém como órgão gerenciador de recursos financeiros e humanos para subsidiar o exercício da formação de leitores em sua escola e nas outras escolas municipais?
Respondente 1	“Através de cursos de capacitações e reuniões, ofertados pela Secretaria de Municipal de

	Educação.”
Respondente 2	“Através de vários projetos envolvendo concursos culturais em parceria com UTFPR, UENP, SESC, ADAN, AGRINHO (SENAR-PR), CGU, Grêmios haicai Ipê etc.”
Respondente 3	Não respondeu.
Respondente 4	“Percebo preocupação pela nossa secretaria em estar promovendo e incentivando os cursos de formação continuada e estudos relacionados ao tema.”
Respondente 5	“A Secretaria de Educação está sempre incentivando os projetos, bem como, realizado capacitação sempre que possível.”
Respondente 6	“Algumas orientações são realizadas através da Secretaria Municipal de Educação.”
Respondente 7	“O município incentiva a leitura, mas falta investimento financeiro, falta também gerenciar e fomentar políticas públicas para a promoção da leitura.”
Respondente 8	“Através de incentivo a leitura na biblioteca cidadã e capacitação continuada para os professores.”
Respondente 9	“No momento contamos com o PNAIC, que tem ajudado e capacitado os professores quanto ao uso das sequências didáticas em sala de aula.”
Respondente 10	“O município oferece capacitações, bem como, incentiva a participação em projetos ligados a leitura e também com parceiros como Sesc, UTFPR.”
Respondente 11	“Na escola em tempo integral há o profissional de texto e leitura.”
Respondente 12	“Através de projetos, programas e concursos.”

Fonte: A autora

Quadro 36 - Quais desafios e dificuldades para a formação do leitor? - Escolas Municipais

	Quais os desafios e dificuldades encontrados pela escola em relação à formação do leitor?
Respondente 1	“Falta de espaço físico e de um profissional para fazer este trabalho.”
Respondente 2	“Acredito que seja o fato de nós educadores termos dificuldade para adquirir e manter o hábito da leitura, bem como, a não estimulação dos alunos a uma prática de leitura mais prazerosa, tendo em vista, a falta de métodos mais precisos que os auxiliem em sala de aula.”
Respondente 3	“Falta de interesse por parte da maioria dos alunos, que preferem estar conectados a jogos, redes sociais, etc.”
Respondente 4	“A falta de incentivo e até mesmo condições, devido a clientela que temos na escola.”
Respondente 5	“O fato de termos um ambiente apropriado, porém não tendo condições de usá-los adequadamente e com pessoas especializadas.”
Respondente 6	“Gostaríamos de ter um espaço físico somente para a biblioteca.”
Respondente 7	“Falta a família valorizar os livros e a leitura e percebe sua importância para o desenvolvimento intelectual e social de seus filhos.”
Respondente 8	“Não observo dificuldades em relação à formação de leitores, pois os alunos participam de todas as atividades propostas e desenvolvidas pelos professores e possuem em sua rotina momentos reservados (cronograma) para visitas à biblioteca, onde retiram livros e levam para casa.”
Respondente 9	“A dificuldade é que a nossa clientela não tem pais leitores, portanto não são estimulados.”
Respondente 10	“Na formação do leitor, apenas que houvesse mais incentivo por parte dos pais e em muito facilitaria o trabalho com a leitura, se tivéssemos uma biblioteca ativa na escola.”
Respondente 11	“Há um grande concorrente do uso do livro, que é a <i>Internet</i> .”
Respondente 12	“A superação da falta de espaço específico para a biblioteca.”

Fonte: A autora

Quadro 37 - Sugestões para melhoria do potencial do uso da biblioteca nas Escolas Municipais- Escolas Municipais

	Você poderia sugerir algumas medidas ou ações que pudessem contribuir na melhoria do potencial do uso da biblioteca nas Escolas Municipais?
Respondente 1	“Espaço físico adequado e um profissional para atendimento.”
Respondente 2	“Acredito que deveria ter um bibliotecário que ajudasse aos professores e alunos no favorecimento da gestão da informação e do conhecimento no uso da biblioteca nas Escolas

	Municipais.”
Respondente 3	“Ter um cargo específico de bibliotecário para cada escola.”
Respondente 4	“Que cada escola tivesse sua biblioteca (atualizada) juntamente com um bibliotecário específico para esse trabalho.”
Respondente 5	“Espaço físico adequado podendo ser usado. Contratação de bibliotecário.”
Respondente 6	“Mais em relação ao espaço físico mesmo. O acervo é razoável.”
Respondente 7	“Primeiro é preciso construir a biblioteca.”
Respondente 8	“Se não houver medidas o ações pré-definidas, a biblioteca poderá criar ou elaborar um projeto que possibilite condições para aprendizagem permanente quanto ao seu uso, como: orientações, empréstimos, referências, divulgação atrativa para o leitor, entre outros.”
Respondente 9	Não respondeu.
Respondente 10	Não respondeu.
Respondente 11	“Seria bom termos um profissional só para o atendimento das bibliotecas.”
Respondente 12	“Haver um espaço adequado, profissional capacitado, bom acervo e projeto específico.”

Fonte: A autora